

INTRODUÇÃO

Formulou José Ortega y Gasset: eu sou eu mais a minha circunstância.² Isso significa não somente que o ser humano se encontra rodeado de circunstâncias, imerso nas circunstâncias, mas que se constitui como tal sujeito com suas circunstâncias. A circunstância é o que o sujeito vive como situação vital.³ Um mundo inserido no outro. O mundo interior e o mundo exterior. As diversas circunstâncias da vida abarcam, influem, explicam, questionam, determinam e até, se for concedido, governam o comportamento dos seres humanos. Daí a importância do tema em questão.⁴

O indivíduo não é o eixo em torno do qual gira a realidade. Tampouco é um ser abstrato, mas uma realidade concreta que vive aqui e agora. E tal vida não é só biológica, contudo também o é. As teorias astrofísicas mais complicadas ou as tentativas de explicação do mistério trinitário podem ser atrapalhadas por uma dor de dente, problema digestivo ou paixão aguda. Para todas as atividades humanas concorre a unidade corpo-alma em uma complexidade que abarca de um modo ou de outro as chamadas três vidas: vegetativa, instintiva e intelectual. Decisões e escolhas são influenciadas por componentes nem sempre racionais, quando não fortemente influenciados instintivamente. Encontram-se nesse campo, por exemplo, a fragilidade na sede ou na fome, na dor ou no gozo, no sucesso e no fracasso, na virtude ou no vício, no amor ou no ódio, no ressentimento e no perdão, no preconceito e na ideologia. Realidades que condicionam ou impedem de pensar. No cadinho da existência diária há o encontro e também o confronto entre esses componentes.

“No *caminho* da própria vocação eclesial, é preciso estar atento, mormente às motivações e reta intenção, liberdade na decisão, formação, idoneidade ou qualidades. Os especialistas em teologia espiritual descrevem o diretor espiritual como aquele que instrui em casos e aplicações concretas, que dá as motivações para a entrega generosa e ajuda, propondo meios de santificação adaptados a cada pessoa e situação, segundo as diversas vocações. As dificuldades são enfrentadas na perspectiva do autêntico seguimento de Cristo.”⁵

AS CIRCUNSTÂNCIAS NA VIDA E A VIDA DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Para compreender e aconselhar através da direção espiritual nas diversas circunstâncias, importa ter uma noção do que é circunstância, os clássicos tipos de acidentes que configuram as circunstâncias, a percepção da existência de circunstâncias internas e externas à estrutura corpo-alma, inclusive admitir que existam também cenários construídos interna ou externamente.

1. Etimologicamente, circunstância procede do latim *circum-stare*, ou seja, “o que está em volta de” ou “estar em redor”. Significa os acidentes que acompanham a um ato determinado. Lugar onde ocorre algum fato em suas características. É a particularidade que caracteriza um fato ou uma situação e suas implicações. É a conjuntura, o contexto e, simbolicamente, o panorama e o cenário. Como cenário, é o conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação dramática.

¹ MANOEL AUGUSTO SANTOS nasceu em 1961, é sacerdote do clero da Arquidiocese de Porto Alegre, ordenado em 1990, Doutor em Teologia pela Universidade de Navarra, Pamplona, com pós-doutorado na Pontifícia Universidade da Santa Cruz, Roma, durante quase vinte anos professor da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, trabalhou na Congregação para o Clero, no Vaticano.

² Cf. J. FERRATER MORA, *Diccionario de Filosofia*, Barcelona: Ariel, 2001, v. 3, p. 2661.

³ Cf. *ibid.* v. 1, p. 563.

⁴ O tema em questão está mais amplamente tratado em Manoel Augusto SANTOS, *Curso sobre direção espiritual*, 2.ed., São Paulo: Cultor dos livros, 2019.

⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Sacerdote Ministro da Misericórdia; Subsídio para confessores e diretores espirituais*, Vaticano: LEV, 2011, 85.

2. Classicamente, desde Aristóteles se distinguem circunstâncias que afetam os diversos acidentes que concorrem na execução de uma ação: a) *quis*, quem realiza a ação, sua qualidade ou condição; b) *cur*, o porquê, se refere ao fim que se buscou, as consequências ou efeitos que se seguem a ação; c) *quid*, que coisa em sua qualidade; d) *ubi*, onde, se refere ao lugar em que se realizou a ação; e) *quibus auxiliis*, com que meios, sejam lícitos ou ilícitos; f) *quomodo*, o modo como se realizou o ato; g) *quando*, o tempo em que se realiza a ação em sua qualidade ou duração.⁶

3. O tema é importante para ajuizar a moralidade de uma ação. Há circunstâncias que atenuam a moralidade de um ato, circunstâncias que agravam e circunstâncias que acrescentam outras conotações morais.

4. As circunstâncias internas dependem de como estão as chamadas “três vidas”: a vida vegetativa, a vida instintiva e a vida intelectual. A vida vegetativa, própria dos vegetais, possuída por todos os animais, tem três funções principais, a nutrição, o crescimento e a reprodução.

5. A vida sensitiva, que consiste em ter um sistema perceptivo que ajuda a realizar as funções vegetativas mediante a captação de diversos estímulos. A estimulação captada produz uma resposta, o instinto, tendência do organismo biológico a seus objetivos mais básicos mediante o conhecimento. Essa resposta instintiva aos estímulos, no animal, não pode ser modificada, trata-se de uma resposta automática. Não decide o seu comportamento; para cada estímulo tem um tipo de resposta, ditado por padrões complexos, mas, em grande medida, fixos. Os instintos governam a conduta do animal.

6. O animal só se interessa pelo meio ambiente na medida de suas necessidades. Nunca lhe interessam as coisas em si mesmas, mas apenas o que precisa delas. Se não se tratasse de algo natural, poderíamos dizer que os animais são profundamente egoístas: vivem somente para si mesmos. Os instintos existem para protegerem a sobrevivência, do indivíduo e da espécie.

7. A vida intelectual, que é própria do ser humano, na qual se rompe a necessidade do circuito estímulo-resposta, e move-se em ordem a um fim fixado por si mesmo, coisa impossível

8. Fazer, senão por meio da razão, que corresponde a conhecer a relação que há entre o fim e aquilo que conduz ao alcance deste fim, e subordinar este a aquele. Boa parte dos objetivos das atividades do ser humano depende e é fruto das escolhas e aprendizagem individuais. No ser humano, a aprendizagem é muito mais importante que o instinto.

9. Ao ser humano, não basta nascer, crescer, reproduzir-se e morrer para alcançar sua realização. A vida humana não é automática, tem-se a tarefa de resolvê-la, e o êxito não está assegurado. O que é propriamente humano é a capacidade de dar a si mesmo fins, e de escolher os meios para levá-los a cabo. É tarefa de cada ser humano escolher seus fins e os meios que a eles conduzem. O ser humano está acima da ditadura do instinto. No ser humano, a satisfação do instinto exige a intervenção da razão. Necessita aprender a viver, e, para fazê-lo, necessita raciocinar. Se o ser humano não controla seus instintos mediante a razão e a vontade, não os controla de maneira alguma. Tem que aprender a moderar seus instintos se não quiser fazer mal a si mesmo ou aos outros. E há que contar com a sensibilidade, os afetos, as paixões, as emoções, os sentimentos. E as circunstâncias externas que em grau maior ou menor influenciam a vida humana.

10. Há muitos componentes que diferenciam a vida em suas circunstâncias internas e externas. Distinguir não é separar. Por isso, mesmo que cada caso seja um caso, convém analisar, classificar e agrupar, cuja prudente distinção ajudará no atendimento, no discernimento e no aconselhamento para situações diversas. Por exemplo, pode-se estar no grupo dos idosos, bem formados, saudáveis e em crise de fé. E qualquer variante deverá influir na ajuda proporcionada pela direção espiritual. O conhecimento da realidade da pessoa é decisivo para uma eficaz direção espiritual.

11. Há circunstâncias internas (estado de ânimo, ou dor de cabeça p. ex.) e externas (barulho de construção civil, p. ex.), naturais (preguiça, p. ex.) e sobrenaturais (tentação diabólica, p. ex.), permanentes (doença progressiva e incurável) e transitórias (sede, p. ex.).

12. Deve existir uma ordem na execução das atividades, já que habitualmente não podem ser realizadas ao mesmo tempo. Logo, para evitar ofensas ao sentido comum, à justiça e à caridade, é preciso ter uma escala onde se atribua a precedência de cada atividade. É possível sugerir a divisão em três: essenciais, importantes e ocasionais. São as circunstâncias das circunstâncias.

13. A direção espiritual jamais pode ser confundida como uma espécie de linha de montagem de indústria, onde tudo segue esquema, método, itinerário e ritmo idênticos. Cada pessoa tem o seu ritmo, deve seguir um itinerário, peculiar a cada caso, segundo a aplicação de método e esquema de caráter geral. Devedor

⁶ Cf. Aurélio FERNANDEZ, *Diccionario de teologia moral*, Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 230s.

da unicidade da existência humana, corpo e alma, cada indivíduo é único, também em seus dons, limites, experiências e misérias. Importa perceber que é possível e conveniente, classificar segundo vocações, situações, faixa etária etc. Devem ser prudentemente levadas em conta quando do atendimento de pessoas de determinado grupo. E todos, na sua situação concreta e peculiar, são chamados à santidade, como descreve São Francisco de Sales:

“Na criação, Deus Criador mandou às plantas que cada uma produzisse fruto conforme sua espécie. Do mesmo modo, ele ordenou aos cristãos, plantas vivas de sua Igreja, que produzissem frutos de devoção, cada qual de acordo com sua categoria, estado e vocação. A devoção deve ser praticada de modos diferentes pelo nobre e pelo operário, pelo servo e pelo príncipe, pela viúva, pela solteira ou pela casada. E isto ainda não basta. A prática da devoção deve adaptar-se às forças, aos trabalhos e aos deveres particulares de cada um. Dize-me, por favor, Filotéia, se seria conveniente que os bispos quisessem viver na solidão como os cartuxos; que os casados não se preocupassem em aumentar seus ganhos mais que os capuchinhos; que o operário passasse o dia todo na igreja como o religioso; e que o religioso estivesse sempre disponível para todo tipo de encontros a serviço do próximo, como o bispo. Não seria ridícula, confusa e intolerável esta devoção? Contudo, este erro absurdo acontece muitíssimas vezes. E no entanto, Filotéia, a devoção quando é verdadeira não prejudica a ninguém; pelo contrário, tudo aperfeiçoa e consoma. E quando se torna contrária à legítima ocupação de alguém, é falsa, sem dúvida alguma. A abelha extrai seu mel das flores sem lhes causar dano algum, deixando-as intactas e frescas como encontrou. Todavia, a verdadeira devoção age melhor ainda, porque não somente não prejudica a qualquer espécie de vocação ou tarefa, mas ainda as engrandece e embeleza. Toda a variedade de pedras preciosas lançadas no mel, tornam-se mais brilhantes, cada qual conforme sua cor; assim também cada um se torna mais agradável e perfeito em sua vocação quando esta for conjugada com a devoção: o cuidado da família se torna tranquilo, o amor mútuo entre marido e mulher, mais sincero, o serviço que se presta ao príncipe, mais fiel, e mais suave e agradável o desempenho de todas as ocupações. É um erro, senão até mesmo uma heresia, querer excluir a vida devota dos quartéis de soldados, das oficinas dos operários, dos palácios dos príncipes, do lar das pessoas casadas. Confesso, porém, caríssima Filotéia, que a devoção puramente contemplativa, monástica e religiosa de modo algum pode ser praticada em tais ocupações ou condições. Mas, para além destas três espécies de devoção, existem muitas outras, próprias para o aperfeiçoamento daqueles que vivem no estado secular. Portanto, onde quer que estejamos, devemos e podemos aspirar à vida perfeita”⁷.

OS ATENDIMENTOS ESPIRITUAIS E AS CIRCUNSTÂNCIAS

Existem critérios de análise e classificação possíveis de etapas e circunstâncias importantes na vida: maturidade profissional, afetiva e espiritual; as idades de vida espiritual; a tradicional noção dos temperamentos; as virtudes humanas; o estado civil e a família em suas muitas possibilidades; as vocações na Igreja; situações especiais, como crises, necessidade de decidir; o sofrimento pessoal ou de próximos etc. Há aspectos gerais, como ser a natureza humana corpo mais alma numa unidade irrepetível, ou que tenhamos consequências do pecado original, mesmo depois do batismo. Há aspectos comuns, como por exemplo, muitos serem afetados pela dificuldade de serem sinceros, pela preguiça ou com dificuldades em viver a virtude da ordem. Existem aspectos particulares ou específicos, como a profissão, a estrutura familiar, psicológica, artística, doenças etc. Assim, a direção espiritual a um engenheiro civil não é a mesma que a um jurista, ou a um médico, ou a um arquiteto, ou a um músico erudito virtuose. Por exemplo, boa parte da estruturação mental para resolver problemas provém da formação profissional. Mais ainda da vida em família.

Deus se dirige ao ser humano e o chama, com acentos pessoais que a vocação implica. Chama a todos e espera de todos amor e correspondência. É o caráter vocacional da existência humana e da condição cristã. Pelo batismo, somos chamados por Cristo a identificar-nos com Ele, a participar da vida divina, a sermos santos como Deus é santo, a dar a conhecer a Ele e a difundir com palavra e obras a sua mensagem. Todo batizado está chamado à plenitude da vida cristã, que é a vocação à santidade de todo cristão. Cada um em seu lugar e em sua vocação específica. Jesus se dirigiu aos apóstolos com chamado a compartilhar a sua vida e a sua missão. Então, dentre os aspectos em ordem da redenção encontramos os grupos segundo as vocações: ministério ordenado, laical, vida consagrada e suas subdivisões possíveis. Nas realidades em ordem à criação encontramos a divisão em faixa etária, situação familiar, temperamentos, enfermidades mentais, profissão etc. Mesmo que não seja exaustiva, será útil levar em conta as diversas possibilidades, tendências,

⁷ FRANCISCO DE SALES, *Filotéia*, 1, 3.

doenças. Será a montagem do quebra-cabeças, sempre inacabada e passível de aperfeiçoamento. Generalizar pode ser uma ofensa à individualidade e facilmente se transformar em xenofobia, preconceitos e juízos temerários.

Pode-se dividir segundo os seguintes tipos:

a) em ordem à criação ou natural: quanto à faixa etária, quanto ao sexo, quanto à saúde física, quanto à saúde psíquica, quanto ao estado de ânimo, quanto ao temperamento, quanto às tendências, paixões, afetos e sentimentos, quanto às possíveis crises, quanto às virtudes humanas, quanto à maturidade, quanto à capacidade intelectual, quanto à profissão, quanto ao êxito profissional, quanto às experiências mais ou menos traumáticas, quanto à situação matrimonial ou celibatária, quanto à situação familiar, quanto ao passatempo ou lazer, quanto ao descanso quanto ao enfrentamento das crises.

b) em ordem à redenção ou sobrenatural: quanto à vocação (descoberta, discernimento, crises, fidelidade) quanto à espiritualidade, quanto à atuação nas estruturas eclesiais, quanto à doutrina de fé católica, quanto à visão de Igreja, quanto à piedade e à devoção, quanto à vida sacramental, quanto ao apostolado e sentido de missão, quanto ao esforço pela formação dos outros e à própria formação espiritual-doutrinal.

É possível admitir a adição de novos itens e para vários desses itens ulterior subdivisão. A título de exemplo:

1 Quanto à faixa etária:

1.1 Quanto aos jovens

Distinguir a infância da adolescência, ainda que seus confins estejam em quase permanente questionamento. A direção espiritual para jovens (menores de idade) e crianças deve ser revestida da maior prudência, seja quanto ao lugar de atendimento, seja quanto ao conteúdo das conversas, seja quanto às atitudes sacerdotais.

A infância. Entende-se como o período da vida desde o nascimento à puberdade (mais ou menos 12 anos). Antes de chegar ao uso da razão as crianças desconhecem o alcance de seu atos e de sua responsabilidade moral. Paulatinamente compreendem que o objeto moral e o fim (intenção) são elementos determinantes da moralidade. Enquanto isso, os pais ou responsáveis formulam os juízos morais. Apliquem-se, assim, os critérios referentes à idade. Nessa etapa, a direção espiritual é fundamentalmente de conselho (o que diga seja razoável) com conversas curtas, indicações breves e concretas, estimulando as virtudes humanas, propondo, sempre, um motivo sobrenatural acomodado à sua capacidade intelectual. Especialmente importante é ensinar a viver a virtude da ordem. O papel dos pais é fundamental, através, principalmente, do exemplo, mas também do ensino, seja da oração e de sua importância, bem como da doutrina cristã.

A adolescência. A puberdade é a etapa que segue à infância e, junto às mudanças físicas, aparecem as de caráter psicológico, tanto no menino (sentimento de masculinidade, valentia, coragem, ansiedade, insegurança...) como na menina. A puberdade dá lugar à adolescência, cuja característica principal é extremar as atitudes, que vão desde o egoísmo até a capacidade de sacrificar e entregar-se por um ideal com grande força e ilusão. Suas relações afetivas são ardentes, mas pouco consistentes e comprometidas.

Esta etapa da vida é caracterizada pela grande capacidade de entusiasmo pelas coisas autênticas, por grandes ideais, mesmo que suas qualidades positivas sejam postas em prova no decorrer do tempo. A adolescência não se define exclusivamente pelo aparecimento do instinto sexual, mas também pela descoberta do amor e de seus ideais amplos.

O diretor espiritual deve inculcar ao adolescente, inicialmente, um grande amor a sinceridade; a luta em matéria de pureza deve dar-se de modo positivo, ajudando o dirigido a vencer as tentações, pela graça de Deus, através de meios convenientes; fazer com que amadureçam, através do trabalho, por exemplo. Os pais devem compreender os filhos – e a etapa da sua vida –, auxiliando-os.

Na direção espiritual convém assegurar que assimilem os princípios da vida espiritual, transmitindo a doutrina clara, simples e prática da vida da graça, a humildade e a correspondência com o Senhor, o pecado, os Mandamentos, Sacramentos, etc., proporcionando, também, os meios sobrenaturais que lhes ajudem a vencer na luta ascética e a cultivar as virtudes sobrenaturais e humanas. Cristo deve ser o modelo, inculcando-lhes um grande sentido de responsabilidade, para com Deus e com o próximo. A direção espiritual deve fazer o adolescente ver que só adquire a verdadeira liberdade em Deus, bem como a necessidade de aprofundar o conhecimento da fé e de adquirir um critério reto, para atuar com verdadeira

liberdade e responsabilidade pessoal, através, também, de um grande amor à verdade e à sinceridade, quer na vida inteira, quer na direção espiritual.

1.2 Quanto aos adultos

Adulto deveria significar não apenas uma questão de data de nascimento, mas também uma etapa onde a pessoa estaria razoavelmente pronta para os desafios da vida, ou seja, deveria estar madura. Maturidade é consequência do desenvolvimento pleno e harmônico de todas as capacidades da pessoa. Portanto, devem estar presentes as virtudes sobrenaturais e humanas. A maturidade está ligada ao sentido sobrenatural dos fatos e atos, que leva à unidade de vida: a serenidade, a fortaleza, o sentido de responsabilidade, a capacidade de adaptação às circunstâncias, convicções fundadas em verdades permanentes e fins retos, o equilíbrio interior, a perfeita conjugação entre liberdade e responsabilidade pessoal, juízo sereno e ponderado, seguido de um equilíbrio espiritual e emocional. Outra qualidade é a unidade e integração das múltiplas experiências de vida, em estado de sã objetividade e alheia ao sentimentalismo.

Os problemas da idade adulta são mais reais e objetivos que na adolescência: pode perder-se, em parte, a virtude da generosidade e abrir-se ao egoísmo e à comodidade (por isso, deve-se estimular o sentido sobrenatural dos atos). Ainda há o “adulto-adolescente”: é necessário ajudá-lo, através da oração e da mortificação, a enfrentar-se consigo mesmo, com Deus e com a família e com os do seu meio social.

Leve-se em consideração que na idade adulta a personalidade, normalmente, já está formada e os defeitos estão enraizados. Deve-se buscar uma mentalidade de descoberta de valores e capacidade de melhorar, com a graça divina. Situações possíveis:

a) A aridez na oração, em fase de monotonia aparente e pouco gosto. Para estes, mostre-se que este estado é normal, devendo-se perseverar no diálogo com Deus, que ouve sempre.

b) Quanto à falta: não acompanha, na oração, o fervor e a atenção com que rezava antes. Assegurar a tais pessoas que a fé não diminuiu, apenas o sentimento, animando-as a continuar com as práticas de piedade, evitando as distrações.

c) Dúvidas de fé: mesmo que, seu raciocínio não compreenda de todas as dúvidas, fazer com que a pessoa aceite, com simplicidade, o conteúdo da fé, como a Igreja ensina, fugindo desses pensamentos. Importância de boas leituras.

d) “Crise dos quarenta”. No homem essa é mais de caráter psicológico e somático, enquanto na mulher encontra-se acompanhada, principalmente, de sinais fisiológicos. Até esse momento, no físico e intelectual, havia crescimento, mas começa a experimentar uma sensação de declive humano. Desejo de experimentar algo não vivido.

e) Falta de novos horizontes profissionais: encontrar-se sem nada para fazer, considerar que a vida já não oferece nada, mergulhar em situação de abandono, sentimento de inutilidade, com a consequente depressão, levando ao egoísmo, à comodidade, ao pecado, inclusive contra a castidade. Para estas pessoas, a possível solução está em mostrar que não deixaram de ser úteis, que ainda fazem muito, dando sentido ao tempo e utilizando-o para o bem pessoa e dos demais.

1.3 Quanto a idosos

O envelhecimento é um processo dinâmico, progressivo e irreversível. É um processo universal, inerente a todos os seres vivos, e que se inicia a partir do momento em que nasce. O envelhecimento também é a fase da vida em que as pessoas se confrontam com as questões relacionadas às perdas, limitações, saúde debilitada e mudanças sociais, acarretando em situações de sofrimento para o idoso. Desta forma, a espiritualidade vem como estratégia de melhor enfrentamento, ajudando na resiliência emocional atribuídas ao significado da vida e acontecimentos vividos. É considerado idoso aquele indivíduo com idade igual ou superior a sessenta anos.

O envelhecimento passa a ser mais bem enfrentado e superado graças a fé presente dando forças para superar cada dia. A espiritualidade aponta uma ideia do encontro do sentido da vida, na busca da esperança e de se estar em paz com o meio e os acontecimentos da vida. É por isso que muitas pessoas passam a adotar práticas espirituais de forma contínua em busca de vivenciar o apoio e a fé em Deus nesse contexto, e a morte passa a ser vista não como algo que cause pavor, mas como uma relação de esperança da existência de algo melhor.

Quanto à direção espiritual propriamente dita: tecer um plano de vida espiritual proporcionado às condições do idoso; dar atenção a sinais depressivos; incentivar a cuidar da saúde; dar atenção aos estados de ânimo e aos relatos de suas penas.

2 Quanto a namorados e noivos: devem buscar a santidade também no seu estado de vida. O diretor espiritual deve orientá-los a que, ambos, busquem o bem e a alegria do outro, prescindindo, inclusive, dos próprios gostos e preferências pessoais. As orientações devem estar relacionadas à virtude da castidade, fazendo-os compreender que as manifestações de afeto não podem depender somente dos sentimentos (o que tornaria lícito o ato sexual antes do casamento, já que estes se amam), mas da situação objetiva que há entre eles.

Importa ajudar a cultivarem o diálogo acerca do como será a vida matrimonial, uma genuína troca de interioridades, mais importante que uma troca de intimidades. O mútuo compromisso que visa o matrimônio segue um processo de maturação, sendo que, durante esse processo, recomenda-se a prudência no agir, unido a manifestações de confiança. Assim, os noivos estão chamados a viver a castidade na continência, descobrindo, através desta “prova”, o respeito mútuo, a aprendizagem da fidelidade e a esperança de receber-se um ao outro de Deus. Por prudência óbvia, devem evitar ficar muito tempo a sós e dormirem na casa do outro. E os pais jamais deveriam compactuar com o pecado dos filhos, muito especialmente nesse campo, de forma alguma permitindo em sua casa a imoralidade ou financiando viagens de namorados.

Em caso de direção espiritual, atender separadamente.

3 Quanto a pessoas casadas

São chamados por Deus a participarem do amor divino também através do amor humano; cooperadores na obra da criação e, depois, na educação dos filhos.

O matrimônio e o celibato são duas formas de seguimento e imitação de Cristo na Igreja. Autênticas vocações sobrenaturais. Tanto um como outro assinalam o espaço e a maneira de responder à vocação à santidade recebida no batismo. São também os canais pelos quais chegam as respectivas graças próprias para fazer que o percorrer de vida seja um sinal visível do amor de Deus. É muito importante lembrar: Deus não veio destruir o valor e o sentido da vida humana, mas elevá-la, restaurá-la e santificá-la.

O matrimônio, no qual um homem e uma mulher constituem uma comunidade de vida e de amor, foi fundado e dotado das suas leis próprias por Deus. Por natureza, ordena-se ao bem dos esposos, à procriação e à educação dos filhos. Entre batizados, o casamento foi elevado por Jesus à dignidade de sacramento. Para um cristão, o matrimônio não é uma simples instituição social, e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural. Sacramento grande em Cristo e na Igreja, diz São Paulo, e, ao mesmo tempo e inseparavelmente, contrato que um homem e uma mulher estabelecem para sempre, porque - queiramos ou não - o matrimônio instituído por Jesus Cristo é indissolúvel: sinal sagrado que santifica, ação de Jesus que se apossa da alma dos que se casam e os convida a segui-Lo, transformando toda a vida matrimonial em um caminhar divino sobre a terra.

A maior parte dos cristãos vive no estado matrimonial e, para eles, o amor humano e os deveres conjugais fazem parte da vocação divina. Os esposos cristãos devem ter a consciência de que são chamados a santificar-se santificando, de que são chamados a ser apóstolos, e de que seu primeiro apostolado está no lar. Devem compreender a obra sobrenatural que supõe a fundação de uma família, a educação dos filhos, a irradiação cristã na sociedade. Desta consciência da própria missão dependem, em grande parte, a eficácia e o êxito da sua vida: a sua felicidade.

Pobre conceito tem do matrimônio — que é um sacramento, um ideal e uma vocação — quem pensa que a alegria acaba quando começam as penas e os contratempos que a vida sempre traz consigo. Aí é que o amor se torna forte. Os casados estão chamados a santificar o seu matrimônio e a santificar-se a si próprios nessa união; por isso, cometeriam um grave erro se edificassem a sua conduta espiritual de costas para o lar, à margem do lar. A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço necessário para manter a família, para garantir o seu futuro e melhorar as suas condições de vida, o convívio com as outras pessoas que constituem a comunidade social, tudo isso são situações humanas, comuns, que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar.

O matrimônio é um contrato indissolúvel que fazem diante de Deus para entregarem-se mutuamente buscando um a felicidade do outro, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-se e respeitando-se todos os dias da vida, num amor fiel e fecundo. O sacramento aperfeiçoa o amor humano dos esposos, dá firmeza à sua unidade indissolúvel e santifica-os, para serem fiéis um ao outro e juntos a Deus, e assim serem felizes neste mundo e no outro.

Matrimônio é determinação sacramental da vocação batismal, determina espaço e maneira de responder à vocação à santidade recebida no batismo. Para os esposos, o chamado à santidade passa através e por meio dos compromissos e exigências que comporta a existência matrimonial.

Detalhe importante: quando duas pessoas casam, casam também com defeitos e misérias. Só que as paixões cegam, e se pensa ter encontrado uma pessoa perfeita. A paixão cega para os defeitos e limitações, cega até para as responsabilidades e, se deixar, transforma em irresponsáveis crianças.

Amar a ponto de casar é querer fazer o outro feliz. É querer o outro a tal ponto de fazer tudo para o outro estar bem, realizado, feliz. Amor tão grande a ponto de doar-se todo, para fazer a outra pessoa feliz. O que acontece em muitos casamentos é que casaram dois egoístas: é um egoísmo a dois. Cada qual deseja ser feliz em cima do outro ou apesar do outro. Claro que mais cedo ou mais tarde os problemas e os egoísmos danificam o relacionamento. E ninguém casa com uma pessoa perfeita, sem defeitos e limitações. Amar é doar-se, é vencer o interesse próprio para fazer o bem, para promover o bem naquele que se ama. O amor verdadeiro enriquece e enobrece. É entrega pessoal e desinteressada.

O matrimônio que, por vontade de Deus, continua a obra da primeira criação, ao ser integrado no desígnio total da salvação, adquire novo significado e valor. Na verdade, Jesus, restituiu-lhe a dignidade primitiva, honrou-o e elevou-o à dignidade de sacramento e de sinal misterioso da sua união com a Igreja. Assim, os cônjuges cristãos, no exercício do amor mútuo e no cumprimento dos próprios deveres, e tendendo para aquela santidade que lhes é própria, caminham juntos em direção à pátria celeste. Casar supõe fé no poder de Deus: não faltará a graça para serem felizes neste mundo e no outro, não faltará a graça para se amarem e ser fiéis um ao outro e juntos a Deus. Ele propõe uma vida de amor fiel, constante, que pode crescer sempre mais. Na alegria, louvarão a Deus. No sofrimento e no cansaço gozarão da amizade divina e na necessidade, do conforto dos céus. Juntos suplicarão na prece e serão testemunhas do verdadeiro amor.

A capacidade procriativa normal cessa antes na mulher que no homem, o que pode diminuir nela o desejo de união sexual. Nesses casos, deve-se orientar que a finalidade da união sexual não é apenas procriativa, mas também para o bem dos esposos, como ato supremo de demonstração de carinho e doação mútua.

Os esposos devem procurar amar-se com aquele amor que tiveram quando ainda eram namorados ou mais. Ambos devem conquistar-se mutuamente cada dia. Quando em crise conjugal, o sacerdote pode atendê-los, mas separadamente, buscando fazê-los ver a realidade de alguns ditos populares sábios: “quando um não quer, dois não brigam”; “quando um não quer, dois não reatam”; em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, nem o padre. Além de urgir a concórdia e o diálogo, o sacerdote deve procurar que perceba os seus erros aquele cônjuge com o qual conversa, e depois o outro. Casais estéreis: ajudá-los a ver que Deus lhes pede que sigam querendo-se com igual carinho e, já que dispõe de mais tempo, dediquem suas energias, na medida do possível, as atividades em benefício de outras almas.

Quanto à direção espiritual especificamente: de preferência não ser diretor dos dois, nem ser transmissor de recados ou árbitro. E mesmo sem ser diretor, jamais atender o casal conjuntamente para assuntos da vida conjugal.

4. Quanto à família

A família é um âmbito privilegiado da santificação: santificar o lar, dia a dia, criando, com carinho, um autêntico ambiente de amor, carinho, respeito e compreensão. Cada membro necessita dos demais. Por isso, é essencial viver em família, dedicando a ela o tempo conveniente. Além disso, os cônjuges querer-se-ão entre si, e a seus filhos, com os defeitos de cada um, aceitando os demais como são, mas procurando ajudá-los.

Na família, os pais devem ser para os filhos os primeiros educadores da fé, mediante a Palavra e o exemplo. A família é escola de virtudes, e o lugar habitual onde devemos encontrar a Deus. A fé e a esperança têm que manifestar-se na serenidade com que encaram os problemas, pequenos ou grandes, que surgem em todos os lares, no ânimo alegre com que se persevera no cumprimento do dever. Assim, a caridade conformará tudo e levará a: compartilhar as alegrias e os possíveis dissabores; saber sorrir, esquecendo as preocupações pessoais para atender os outros; escutar o esposo ou os filhos, mostrando que são queridos e compreendidos de verdade; não dar importância aos pequenos atritos que o egoísmo poderia converter em montanhas; depositar um amor grande nos pequenos serviços que compõem a convivência diária. Santificar o lar, dia a dia; criar, com o carinho, um autêntico ambiente de família cristã. Os lares cristãos deveriam ser

recantos de paz no meio das dificuldades e incompreensões externas, onde se aprende a oferecer o dia a Deus, a dar-lhe graças, a abençoar os alimentos, a orar na escassez e na abundância.

O amor e o respeito mútuo fazem possível a paz e a harmonia no lar: compreensão e delicadeza, perdão e humildade, mansidão e autoridade, obediência e gratidão, preocupação pelos filhos e pelos pais, união entre os irmãos.

O amor verdadeiro dos pais os levará a preocuparem-se pelos estudos dos filhos, sua vocação, e de sua formação religiosa, pois disso depende que se salvem. Devem amá-los com amor verdadeiro, não com egoísmo (os filhos são para Deus e para o mundo, não para si). Amar sim, e muito, mas não torná-los mimados, como lembra a Bíblia: “Aquele que mima o filho cuidará de suas feridas, e a cada grito suas entranhas se comoverão. Um cavalo não domado torna-se intratável, um filho entregue a si mesmo torna-se atrevido. Mima teu filho e ele te aterrorizará”(Eclo 30). De forma alguma alimentar egoísmos e caprichos.

Os lares cristãos deveriam ser lares luminosos e alegres, porque cada membro da família se esforçaria em primeiro lugar por aprimorar o seu relacionamento pessoal com o Senhor e, com o espírito de sacrifício, procuraria ao mesmo tempo chegar a uma convivência cada dia mais amável com todos os da casa.

Fomentar a subsidiariedade no que compete aos deveres do lar, não apenas no trabalho profissional. E, aos poucos, dar atribuições aos filhos. Portanto, educar ao espírito de serviço e à responsabilidade.

Os pais devem evitar a todo custo discutir em frente aos filhos, ou os dois perderão autoridade e, se forem filhos pequenos, causarão um grande problema nas consciências que estão se formando e não entendem a situação.

Lembrar que filhos são “hóspedes”: ficam um tempo, depois abrem a porta da rua e vão embora. Aos filhos devem dar formação do caráter, formação cristã, carinho e bom exemplo, lembrando-se e lembrando-os que a principal herança é a vida eterna.

5 Quanto à vocação

Perceber a vocação é a tomada de consciência do chamado divino: tira do anonimato, situa diante de Deus; oferece uma luz sobre a própria vida, uma referência forte, sentido novo e visão nova; dá à vida um sentido de missão. Ou seja, enobrece e dá valor à vida.

A diversidade de vocações: há na Igreja, junto a uma radical identidade na fé e na responsabilidade ante a missão recebida de Cristo, uma ampla diversidade de situações, funções e tarefas. Comum vocação cristã, mas diversidade de concretizações e de modalidades (v. laical, v. sacerdotal, v. religiosa, v. secular, v. matrimonial, v. ao celibato).

5.1 O discernimento vocacional

Ser cristão é ser chamado; a condição cristã é uma vocação. Além da fé na Revelação pública, também é pressuposto do amor de Deus o conhecimento de sua vontade sobre cada um, a vocação pessoal. A todos escolheu o Senhor, um a um, para segui-Lo, imitá-Lo e prosseguir no mundo a sua obra. Vocação designa o chamado gratuito de Deus a ser filhos seus adotivos em Jesus Cristo e partícipes de sua missão redentora.

Chama todos à santidade, por caminhos diversos, com missões específicas dentro da única missão da Igreja. Vocação é esse chamado individual para seguir, um caminho que leva a Deus. É o ato eterno e gratuito de Deus pelo qual se desvela a alguém o “porquê” e o “para quê” de sua vida mediante a revelação em um momento determinado de eleição precedente para caminho de santidade e de apostolado que deseja.

Cada pessoa tem um caminho único, ainda que possamos falar de grupos de vocações. Mas, estritamente falando há tantas vocações como pessoas. De diversos modos e para diferentes missões Deus chama. A maioria é o chamado de uma entrega total de amor a Deus e aos demais numa vida comum, sem mudar de lugar nem de estado, tratando de santificar o que se está fazendo. Suposta a vocação radical à santidade e ao apostolado, Deus faz uma chamada particular a cada cristão. À maioria chama a viver no meio do mundo para que, desde dentro, o transformem e dirijam a Ele, e se santifiquem mediante as atividades terrenas. A outros, sempre poucos em relação a todos os batizados, pede um distanciamento dessas realidades, dando um testemunho público – como consagrados – de sua pertença a Deus.

De qualquer modo, não se trata apenas de saber o que Deus quer de nós nas diversas situações da vida. É necessário fazer o que Deus quer. E para atuar com fidelidade à vontade de Deus há que ser capaz e se fazer cada vez mais capaz. A vocação é a luz que ilumina o caminho: o trabalho, os outros, os acontecimentos. Dá-nos graças necessárias para sair fortalecidos de todas as incidências da vida. Na vocação, de uma maneira

definitiva, é proporcionado um conhecimento de si mesmo, do mundo e de Deus. É o ponto de referência a partir do qual cada um pode julgar todas as situações da vida.

A vocação liga-se ao seu próprio ser. Vocação e pessoa se fazem uma só coisa. Por isso, desde a eternidade, desde que começamos a existir nos planos do Criador e Ele nos quis como criaturas, também nos quis chamados, predispondo em nós os dons e as condições para a resposta pessoal, consciente e oportuna ao chamado. Chama porque ama. Aliás, cristianismo é isso em sua essência: uma religião de encontro entre Deus e cada pessoa. Anunciar o Evangelho é dizer de novo: “o Senhor está aí e te chama”; cada um é colocado diante de Deus, é chamado pelo nome e responde por si. O cristianismo é um convite a conhecê-Lo e conhecer-se nEle. Seguir o chamado de Deus é o caminho da felicidade, é a esperança. Mais: é a própria razão de estar neste mundo.

A vocação acende uma “luz” que faz reconhecer o sentido da existência, uma graça interior que é luz no entendimento e impulso na vontade. Entende-se aonde quer conduzir (geralmente aos poucos). É luz que forma parte do resplendor da fé. Mesmo que a vocação não esteja ao nível de verdade revelada, a convicção de tê-la recebida pertence à revelação interior. A graça da vocação proporciona uma convicção de fé sobre uma verdade que Deus manifesta interiormente. A luz da vocação é amadurecimento na fé. Deus chama efetivamente. Mas respeita a liberdade.

“Deus tem a iniciativa; sim, mas esta é respeitosa de uma liberdade que a faz decisiva”⁸. “Na vocação brilham o amor gratuito de Deus e a exaltação da liberdade humana”.⁹ A eficácia da vocação Deus quis que dependesse da liberdade humana.

5.2 Descoberta

O primeiro a fazer é despertar em cada fiel o sentido de vocação que corresponde à vida cristã. Para que questione a si próprio a possibilidade de entregar a vida inteira a Deus. Compreenda que isso dá sentido aos talentos que recebeu e a história de sua vida. Interpele a si mesmo, dando sentido ao passado e abrindo amplo panorama de futuro.

Os momentos e as circunstâncias em que Deus chama são sempre os mais oportunos. Mas, diante da voz de Deus pode aparecer a tentação de responder: amanhã, ainda não estou preparado. No fundo, essa e outras razões não são mais que egoísmo e medo. Atrás do desejo de novos sinais para tomar uma decisão de fé ou a uma entrega maior, muitas vezes está a falta de correspondência à graça, ou a falta de desprendimento dos próprios gostos. E a resistência à graça endurece o coração, e fica mais difícil responder positivamente. De nada serviriam os maiores milagres se não há boas disposições de humildade em querer fazer a vontade de Deus. No deixar para amanhã, corre-se o risco de ser demasiado tarde.

A descoberta da vocação pessoal é o momento mais importante de toda a vida. Da resposta fiel a essa chamada divina dependem a felicidade própria e a de muitos. “De que tu e eu sejamos fiéis dependem muitas coisas grandes”¹⁰. Deus cria, prepara e chama em função de um plano eterno. O que eleva o homem, o que normalmente lhe confere uma personalidade, é a consciência de sua vocação, a consciência da sua tarefa concreta. Isso é o que enche uma vida de sentido.

Parte essencial das conversas de direção espiritual de jovens é descobrir a cada um no caminho ao qual o Senhor chamou. Crer que se está chamado à santidade impele a responder a esse chamado e a descobrir qual o caminho concreto pelo qual Deus quer conduzir. Todos têm vocação divina pessoal e todos podem descobrir qual seja. Ele não deixa de manifestar-se a quem quer sinceramente cumprir sua vontade. Ajudar a descobrir a vocação de alguém exige ser muito prudente e contar com a audácia que toda vocação leva consigo.

“O cuidado pelos jovens, em particular, com a finalidade de discernir a própria vocação específica na vocação cristã em geral, requer esta atenção de aconselhamento e acompanhamento espiritual: como então escrevia o futuro Papa Paulo VI, ‘a direção espiritual tem uma função belíssima e pode dizer-se indispensável para a educação moral e espiritual da juventude que queira interpretar e seguir com absoluta lealdade a vocação da própria vida, seja ela qual for, e conserva sempre uma importância benéfica para todas as idades da vida, quando à luz e à caridade de um conselho piedoso e prudente se pede a comprovação da própria retidão e o conforto para o cumprimento generoso dos próprios deveres. É meio pedagógico muito delicado, mas de

⁸ PAULO VI, Homilia 20 de abril de 1975

⁹ JOÃO PAULO II, PDV 36

¹⁰ Josemaria ESCRIVÁ,, *Caminho*,

grandíssimo valor; é arte pedagógica e psicológica de grande responsabilidade para quem a exercita; é exercício espiritual de humildade e de confiança para quem a recebe”¹¹.

A vocação específica não é simplesmente um projeto que a pessoa compõe, não é somente uma decisão dela. Contudo, tão pouco é algo que Deus impõe. É uma possibilidade que Ele amorosamente propõe. E se disser que não? Estará rechaçando uma aventura que propõem quem melhor conhece. Contudo em cada caso particular não se pode falar tão fortemente, pois o “não” a uma proposta desse tipo nasce sempre de uma semiescuridão, não desde a certeza absoluta. Um “não” diferente é de quem já havia começado um caminho de entrega, mais ainda, o de quem o tinha confirmado. Um “não” pode ser para Deus a ocasião de propor outro caminho. Inclusive quando se trata de um “não” culpável. “De por si, uma evolução assim, ou seja, a entrada num caminho novo do amor depois da falência duma primeira oferta, segundo a estrutura inteira da imagem bíblica de Deus e da história da salvação, é possível certamente. Dos caminhos da história de Deus com os homens, tal como nos são ilustrados no Antigo Testamento, faz parte precisamente a «flexibilidade» de Deus, que espera a decisão livre do homem e de cada «não» faz brotar um novo caminho do amor”.¹² A autêntica previsão de Deus – a razão de sua previsão e de sua proposta – somente se poderá compreender no final dos tempos. Não quer dizer que é a mesma coisa responder o chamado de Deus do que não o fazer.

Que toda determinação pessoal da vocação cristã afeta inteira existência, não significa que toda decisão e atuação do cristão estejam vocacionalmente predeterminada de modo unívoco, no sentido que a liberdade humana se reduza a aceitar um prévio desígnio divino unívoco e claramente reconhecível. Ante a iniciativa divina e seu oferecimento amoroso, o homem está chamado a acolher este dom e corresponder.

Para acolher o chamado não deve ser exigida a certeza. Não deve esperar esta certeza. Deus não tem obrigação de impor pela via da evidência. E quem acompanha não pode pretender possuí-la (por muitos claros que sejam os talentos e condições do interessado). A liberdade da pessoa intervém não só na resposta, mas também na configuração da própria vocação. Deus não impõe um caminho determinado, não tem um plano que devemos cumprir, com risco da felicidade eterna. Não deixa de ser uma proposta entre muitas possíveis.

Existem formas distintas de comunhão com Deus. Deus não só conhece a cada um, mas cria com uns talentos mais que noutros; por isso, há alguns pode propor um determinado caminho. A vocação de cada um se funde, até certo ponto, com seu próprio ser: vocação e pessoa se fazem a mesma coisa, como p.ex. João Batista, Maria e José¹³.

O chamado perdido não significa uma amizade perdida. A proposta é um convite, não é tudo ou nada, não é algo a que se está obrigado a responder afirmativamente. A resposta de amor à vocação não é renúncia à própria liberdade, mas exercício da liberdade que a potencia.

5.3 Critérios

Para o seguimento de uma caminhada espiritual, o diretor espiritual deve discernir se a pessoa tem idoneidade e saúde para cumprir suas obrigações concretas da vida cristã. Torna-se necessário uma inteligência normal, o equilíbrio afetivo e a ausência de enfermidades psíquicas que impeçam de exercitar suas obrigações. Quando apresenta alguma patologia grave, mostra-se inapto para o seguimento a uma vida sacerdotal, por exemplo. É preciso avaliar cada ato para perceber como é a personalidade da pessoa.

No âmbito da direção espiritual, o diretor precisa orientar para uma integridade das dimensões de sua vida e elevar a sexualidade a uma dimensão autotranscendente fomentando uma intimidade verdadeira.

É preciso dar a conhecer e aprofundar os critérios morais sobre as consequências dos compromissos que implica uma determinada tarefa à qual Deus nos chame e que obrigam em consciência.

Existem motivações verdadeiras e falsas. Porém, Deus chama a quem quer, quando quer, como quer. É preciso estar atento às motivações e reta intenção, liberdade na decisão, formação, idoneidade ou qualidades. O diretor espiritual deve dar as motivações para a entrega generosa e ajuda, propondo meios de santificação adaptados a cada pessoa e situação.

A vocação de cada pessoa é mistério, enquanto é diálogo com Deus, revelação particular, e enquanto se insere no mistério da Igreja, mas também quanto ao seu âmbito próprio é a intimidade inviolável da consciência. Se há algo que afeta a idoneidade o próprio interessado deve manifestar à autoridade. Há o

¹¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 72.

¹² BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, v. II, 5, 2.

¹³ Cf. JOÃO PAULO II, discurso 5 de julho de 1980.

necessário discernimento eclesial: reconhecer a idoneidade da vocação por parte da competência da autoridade da Igreja.

Vocação tem aspecto interior, mais ou menos consciente, e aspecto exterior, a Igreja chama e/ou discerne a idoneidade. Não convém converter a vocação em algo tão interior e perder de vista o exterior. Em nenhum caso o chamado deveria ser apresentado como um dever. Basta propor em toda a sua grandeza e esplendor, de palavra e com a própria vida, para que atraia as almas com sua própria força.

Dois riscos constantes: a) Visão de vocação como plano preestabelecido por Deus ante o qual se tem o dever de responder afirmativamente. Nesse caso, o chamado de Deus se experimenta como um dever, fugir levaria ao distanciamento de Deus e à condenação eterna. b) Concepção de vocação como decisão (seja da Igreja, seja da pessoa). Vocação é um dom que não conhecemos com certeza em todos os pormenores até o final da vida.

5.4 O acompanhamento vocacional

Vocação é uma semente que requer a vida inteira para crescer e dar fruto. E a liberdade humana é necessária em todas as fases do processo, do aceitar o chamado até a perseverança final.

Parte essencial das conversas de direção espiritual é reafirmar a cada um no caminho ao qual o Senhor chamou. A vocação é sempre um dom imenso, pelo qual se deve dar sempre graças a Deus. Por ela, tem-se direito a graças especiais. Conhecer cada vez melhor esse querer divino particular é sempre um motivo de esperança e alegria. É um “desembrulhar” do sentido da vida.

Vocação é doação da vida, geralmente aos poucos. Uma vez o compromisso. A realização é diária, momento a momento. A fatura vem com o tempo, todos os dias. A decisão inicial de seguir o Senhor é a base de muitas outras chamadas ao longo da vida. A fidelidade realiza-se dia após dia, normalmente em coisas que parecem de pouca importância, nos pequenos deveres cotidianos, no cuidado em afastar tudo aquilo que possa ferir a essência da própria vida. Muitos pequenos “sim” fazem um grande “sim”, muitos pequenos “não” fazem um grande “não”. E teremos sempre a ajuda necessária para sermos fiéis, para dizermos “sim” a Deus sempre.

Vale a pena cuidar da vocação. Foi o maior presente que Deus poderia ter dado. Por isso, é necessário ver a vida não naturalmente, pelo olhar comum e concreto. Para ver o sentido de vida precisamos de oração, de visão sobrenatural. Não se pode querer a vida explicada humanamente. A explicação é divina!

O Senhor chamou: essa é a razão da vida. Lembrar sempre: homem feliz é o que tem o amor de sua vida, é o que encontrou o tesouro escondido, a pérola preciosa. A chamada é para sempre e, mesmo se formos infiéis, Ele permanecerá fiel e dará as graças necessárias para perseverar.

Deus ama pessoalmente. E amor pede correspondência. Deus espera a resposta pessoal. Há que sempre reavivar que a vocação é divina. Fala-se tanto de crise das vocações: a melhor forma de pegar uma doença é o contágio.

Podem acontecer momentos de fraqueza ou de prova, nos quais a luz da vocação se percebe muito debilmente e inclusive pareça ter desaparecido. Assim pode acontecer também com a luz da fé na Revelação. Mas Deus não abandona a quem não se afasta dEle. É a purificação da fé e da entrega. Ademais, não deveria estranhar a própria fragilidade. É a hora da confiança e de não duvidar na chamada divina e em sua Providência.

Se depois da decisão de entregar-se a Deus aparecerem tentações contra a fidelidade, será necessário ajudar a descobrir as causas, com o convencimento de que Deus não se arrepende, nem a vocação desaparece porque esfriou o entusiasmo ou apareceram problemas, ou mesmo que tenham havido quedas e faltas de correspondência. Em muitos casos bastará evitar uma ocasião determinada, lembrando a necessidade de buscar a oração e fomentar a lealdade à Igreja, às almas, a fidelidade à palavra dada e aos compromissos livremente assumidos. A vocação deve ser escudo protetor, apoio em todas as atuações pessoais, o argumento da perseverança. E sempre se pode recomeçar.

Muitas vezes percebemos que as forças falham, que o caminho se faz mais difícil. De vez em quando, sobretudo depois de um tempo de contínuo esforço, pode inclusive chegar um sentimento de fastio e falta de vontade, que abre as portas à tentação de descuidar da vida interior e da luta que ela exige. Há que reagir a acudir em busca de ajuda. Ademais, há exigências e pressões inerentes ao trabalho pastoral. E não há paraíso na terra.

“É normal que se apresentem algumas crises de crescimento e de amadurecimento no caminho cristão, que podem ser verificadas de modo diverso. A “noite escura” da fé pode apresentar-se em vários momentos, mas especialmente quando a pessoa se aproxima mais de Deus, até experimentar uma espécie de

“silêncio” ou “ausência” de Deus, que é, na verdade, um falar e uma presença muito profunda do próprio Deus. O acompanhamento espiritual é então mais necessário do que nunca, desde que se sigam as indicações que nos deixaram os grandes santos e mestres espirituais. Existem muitos momentos de aridez, de derrota, de desentendimento, de calúnia e também de perseguições no apostolado, que podem vir, por um erro, de pessoas boas (a “perseguição dos bons”). O conselho espiritual deve ajudar a viver o mistério fecundo da cruz como um dom peculiar de Cristo Amigo”¹⁴.

Para quem estar considerando abandonar o caminho de entrega, talvez o mais indicado seja ajudá-lo a voltar ao momento com seu encontro com Cristo que lhe propunha esse caminho. À memória dos diferentes tempos e lugares em que Deus se fez presente em sua vida e em que a missão acumulou de sentido. E, em todo caso, não esquecer que há um chamado de Deus, indubitável, além de toda a determinação particular: a santidade.

Mesmo que mudem as circunstâncias, o núcleo essencial da chamada é uma realidade imutável. A vocação é um desígnio eterno de Deus, um dom concedido desde sempre e para sempre. Deus não muda as suas escolhas. Ninguém perde a vocação, perde a resposta. Uma vez que se tenha descoberto a qual caminho Deus chama, pode-se ter segurança de que seguirá ajudando a percorrê-lo. Porque fui escolhido tenho a graça para vencer. Permanecer no caminho vocacional buscado com retidão de intenção é ato de fidelidade, de fé.

5.5 Quanto aos celibatários. A palavra celibato designa a condição de célibe, ou seja, da pessoa que não contraiu matrimônio. São situações diversas: a) não contraiu, mas quer; b) pensava em contrair, mas por circunstâncias várias, não contraiu; c) os que consciente e voluntariamente assumem - por uma ou outra razão, geralmente com a prática da religião – uma opção e um compromisso celibatários.

Vocação ao celibato pelo Reino dos céus. Em 1Cor 7, São Paulo comenta sobre celibato e matrimônio como dons ou vocações, chamando a atenção para a excelência do celibato. Paulo VI lembrou: Cristo, Mediador de um Testamento mais excelente, abriu também novo caminho, em que a criatura humana, unindo-se total e diretamente ao Senhor e preocupada apenas com Ele e com as coisas que lhe dizem respeito, manifesta de maneira mais clara e completa a realidade profundamente inovadora do Novo Testamento. *Propter regnum caelorum*: chamado divino: dom, amor e missão de Cristo. Quem segue esse caminho vocacional não são pessoas que não amam. Quem é chamado ao celibato é alguém que sabe amar e com a ajuda da graça divina, se lança num caminho no qual o amor a Deus deverá preencher todas as camadas da sua personalidade.

É puro dom de Deus e que impele a entregar o corpo e a alma ao Senhor, a oferecer-Lhe o coração indiviso, sem a mediação do amor terreno. Agora, os celibatários por amor do Reino de Deus não devem parecer de forma alguma solteirões que não compreendem ou não apreciam o amor. Pelo contrário, a explicação de suas vidas está na realidade desse amor divino, que é a própria essência de toda vocação cristã. As circunstâncias permitem-lhes grandes possibilidades de atuação e ajuda aos demais, através de uma visão sobrenatural da situação. A afetividade não correspondida pode constituir um problema fundamental, porém é preciso canalizá-la de modo positivo, levando a uma vida de piedade que lhes faça compreender o valor dessa virtude.

5.6 Quanto à vida consagrada

“As pessoas consagradas, segundo sua diversa modalidade, seguem uma vida de radicalismo evangélico e apostólico, chegando a uma especial consagração, mediante a profissão dos conselhos evangélicos. Na vida consagrada será preciso levar em consideração o carisma específico (carisma fundacional) e a consagração especial (para a profissão), bem como as diversas modalidades de vida contemplativa, evangélica, comunitária e missionária, com as correspondentes Constituições, Regras, etc.”¹⁵

“O percurso rumo à vida consagrada segue etapas que preveem uma preparação imediata e também para um longo termo, aprofundando a autenticidade da vocação com o suporte de convicções ou motivações evangélicas (que dissipam as dúvidas sobre a identidade), de decisões livres, sempre para alcançar a verdadeira idoneidade (conjunto de qualidades)”¹⁶.

“Existem problemas concretos que poderiam ser afrontados como de ‘crescimento’ ou de ‘maturidade’ se a pessoa consagrada dedicasse uma atenção mais assídua à direção espiritual: problemas que podem ser de solidão física ou moral, de insucessos (aparentes ou reais), de imaturidade afetiva, de amizade

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 93.

¹⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 117.

¹⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 118.

sincera, de liberdade interior na fidelidade à obediência, de aceitação serena do celibato como sinal de Cristo Esposo para a Igreja esposa, etc.¹⁷

“A direção espiritual das *personas consagradas* apresenta aspectos peculiares, além dos já indicados anteriormente. O seguimento evangélico, a vida fraterna e a missão recebem impulso de um carisma particular, dentro de uma história da graça, com a profissão e o compromisso especial a ser a visibilidade no meio do mundo de Cristo casto, pobre e obediente e a memória viva da forma de existir e atuar de Jesus. A direção da pessoa que segue uma forma de vida consagrada pressupõe um caminho peculiar de contemplação, perfeição, comunhão (vida fraterna) e missão, que faz parte da sacramentalidade da Igreja mistério, comunhão e missão.”¹⁸

5.7 Quanto aos fiéis leigos

“A chamada universal à santidade, em qualquer concretização da vocação cristã, não sofre nenhuma redução, porque é sempre chamada à mesma perfeição: Amai[...] sede perfeitos como vosso Pai cristãos chamados à Santidade enquanto leigos pressupõe a vocação cristã à perfeição, com a particularidade de ser fermento evangélico no mundo e de agir a partir da própria responsabilidade pessoal e em comunhão com a Igreja. O diretor espiritual deve ajudar na relação pessoal com Deus (concretizar o modo de participação na eucaristia e a oração, o exame de consciência e a unidade de vida), formar a consciência, ajudar na santificação da família, do trabalho e das relações sociais. Trabalhar assim é oração. Estudar assim é oração. Investigar assim é oração. Não saímos nunca do mesmo: tudo é oração, tudo pode e deve levar-nos a Deus, alimentar este convívio contínuo com ele, da manhã até a noite. Todo trabalho honrado pode ser oração, e todo trabalho que for oração, é apostolado. Deste modo, a alma se enrijece numa unidade de vida simples e forte. Como recordava o Papa Bento XVI, todos os batizados são responsáveis pelo anúncio do Evangelho: Os fiéis leigos são chamados a exercer a sua missão profética, que deriva diretamente do batismo, e testemunhar o Evangelho na vida diária onde quer que se encontrem. A direção ou aconselhamento espiritual dado aos leigos não quer indicar nenhuma carência ou imaturidade de sua parte, mas é sobretudo um auxílio fraterno (por parte do conselheiro) para que possam agir espiritual e apostolicamente, atuando – como autênticos discípulos de Cristo – nas realidades humanas do trabalho, da família, da sociedade política e econômica, etc., para santificá-las a partir de dentro e levando sempre a própria responsabilidade e iniciativa”¹⁹.

“A direção espiritual dos leigos tende, então, ao caminho da santidade e do apostolado sem reducionismos, visto que estes não são apenas participantes do ofício sacerdotal, profético e real de Cristo, como qualquer batizado, mas vivem esta realidade com uma graça especial de sua presença no mundo, que lhes dá « funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja. Eles são chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, ajudem a dilatar o reino de Deus e a informar e atuar com o espírito cristão a ordem temporal, ou seja, para iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais[...], que elas sejam sempre feitas segundo Cristo. O acompanhamento espiritual levará, então, a que se tornem participantes da própria missão salvadora da Igreja, fazendo-a presente e ativa no meio das coisas temporais”²⁰.

“A ajuda do conselho espiritual é necessária tanto para a vida interior quanto nas diversas circunstâncias cotidianas: sociais, familiares e profissionais, sobretudo nos momentos da vida familiar e sócio-política nos quais é necessário apresentar-se e testemunhar os critérios fundamentais da vida cristã. Também na vida mais atarefada de qualquer apóstolo, se existe o desejo de santidade, é possível achar um espaço para o aconselhamento espiritual.”²¹

5.8 Quanto aos ministros ordenados e seminaristas

“Nas instituições de formação sacerdotal e de vida consagrada, assim como em algumas iniciativas apostólicas, frequentemente – justamente para garantir a formação adequada – indicam-se alguns conselheiros (diretores, mestres) deixando ampla margem para a escolha do diretor pessoal, em particular quando se trata

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 119.

¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 120.

¹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 122.

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 123.

²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 124.

de um problema de consciência e de confissão”²². Já foi dedicado um espaço no Capítulo 1 acerca dessa questão terminológica.

O seminarista necessita de direção espiritual, pois vive um período nada fácil de sua vida. Não é de todo descabida a frase: seminarista é um ser permanente em crise, sem dinheiro e com fome. Não deveria ser assim, mas acontece com frequência. Precisa ser ajudado em todos os âmbitos, mas o decisivo para que seja um bom sacerdote e que sirva muito bem a Deus, sem dúvida, é a direção espiritual. É o instrumento unificador da formação humana, teológica e espiritual. Claro está que a direção espiritual de seminaristas deve procurar um sereno, mas grave, discernimento acerca da autenticidade da vocação sacerdotal. No capítulo 5 será estudado em pormenor.

“O ministério do sacerdote é ligado à direção espiritual. Contudo, ele também tem necessidade de aprender a receber esta direção para saber oferecê-la melhor aos outros quando lha peçam. Quando o sacerdote recebe a direção espiritual, é necessário levar em conta o fato de que a sua espiritualidade específica possui como fulcro a unidade de vida no exercício do ministério. Esta unidade de vida, segundo o Concílio, é vivida com simplicidade pelos presbíteros em sua realidade concreta, seguindo, na prática do ministério, o exemplo de Cristo Nosso Senhor, cujo alimento era fazer a vontade d’Aquele que O enviou para realizar a sua obra. São dons e carismas vividos em estreita relação de dependência do próprio bispo e em comunhão com o presbitério da Igreja particular. Tanto na experiência pessoal quanto no exercício ministerial da direção espiritual, todos os campos da vida espiritual (contemplação, perfeição, etc.) são enfocados em uma dimensão trinitária, cristológica, pneumatológica, eclesiológica, antropológica e sociológica.

O plano pessoal para vida espiritual do sacerdote, além de incluir a celebração quotidiana do Sacrifício Eucarístico e da recitação diária do Ofício Divino, poderia ser composto da seguinte forma: diariamente, dedicar-se por um tempo à meditação da Palavra e, por alguns minutos, à leitura espiritual; reservar um momento, todos os dias, para a visita ao Santíssimo Sacramento ou para a adoração eucarística; periodicamente, encontrar-se com outros sacerdotes para um auxílio recíproco (reunindo-se para rezar, para fazer um pouco de partilha, para colaborar, para preparar homilias, etc.) e para colocar em prática e apoiar as orientações do Bispo em relação ao Presbitério (projeto de vida ou diretório, formação permanente, pastoral sacerdotal...); recitar diariamente uma oração mariana, como o Santo Rosário, para manter a fidelidade a estes compromissos; e, todos os dias, fazer o exame de consciência, geral e particular ⁹⁴”.

A ação ministerial é estreitamente ligada ao acompanhamento espiritual. Por isso, cabe aos sacerdotes, como educadores da fé, cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, a uma caridade sincera e operosa, e à liberdade com que Cristo nos libertou. De pouco servirão as cerimônias, embora belas, bem como as associações, embora florescentes, se não se ordenam a educar os homens a conseguir a maturidade cristã. Os presbíteros ajudá-los-ão a promoverem esta maturidade, para que até nos acontecimentos, grandes ou pequenos, consigam ver o que as coisas significam e qual é a vontade de Deus. Sejam ensinados também os cristãos a não viverem só para si, mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, cada um, assim como recebeu a graça, a administre mutuamente, e assim todos cumpram cristãmente os seus deveres na comunidade humana”²³.

“Quem aprecia verdadeiramente a direção espiritual não apenas a recomenda no próprio ministério, mas a pratica pessoalmente”²⁴.

A dignidade do ministério dos presbíteros não os livra das dificuldades, tentações e debilidades que colocam em dura prova o caminho à própria realização e, portanto, à santidade. A fidelidade ao dom recebido não pode ser dada como resolvida no simples exercício do ministério, como assunto já resolvido. O compromisso é feito uma vez, mas a fatura é descontada todos os dias de forma e peso diferentes. Quem julga estar em pé, cuide para não cair. A fidelidade é fruto de um trabalho permanente que envolve a levar seriamente em conta as condições reais nas quais realizam seu ministério.

Também os sacerdotes podem sentir-se sobrecarregados por tantos desafios pastorais, ao ponto de submeterem-se a condições de excesso de trabalho que, com o tempo, se revelam nocivas do ponto de vista psicológico, conseqüentemente também na vida interior.

6 Quanto ao enfrentamento das crises

²² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 105.

²³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 110-111-113.

²⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 114.

A crise pode ser pessoal, comunitária, familiar, na Igreja, ou até em nível mundial. A palavra crise vem do grego κρίσις, cujo sentido originário é decisão, escolha, juízo. É o juízo (enquanto decisão final de um processo), decisão, eleição (escolha), e, em geral, final de um acontecer. A crise “resolve” uma situação, mas, ao mesmo tempo, designa o ingresso em uma situação nova que coloca seus próprios problemas.

Crise costuma se entender por uma fase perigosa da qual pode resultar algo benéfico ou prejudicial para quem a experimenta. Em geral, não se pode valorar a priori uma crise positiva ou negativamente, já que oferece possibilidades de bem e de mal. Uma característica comum a toda crise é seu caráter súbito e, portanto, acelerado. A crise não oferece nunca um aspecto gradual e normal, e vai contra a toda permanência e estabilidade.

Sempre tivemos, temos e teremos algo (ou muito) de crises. O ser humano é constitutivamente “crítico”, tem insegurança ontológica, porque quase sempre está passando de uma fase a outra. Tipos e exemplos: crises evitáveis (fruto de imprudência), e inevitáveis (ao viver muitos anos, haverá as consequências da velhice); causada pelas próprias pessoas (perder todo o salário em apostas), pela natureza (terremoto), por familiares (mau comportamento dos filhos), comunidade (calúnias), parentes (morte dos pais), governos (pagamento exorbitante de impostos) ou vizinhos (barulho demasiado); previsíveis (falta de previsão de gastos), ou imprevisíveis (um pneu que fura em uma viagem de carro).

Para ter menos crises, deve-se contar com as previsíveis e, portanto, preparar-se (ter um plano de saúde e fazer avaliação médica frequente), cuidar de evitar a criação de crises por nossa culpa, sendo prudente nos gastos (não se endividar), no comer e no beber (para não passar mal ou adquirir doenças), na escolha do cônjuge (não se deixar levar pela paixão, mas avaliar o caráter, as disposições e atitudes), no relacionamento com as pessoas (evitando apegos e amizades perigosas ao próprio estado), etc.

Como enfrentar: cada tipo de crise exigirá uma abordagem diferente. Contudo, pode-se configurar uma série de medidas prudentes para não afundar na crise. Acima de tudo, na crise é preciso ter atitude de fé, senão entra-se em crise de fé.

Conselhos importantes de como se comportar diante das crises: não abandonar o plano de vida espiritual, ao contrário, caprichar nele; cumprir os deveres (profissionais, de estado, etc.) do melhor modo possível; fazer tudo como se tudo dependesse de si, rezar como se tudo dependesse de Deus; lembrar que, para efeitos sobrenaturais, se deve usar meios sobrenaturais (rezar, pedir, clamar, importunar, oferecer mortificações); agir com toda prudência diante da crise, analisando o máximo de possibilidades e consequências; antes, durante e depois de fazer tudo o que se pode, abandonar-se nas mãos do Pai, à Divina Providência; as opções decisivas não devem ser alteradas em momentos de crise (p. ex. a vocação, o casamento, o emprego); falar com o diretor espiritual ou confessor.

7 Quanto ao enfrentamento dos “momentos de cegueira”

São as piores crises, quando não se vê nada ou pouco da realidade da situação. A pessoa está demasiadamente ofuscada, como, por exemplo, na paixão como atração por outra pessoa, independentemente do estado e da vocação. O exemplo clássico é o bíblico Esaú, que volta do campo cansado e faminto, e Jacó. Esaú troca a sua primogenitura por um prato de lentilhas. É necessário muito cuidado nessas horas, pois a paixão pode cegar e levar a fazer atos que, depois de passar a “febre” só fazem lamentar e arrepender, podendo ser irremediáveis as consequências.

No caso dos “momentos de cegueira”, as regras básicas para superar essa crise são: falar ao diretor ou ao confessor quando do primeiro sinal e seguir a orientação; lembrar que a paixão tem prazo de duração relativamente curto, desde que não alimentada; lembrar que pode acontecer com qualquer um; apelar por meio da oração e de atividades que ocupem a imaginação e a memória; com tentações contra a fé, a castidade e a vocação não se discute, foge-se!

8 Quanto à maturidade da fé

O caminho da vida cristã é trilhado pela vida de fé.

8.1 Existem alguns aspectos da fé cristã em que muitos cristãos estão pouco ou insuficientemente formados. Maturidade cristã se alcança percorrendo o caminho rumo à maturidade de Cristo. É medida da plenitude de Cristo, que chama a alcançar para ser realmente adultos na fé: não permanecer crianças na fé. O Cardeal decano Joseph Ratzinger, na Missa *Pro eligendo Romano Pontifice*, para a abertura do Conclave que

o elegeu como Papa, apresentou alguns temas fundamentais para a direção espiritual: maturidade; ser adulto na fé; ter uma fé clara para resistir ao relativismo.

“Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas, lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. Cada dia surgem novas seitas e realiza-se tudo quanto diz São Paulo acerca do engano dos homens, da astúcia que tende a levar ao erro. Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar ‘aqui e além por qualquer vento de doutrina’, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.

‘Adulta’ não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade. Devemos amadurecer esta fé, para esta fé devemos guiar o rebanho de Cristo. E é essa fé, só essa fé, que gera unidade e se realiza na caridade. São Paulo oferece-nos a este propósito, em contraste com as contínuas peripécias dos que são como crianças batidas pelas ondas, uma bela palavra: praticar a verdade na caridade, como fórmula fundamental da existência cristã. Em Cristo, coincidem verdade e caridade”.

8.2 Quanto à fé na Divina Providência. Deus sabe perfeitamente o bem que promove e o mal que permite. E se permite é para tirar bens maiores. Enquanto não se ultrapassar a fronteira de escândalo e loucura que é o revestimento da Cruz, não se progredirá na vida interior. Muitos pensam que fé é acreditar que Deus existe e Ele que me ajude. Mas a Sagrada Escritura apresenta e exige outro nível: fé bíblica é saber que Deus existe e Ele quer minha ajuda. São Paulo quando cai às portas de Damasco pergunta a Jesus: “Senhor, que queres que eu faça?”

8.3 Quanto a fé que não é infantilismo, não é fanatismo nem tradicionalismo

A fé versa sobre o que não é evidente. Se fosse evidente não seria fé. Mas há que ter cuidado de não ideologizar a fé, porque a ideologia é um conjunto de princípios que me impede de pensar. Já a fé procura compreender, como ensinou Santo Anselmo, por própria índole pede aprofundamento. Não se deve acomodar com um conteúdo pequeno, ou como dizia Santo Agostinho “Paraste? Morreste!”. Ou ainda São Bernardo, “quem deixa de querer ser melhor, começou a não ser bom”.

A fé católica nunca exigiu que seus fiéis acreditassem que tudo na doutrina ou na disciplina seria dogma de fé ou de instituição divina. Muitas realidades eclesiais não são dogmas ou de instituição divina (por exemplo, diferença entre o rito sacramental e o sacramento).

Tampouco infalibilidade papal significa que o Papa goze de inerrância em tudo o que diz ou faz, nem que seja impecável. Mesmo a eleição dos Papas (que variou durante a história) não significa que o Espírito Santo escolha sempre os Papas e os Bispos. Seria difícil explicar certas eleições. Respeitemos a liberdade do Papa em decidir. Ele não é o oráculo de Delfos católico nem um terminal de acesso a Deus na terra. Quando é denominado Santo Padre, em primeiro lugar se refere a santidade do cargo (que é de fé), só secundariamente se referirá ao detentor do cargo. A infalibilidade papal refere-se a declarações solenes sobre fé e moral, em formulação que explicita a sua importância.

8.4 Quanto à visão de Igreja

Mesmo que não seja totalmente adequado, o uso das expressões conservador e progressista (ou liberal) é uma aproximação à dualidade referente a pessoas comumente chamadas conservadores e outras chamadas progressistas. Aproveitando os termos: pensar como conservador ou como progressista? Deve se fixar no passado ou avançar seguindo os sinais dos tempos? Desconhecer ou desconsiderar o passado é prudente? É sábio o desinteresse pelos sinais dos tempos? Adaptar-se ao mundo atual ou viver ancorados noutra época? Extraindo totalmente do originário caráter político: devemos ser conservadores (afirmar existirem valores, ideais, princípios que não se podem alterar) ou progressistas (afirmar ser possível evoluir ou mudar no campo dos valores, ideais, princípios)? As perguntas que devem ser feitas caso a caso, tema a tema: Deus revelou algo específico e vinculante sobre o tema em questão? Deus revelou algo relacionado ao tema? Existem condicionamentos históricos ligados direta ou indiretamente ao tema? E há que lembrar

sempre: “Na Igreja, tudo se apoia na fé: os sacramentos, a liturgia, a evangelização, a caridade. Mesmo o direito e a própria autoridade na Igreja assentam na fé”.²⁵

Existe um princípio há séculos iluminando a solução desses impasses: *in dubiis libertas, in necessariis unitas, in omnibus caritas*. Nas coisas essenciais unidade, nas outras, liberdade, em todas, caridade, resguardada a disciplina nos casos duvidosos. Ou seja, unidade, não uniformidade.

A Revelação é tão rica que dela se pode tirar ensinamentos para todos os tempos e para todas as circunstâncias da vida. É uma necessidade para a Igreja: cotejar, ponderar, considerar o passado, o presente e o futuro nas questões doutrinárias, teológicas, morais, espirituais, litúrgicas e pastorais. Sem isso, viveremos no fanatismo e no fundamentalismo.

Ora, conservar com fidelidade a fé recebida na Igreja não faz a ninguém ultraconservador. E admitir diversidade de prática pastoral, atentos às características de cada momento e lugar, não faz superprogressista. Se conservador é quem entende necessário manter, viver e transmitir fielmente a fé e a Tradição recebida dos apóstolos, há que ser conservador se quer ser católico. Se ser conservador significa congelar a doutrina ou a vida da Igreja, não se deve ser conservador. Se progressista é quem entende que a Igreja deve discernir os sinais dos tempos, há que ser progressista. Se ser progressista significa aderir sem critério às modas do momento, não cabe ser progressista. Se progressista é quem entende que a Igreja deve fazer uma opção preferencial pelos pobres, segundo o Evangelho e, portanto, não exclusiva, há que ser progressista. Se progressista significa fazer uma opção classista pelos pobres, contra os que não o são, não cabe ser progressista.

Termos importantes que convivem na fé católica:

Essencial: indispensável, fundamental, que constitui a essência (aquilo que constitui a natureza, o cerne da coisa).

Importante: que merece especial consideração e apreço.

Oportuno: quando convém (conveniente), apropriado.

Opinável: sujeito a diversas opiniões, portanto, duvidoso, incerto, inseguro.

Discutível: que se pode discutir ou divergir, ao menos quanto ao mérito.

Acidental: que é contingente ou que acontece de modo contingente, portanto acessório, suplementar.

Providencial: todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus.

Se conservador é pensar que existem realidades essenciais, ou seja, cujo significado ou conteúdo seja imutável, há que ser conservador. Não podemos admitir qualquer alteração substancial, sob pena de nos afastarmos da doutrina revelada por Deus, ou seja, as verdades de fé, também chamadas de dogmas. A negação ou dúvida pertinaz de uma verdade de fé é precisamente a heresia.

Se progressista é pensar que existem realidades não essenciais, portanto, opcionais, facultativas, acidentais, opináveis, discutíveis, opinativas, há que ser progressista, sob pena de canonizar o duvidoso e opinável, o que é ou pode se tornar ideológico. Também confundindo o que é da estrutura fundamental da Igreja (instituição divina) com o que é de instituição humana. A dogmatização do opinável, discutível, acidental é indevida e leva ao fanatismo.

E quanto ao importante e ao oportuno? Algo pode ser importante (portanto, não essencial) ou oportuno (portanto circunstancial) por vários motivos e admitindo diversos níveis de relevância e de vinculação requerida: doutrina não proclamada definitiva, proximidade maior ou menor da doutrina da fé, constante ensinamento da Igreja (ainda que não de forma dogmática), disciplina da Igreja (sem ser de direito divino), decisão da autoridade eclesiástica, motivos históricos, culturais etc. Portanto, realidades merecedoras de respeito, reverência, aceitação e até obediência, ainda que mais ou menos vinculantes ou discutíveis, admitindo, em alguns casos, recurso das decisões. Podem ser alteradas as circunstâncias, motivações, condicionamentos e compreensões, alterando o juízo histórico acerca de tal realidade.

Sem dúvida, pede-se um religioso obséquio de inteligência e vontade à doutrina que o papa ou o colégio dos bispos enunciam sobre a fé e os costumes, mesmo quando não tenham a intenção de proclamá-la por ato definitivo. Bem como todos os fiéis têm obrigação de observar as constituições e decretos que promulga a legítima autoridade da Igreja no âmbito doutrinário. Contudo, dogmatizar tudo seria exagero lamentável.

²⁵ BENTO XVI, Homilia em 19 de fevereiro de 2012.

Assim, se ser progressista é pensar ou admitir em tese que existem realidades importantes e oportunas passíveis de alteração, discussão ou evolução, devemos ser progressistas, mesmo respeitando-as (e, via de regra, acatando-as enquanto perdurarem).

Outros dois problemas atuais: Falta de distinção entre instituição divina e instituição humana; escassa compreensão dos textos bíblicos - eixegese X exegese (ideologia X ciência), anacronismo, disputa de Cristo sobre a SE

Infelizmente, na Igreja, muita energia e muito tempo são gastos em discussões periféricas. Muitos conflitos em torno de temas e concepções opináveis e discutíveis acabam se personalizando e, tantas vezes, faltando à justiça e à caridade. Há bastantes séculos: *in dubiis libertas, in necessariis unitas, in omnibus caritas*. Esse deveria ser um princípio basilar da convivência eclesial. Temos a tendência de dogmatizar as nossas opiniões e lutar por elas com unhas e dentes. Não poucos tendem a relativizar o que é dogma. E outros a dogmatizar o que é relativo e discutível. Em questões, temas, projetos, ideias duvidosas, opináveis, discutíveis, pois viva a liberdade! Em questões necessárias, dogmáticas, pois seja respeitada a unidade. O difícil na cabeça de muitos católicos é distinguir o dogmático do opinável. Por falta de formação, vive-se a confusão.

8.5 Quanto às pessoas enlutadas

Dentre os momentos mais difíceis de viver, sem dúvida, estão as mortes de familiares e amigos. É justo lembrar os mortos. Porque eles deixaram no mundo e deixaram o mundo. Tem-se grande dívida de gratidão para com eles. Quanto deram, com seu exemplo e sua fé, com suas invenções e seu trabalho, com seu sorriso, sangue e lágrimas. E na vida pessoal, quantos ajudaram.

É justo e necessário rezar pelos mortos. Afinal, nem todos, nesta vida, deram os frutos que Deus esperava. E na morte a vida não é destruída. Na hora da morte, na alma, comparece diante de Deus para receber a retribuição merecida de acordo com a vida que levou neste mundo. Muitos, mesmo que tenham morrido em amizade de Deus, precisam de purificação prévia à visão de Deus, e a oração os alcança.

Momento importante para aprender. Para lembrar o que se é e o que aguarda. Aprender com a morte. Quando nasce alguém, pouco se pode dizer: talvez venha a ser sábio, talvez não; talvez rico, talvez pobre; talvez viva muito tempo, talvez não. Mas de ninguém se diz: talvez morra, talvez não. A única coisa certa na vida é a morte. E o incrível é que se alguém está com uma doença incurável, dizemos: pobrezinho, deve morrer, está condenado, não tem cura, está com os dias contados. Mas não dever-se ia dizer o mesmo de cada um que nasce? Dizia Santo Agostinho: a morte é uma doença incurável que contraímos ao nascer. Nascer para morrer. Pode parecer trágico a alguns, mas é pura verdade.

O fato de que todos devem morrer, ensina a aproveitar o tempo que nos resta. É a seriedade da vida e da morte. Todos os dias morre-se um pouco. E sempre se está a um só passo da morte. Sua possibilidade real pesa sobre cada um de nós. Milhares de pessoas morrem a cada minuto, muitos que não pensavam na morte mais do que nós. Não há nada mais certo do que a morte. E nada mais incerto que a morte. Já nos estaremos diante de Deus para a retribuição eterna. E de que adiantará ter conquistado o mundo inteiro? Mais dia, menos dia e tudo deixaremos.

E se souber agora que terá apenas mais vinte e quatro horas nesse mundo, o que faríamos? Depois da morte, na hora do nosso julgamento diante de Deus veremos tudo bem diferente. Como muitos irão considerar-se tolos por terem escolhido riquezas, festas, prazeres, sexo, desonestidades, em lugar da amizade de Deus.

Tem-se que aproveitar a vida. Recebe-se esse tempo para conhecer, amar e servir a Deus e assim alcançar a glória eterna. A vida deve render. Frutos para a eternidade. A morte não é o fracasso final da vida humana, mas o portal da eternidade. Para quem não tem fé é o fim, para quem tem fé é o verdadeiro começo.

Nós cristãos temos a resposta ao enigma da morte. É Jesus. A divindade ocultou-se sob a humanidade de Cristo e aproximou-se da morte, que o matou, mas depois foi morta pela ressurreição. Como nos diz tantas vezes a liturgia: Morrendo, Ele destruiu a morte. Depois de Cristo a morte humana já não é a mesma de antes. Como grita de alegria São Paulo: ó morte, onde está tua vitória? Cristo ressuscitou! Eu sou a ressurreição e a vida, afirmou Nosso Senhor.

Agradecer a vida dos falecidos e pelo muito que deixaram. Rezar para que alcancem o prêmio da glória eterna junto de Deus. E tomar mais uma vez a decisiva consciência de que eles já chegaram, os vivos estão a caminho. Ainda há tempo de dar frutos para o Reino de Deus.

Contudo, em se tratando da morte, o mais importante no cristianismo não é o fato de ter de morrer, mas de Jesus ter morrido por nós. São Paulo afirmou: se morremos com Ele, viveremos com Ele. Ser cristão de fato é estar unido com Cristo para a vida e para a morte.

8.6 Quanto ao medo da morte e do fim do mundo

Certa vez, foram questionados uns jovens sobre o que fariam se soubessem ter apenas mais 24 horas até o fim do mundo. Um deles respondeu rápido: não iria nem dormir para aproveitar e fazer tudo que sempre teve desejo. Um típico materialista, para o qual a vida é uma espécie de laranja a ser espremida até a última gota, uma diversão a ser gozada até o último suspiro. E se pensasse bem, a vida seria um triste enigma, pois nos apaixonamos pela vida feliz e nasceríamos apenas com um fim: acabar num abismo do nada. Outro jovem teve a coragem de dizer que se soubesse que iria morrer em 24 horas iria correndo procurar um padre para se confessar. E foi dito: então faça isso já, porque você sequer sabe se terá 24 horas ainda.

É curioso rezar “venha nós o Vosso reino” e, ao mesmo tempo, ter medo da volta gloriosa de Cristo, o chamado fim do mundo. Isso porque morte e fim do mundo soam como uma catástrofe que um dia deitará por terra os planos e aspirações em que concentraram toda a vida.

“Creio que há de vir para julgar os vivos e os mortos. E o seu Reino não terá fim”. Ou seja, o sentido não está na destruição. A Bíblia entende como fim de um mundo, não do mundo. O centro do quadro traçado por Jesus não consiste numa catástrofe cósmica, mas na sua volta, que é a finalidade do mundo, ou seja, a meta à qual se dirige a história para chegar à plenitude: a vitória de Xto, vitória definitiva do amor sobre o pecado, da graça sobre a culpa, da eternidade sobre a existência mortal. E a sua vitória passa a todos os que creem nEle e nEle vivem.

A primeira vinda de Cristo foi a inauguração do Reino de Deus. No fim dos tempos, chegará à plenitude. Depois do Juízo Final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado. Assim, o fiel não espera uma catástrofe cósmica e o abismo do nada, mas a consumação do universo e o florescer da plenitude. Não será o fim, mas o verdadeiro começo. Como lembra o salmo: “Vós me ensinai como caminho para a vida; junto a Vós felicidade sem limites, delícia eterna e alegria ao vosso lado.

Ignoramos o tempo e a maneira da transformação do universo, o que a Escritura chama de céus novos e terra nova. Será a realização definitiva do projeto de Deus Pai de em Jesus recapitular todas as coisas. A felicidade irá satisfazer e superar todos os desejos dos homens. Neste universo novo, Deus terá a sua morada entre os homens. Nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. A visão face a face, na qual Deus se revelará aos eleitos, será a fonte inesgotável de felicidade e de paz.

Como o dia e a hora não foram revelados, a Bíblia insiste numa decisão pronta, sem demora. Essas coisas permanecem ocultas para que estejamos sempre preparados. Na espera da volta de Cristo, os cristãos devem permanecer vigilantes, atentos e ativos. É um apelo à nossa fé nAquele que é Senhor e Salvador do universo. Apelo à vigilância, para não vivermos de costas para esse dia definitivo. E temos à disposição somente um tempo limitado.

Estar de malas prontas para a última viagem. Estar pronto se trata de uma atitude interior. O modo com o qual desenvolvemos a nossa vida, as nossas normais ocupações é o modo no qual esperamos ou não esperamos o Senhor. Devemos estar atentos ao silencioso passo de Deus por nossos caminhos, com os olhos fixos na meta futura, sem nos deixarmos distrair e submergir na trivialidade e na frivolidade. Se vivermos na observância de seus mandamentos e no seu amor, a sua chegada não nos deixará constrangidos e estaremos contentes de que Ele nos chame para estarmos com Ele para sempre.

O que para uns é o fim, para nós é alegre anúncio de que no horizonte da vida surge o Salvador e Rei do universo: Jesus Cristo. Quem espera o Senhor com a certeza da fé, está convencido desta alegre esperança, reza com convicção “venha a nós o vosso reino”.

Entrar na glória divina é o único que realmente interessa. Se não, a vida terá sido um imenso fracasso, e para sempre. Ainda que poderosos, famosos, ricos e tendo gozado todos os prazeres nesta vida. Tudo isso é temporário, depois é para sempre. Jesus avisa: temos que aproveitar a vida. Nossa vida tem que render para o Reino de Deus.

9 Quanto à capacidade intelectual

Intelectuais e não intelectuais: a direção deve se acomodar à mentalidade de cada um, seja àqueles que compreendem a doutrina de modo mais profundo, orgânico... seja para aquele que carece de flexibilidade,

tende à rigidez... Porém, sempre tendo no horizonte um objetivo buscar a santidade através do equilíbrio e caridade. Ter presente a meta dos esforços de todos os cristãos: conhecer e amar ao Senhor. Elevar os ideais e os esforços humanos a um nível sobrenatural (“exterior” – estudo, trabalho, etc – ao “interior” – amor a Deus), fazendo os dirigidos compreender que são instrumentos nas mãos de Deus.

10 Quanto à saúde física e psíquica

É importante que o diretor espiritual se interesse pela pessoa como um todo e seja um facilitador aos cuidados médicos e à vida sacramental. Inclusive poderá ser decisiva a indicação de que deve procurar orientação médica.

Cabe ao diretor espiritual informar-se ou até intuir minimamente quais tipos de enfermidades que a pessoa possui e fazer os devidos encaminhamentos para os profissionais da saúde, quando os problemas não forem de ordem religiosa e que este não seja capaz de resolvê-los. Nem sempre é fácil de distinguir entre uma doença de personalidade, uma característica patológica da maneira de ser, um simples defeito transitório ou uma falta de maturidade psicológica. Situações como perfeccionismo, instabilidade afetiva, tendência ao pessimismo e à tristeza, pessoas inseguras com tendência depressiva e o fazer-se vítima, carecem de atenção e cuidados especiais para cada situação. Jamais se pode generalizar e tratar cada enfermidade da mesma situação.

O diretor espiritual deve fomentar no doente a prática da espiritualidade para que jamais perca a confiança em Deus e busque na medicina um alívio para seus sofrimentos. Deve levar a pessoa a fazer uma entrega dessa situação a Deus. Um ato de abandonar-se em Suas mãos.

Às vezes, o enfermo pode se revoltar contra Deus. Quando o enfermo está em situação crônica, ele pode elevar seu coração ao céu através de jaculatórias. Tem um grande tesouro de oração e santificação em suas mãos e que pode distribuir com generosidade. Também pode se sentir inútil por diminuir suas atividades físicas e passar a pensar que está sendo um estorvo na vida dos outros. Nesses casos é preciso convencê-lo de que faria o mesmo se alguém que ele ama estivesse na mesma situação e que a enfermidade e seus cuidados são ocasião de crescimento para ambos.

Quando a doença é grave e o diagnóstico comporta um risco vital, as perguntas pelo sentido da vida e da morte são cruciais. Também precisa estar preparado para lidar com problemáticas que envolvam a bioética, como: meios ordinários e extraordinários de conservação da vida, a licitude ou não na sedação da pessoa, a doação de órgãos, etc.

Quando se trata de deficiência e demência, há enfermos que possam ter momentos de maior desânimo – especialmente quando se trata de deficiência em pessoas que tinham uma vida ativa e ficaram limitadas fisicamente por causa de algum acidente e passam a ser total ou parcialmente dependentes.

Sem dúvida, há um maior conhecimento psicológico alcançado nos últimos anos, o qual permite decifrar melhor os problemas do ser humano. Porém, como as convicções implicam em modos de agir e aconselhar, com frequência se criam conflitos com os conselhos de alguns psicólogos ou psiquiatras. Por exemplo, se o terapeuta orienta um paciente ansioso para a decisão de divorciar-se e casar de novo, como se deveria reagir? Seria bom, para ter mais tranquilidade, renunciar ou ir contra um ensinamento de Cristo?

Outrossim, seria um erro grave querer reduzir tudo à psicologia, confundir a saúde da alma com o bem-estar emocional, sem considerar os aspectos espirituais do ser humano. Explica o Papa Bento XVI:

“Um dos aspectos do espírito tecnicista moderno é palpável na propensão a considerar os problemas e as moções ligados à vida interior somente do ponto de vista psicológico, chegando-se mesmo ao reducionismo neurológico. Assim esvazia-se a interioridade do homem e, progressivamente, vai-se perdendo a noção da consistência ontológica da alma humana, com as profundidades que os Santos souberam pôr a descoberto. *O problema do desenvolvimento está estritamente ligado também com a nossa concepção da alma do homem*, uma vez que o nosso ‘eu’ acaba muitas vezes reduzido ao psíquico, e a saúde da alma é confundida com o bem-estar emotivo. Na base, estas reduções têm uma profunda incompreensão da vida espiritual e levam-nos a ignorar que o desenvolvimento do homem e dos povos depende verdadeiramente também da solução dos problemas de caráter espiritual. *Além do crescimento material, o desenvolvimento deve incluir o espiritual*, porque a pessoa humana é um ser uno, composto de alma e corpo, nascido do amor criador de Deus e destinado a viver eternamente. O ser humano desenvolve-se quando cresce no espírito, quando a sua alma se conhece a si mesma e apreende as verdades que Deus nela imprimiu em gérmen, quando dialoga consigo mesma e com o seu Criador. Longe de Deus, o homem vive inquieto e está mal. A alienação social e

psicológica e as inúmeras neuroses que caracterizam as sociedades opulentas devem-se também a causas de ordem espiritual. Uma sociedade do bem-estar, materialmente desenvolvida, mas oprimente para a alma, de per si não está orientada para o autêntico desenvolvimento. As novas formas de escravidão da droga e o desespero em que caem tantas pessoas têm uma explicação não só sociológica e psicológica, mas essencialmente espiritual. O vazio em que a alma se sente abandonada, embora no meio de tantas terapias para o corpo e para o psíquico, gera sofrimento. *Não há desenvolvimento pleno nem bem comum universal sem o bem espiritual e moral das pessoas, consideradas na sua totalidade de alma e corpo*".²⁶

10.1 Quanto à doenças²⁷ psíquicas ou mentais, não propriamente espirituais
"Existem também doenças e fraquezas psíquicas ligadas à vida espiritual".²⁸

Os enfermos precisam de uma atenção especial. O sofrimento, a doença e a dor sempre continuarão sendo situações críticas, pois nos deparamos com a limitação e finitude humanas. Ajudará conhecer alguns aspectos da psique humana, ainda que seja para enviar ao psiquiatra. Ademais, existem alguns sintomas que estão intimamente unidos à esfera espiritual, de modo que os conhecer é de particular importância. Por exemplo, a depressão, tão frequente e conhecida desde há mais de dois mil anos, mas sobre a qual ainda não se chegou a conclusões unânimes. Discute-se sua natureza, sua origem e até sua definição. Não se esclareceram por completo suas causas, características, prognóstico e tratamento mais eficaz, se é causada primariamente pelo stress psicológico e conflitos, pelas crenças de fundo ou por um problema biológico.

Evidentemente, não se busca neste estudo dar condições para que se chegue a diagnósticos, saiba tratar enfermidades, ou que, ao final, se esteja em condições de compreender perfeitamente as pessoas colocando uma etiqueta descritiva. Cada pessoa vem ao mundo única, original e irrepetível, trazendo consigo características herdadas de seus pais, mas também a alma que é criada imediatamente por Deus e diversa.

A doença física (ou orgânica) é um processo anômalo que tem como causa inicial um defeito nos órgãos ou em alguma função fisiológica (p. ex. câncer, meningite). Há muitas enfermidades físicas que são desencadeadas por fatores psicológicos (p. ex. gastrite, infecções na pele). Tratam-se de enfermidades psicológicas que se encontram mascaradas em sintomas físicos. Por isso, distinguir entre o físico e o psíquico nem sempre é uma tarefa fácil. A enfermidade física pode também ser uma sintomatologia psíquica. E quando um conflito psíquico provoca um sintoma somático sem um comprometimento real de órgãos ou sistemas fisiológicos tem-se o comportamento histérico, onde o sofrimento psicológico se transforma ou se converte em manifestações somáticas (p. ex. incapacidade momentânea de falar). Existe também a histeria coletiva, provocada por notícias. E existem ainda os transtornos fictícios, que consistem em provocar conscientemente as manifestações de uma doença.

Há que se estar atento para não atribuir demasiadamente rápido à psique algum sintoma ou moléstia. A úlcera péptica de estômago e do duodeno é um exemplo histórico. Não faz muito se pensava que o principal fator era a psique. Nos anos 90, descobriu-se que a causa fundamental era uma bactéria.

Há muitos casos de doenças psíquicas. Entre elas a genética é importante, mas não completamente determinante, como demonstram os casos de gêmeos. A doença psíquica ou mental se manifesta sobretudo no agir humano e nas funções unidas à esfera psíquica, como os sentimentos, os pensamentos e as atitudes.

Há que distinguir problemas psicológicos das dificuldades espirituais, para saber tratar e prevenir. O sofrimento é semelhante. Uma fissura ou falha na dimensão física, psíquica ou espiritual afeta toda a pessoa. A angústia, o esgotamento, a pena ou o desconcerto de quem padece uma depressão podem ser iguais aos daqueles que não encontram o sentido da sua vida, ou de quem só pensa em si mesmo e em como obter prazer. Ou talvez sejam esses problemas, que chamaríamos espirituais, a causa das moléstias.

As relações entre as dimensões física e psíquica são múltiplas. Em alguns transtornos físicos, os fatores psicológicos contribuem direta ou indiretamente como causas. A asma e a úlcera gástrica, p. ex., podem ser favorecidas pelo stress psicológico. Os sintomas psicológicos podem provir de alterações do sistema nervoso ou endócrino, ou ser reação a outro transtorno físico. O stress provoca uma reação exagerada de algum sistema fisiológico particular: em certas pessoas afeta o sistema digestivo (p. ex. cólica); em outros o cardiovascular (hipertensão ou taquicardia, p. ex.); em outros a pele (dermatite, p. ex.).

²⁶ BENTO XVI, CV 76.

²⁷ Bibliografia para referência é ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, 10.ed.rev., São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

²⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 96.

Stress: seriam as circunstâncias ou situações que provocam uma tensão interna e excitação emocional que sobrecarregam o organismo. Como consequência, produz-se um aumento da atividade do sistema nervoso autônomo e o estímulo de um ou mais sistemas ou órgãos em uma resposta pessoal. O stress pode alterar a evolução dos transtornos físicos graves (Parkinson, p. ex.). Também as emoções podem afetar o sistema nervoso autônomo e a resposta imunológica.

Às vezes, ansiedade é simplesmente nervosismo ou um certo medo ante situações. Vai unida a manifestações fisiológicas como fadiga, debilidade, insônia, tremores, taquicardia, secura da boca, sudorese exagerada.

Em termos gerais, pode-se distinguir situações mais relacionadas com a esfera psíquica: doença grave, como a esquizofrenia; patologia psíquica bem diferenciada, como fobia, depressão severa; problemas de origem psicológica evidente, mas não totalmente diferenciado, como ansiedade exagerada e instabilidade de ânimo; problemas duvidosos ou mistos, como nervosismo, algumas cefaleias, insônia, tendência a escrúpulos; alterações de personalidade desencadeadas por vivências traumáticas ou mesmo por lesão cerebral associada a doenças neurológicas.

Sendo a personalidade um modo de ser que se forma ao longo da vida, mantém um padrão relativamente estável, mas com possibilidade de sofrer alterações, em especial atenuação de traços marcantes e por vezes prejudiciais ao desenvolvimento do indivíduo, e é o resultado das interações entre os fatores constitucionais, sociais, ambientais, entre outros, onde a religiosidade é peça-chave. A causa exata dos transtornos de personalidade não é conhecida. Fatores genéticos influenciam sua formação. Também outros fatores, como por exemplo: deficiências de família (especialmente a falta de afeto ou abuso na infância), educação, relacionamentos e experiências negativas. Pessoas com uma intensa vida espiritual tem uma arma para remediar padrões problemáticos de seu funcionamento, à medida em que, pouco a pouco e por renovada força de vontade, se observam e reconhecem tais falhas.

São doenças relacionadas à ordem psíquica:

a) A esquizofrenia: acontece pela perda do contato com a realidade. Consiste em um desdobramento da personalidade como: perda de contato com a realidade, alucinações, dificuldade de executar as atividades diárias, inclinação ao alcoolismo, drogas e ideias de suicídio. Tais sintomas são desencadeados entre os 18 e os 25 anos de idade. Porém, isso não isenta as pessoas mais maduras, mas é menos frequente. A pessoa com esses sintomas pode, por exemplo, estar passando por uma fase de término de relacionamento amoroso, estar morando fora de casa nos últimos meses ou mesmo utilizando substâncias químicas.

b) O transtorno delirante: caracteriza-se pela presença de uma ou mais convicções errôneas. Estas persistem por pelo menos um mês. Esses delírios são diferentes da esquizofrenia. O funcionamento social não está tão comprometido. Seus sintomas são: convicção de possuir grandes talentos, convicção de que o cônjuge é infiel, ser persuadido de que está sofrendo um complô, etc. Como sofre de delírio, não é recomendado contradizer diretamente o enfermo em seu delírio para que não haja uma ruptura no diálogo.

O transtorno psicótico breve é semelhante ao delirante. Diferencia-se pelo curto período de duração, que pode ser até menor que um dia. A psicose caracteriza-se pela grave incapacidade de interpretar a realidade. A neurose é caracterizada pela parcial ausência de consciência da realidade, pois possui momentos de contato com a realidade.

c) Os transtornos de humor: alteram o estado de ânimo, sendo unipolar (depressão) ou bipolar (maníaco-depressivo). Alguns transtornos da personalidade causam excentricidade e desconfiança exageradas (p. ex.: paranoide), muito emotivas e imprevisíveis. Os transtornos de humor são muito frequentes na vida das pessoas. Eles consistem em alterações do estado de ânimo por excesso ou por defeito.

A depressão manifesta-se por meio de episódios de ao menos duas semanas em que são prevalentes a incapacidade de experimentar alegria, o humor baixo, a perda de interesse de iniciativa, a lentidão em processos psíquicos e motores, o pessimismo, a indecisão, os sentimentos de culpa, a insônia, a ansiedade, etc. Pode ser passageira ou prolongada. Alguns períodos da vida favorecem a sintomatologia depressiva: o período da adolescência, a menopausa, etc.

Em outro pólo temos a mania, que é caracterizada pela euforia, excitação psicológica e motora, desinibição, otimismo sem causa, valorização exagerada das próprias capacidades. Ela compromete a capacidade de juízo no comportamento social. Leva a decisões desastrosas. Por períodos de dias a semanas são pessoas com muitos planos e projetos, com grande energia física e pouca necessidade de dormir. Em um grau menor, temos ainda a hipomania (pessoas que frequentemente vivem períodos com sintomas mais

brandos e mais breves que os maníacos, mas podem apresentar-se com alto nível de irritabilidade, euforia, hiperatividade e impulsividade).

Uma pessoa pode alternadamente apresentar um quadro depressivo e de mania. Trata-se de um possível transtorno bipolar. Pessoas assim têm recaídas frequentes e precisam de tratamento para estabilizar seu humor. Muitos casos assim precisam de tratamento médico urgente.

d) O transtorno da ansiedade: é um transtorno que deriva de uma resposta ao stress e ao perigo. Suas reações provocam no organismo a taquicardia, a sudorese, o aumento da pressão sanguínea, a alteração da frequência da respiração, etc. Trata-se de um mecanismo de defesa do organismo. Mas essa defesa nem sempre é de um risco real. Os sintomas da ansiedade têm frequente associação com: hipertireoidismo, descompensações cardíacas, arritmias, enfermidades pulmonares, efeito contrário de medicamentos, etc. A ansiedade pode gerar transtornos como ataques de pânico, por exemplo. Esses correspondem a uma intensa ansiedade. Seus sintomas: dores no tórax que simulam um infarto, palpitações, sufocamento, náuseas, vertigem, medo de perder o controle ou morrer. Outro exemplo é a fobia social. Esta consiste em evitar circunstâncias em que o sujeito se exponha ao juízo dos demais gerando um medo irracional. Os transtornos de ansiedade se diferenciam de um peso normal da vida pelo fato de a pessoa viver em uma tensão contínua, um cansaço e irritabilidades foram do comum, problemas de sono, dificuldade de concentração e de memória, etc. O primeiro passo a dar em quaisquer dessas situações é identificar o motivo da ansiedade: se a causa é interna (fatores ligados a eventos emocionais) ou externa (outras pessoas ou situações provocam tal ansiedade), ou ainda se está ligado à saúde psíquica. Para isso, há uma série de medidas que podem ser tomadas, de acordo com cada situação.

Ansiedade e stress são possíveis de controlar; é possível e necessário. Um pouco deles pode ser útil, pois nos ajudam na motivação para estudar com mais decisão ou correr de um perigo. Outras vezes atrapalha e muito. O primeiro passo é não se centrar demasiadamente no sintoma: como estou, como me sinto; sair de si mesmo, olhar e servir os demais. Logo, há que cuidar de alguns aspectos fisiológicos, como o sono. Ajudará a atividade física, um passeio agradável, boas leituras, mudança de atividades para não fazer sempre o mesmo. É importante desfrutar da vida sem concentrar-se no desfrute, ou seja, no prazer fácil e de pouca duração. E, no possível, levar a vida com bom-humor. Causas do stress: ativismo, trabalho frenético que contamina o próprio tempo e não deixa espaço para os demais. Quando, apesar dos esforços, notamos o freio dos nervos, será conveniente uma consulta médica, pois há numerosos fatores psicofísicos capazes de produzir ansiedade, e muitos remédios.

e) O transtorno obsessivo e compulsivo (TOC): é um dos transtornos de ansiedade mais comuns. Nele, a pessoa não consegue desenvolver suas atividades normais. Faz com que ideias, pensamentos, impulsos ou imagens que invadam o pensamento mesmo sem a pessoa querer e provocam angústia. O indivíduo vive em uma obsessão involuntária, perfeccionista, inflexível, com preocupação exagerada pela ordem, exagero nas regras e detalhes, dedicação obsessiva ao trabalho, não têm capacidade de delegar algo à outra pessoa por receio de que algo saia do controle. São habitualmente discretos, tendem a disfarçar os sintomas até que tenham maior gravidade. Observam-se diferentes temáticas, isoladas ou misturadas: limpeza, alinhamento e verificação, receio de ser culpado por coisas ruins, ideias de fazer ou falar algo agressivo ou profano, ou de estar contaminado por germes.

O enfermo pode, por exemplo, sentir-se sempre infectado por uma bactéria e por isso tem a necessidade de constantemente higienizar suas mãos. Quando em direção espiritual uma pessoa que sofre de TOC pode constantemente perguntar: “estou contando todos os detalhes?”; “estou sendo claro o suficiente?”; “os dados que lhe passei estão corretos mesmo?”; etc.

Obsessão e compulsão apresentam-se em diversas enfermidades. A obsessão (do latim *obsessio* = assédio) consiste em ideias, pensamentos, impulsos, imagens que não se consegue retirar da mente. São um modo invasivo e prepotente e se percebem como algo irracional, incontrolável que provocam angústia. Já o termo compulsão indica comportamento e pensamentos impetuosos que acompanham a obsessão.

f) Os distúrbios do comportamento alimentar: caracterizam-se por alterações do comportamento na alimentação e por uma determinada percepção de peso e da própria imagem corporal. As causas podem ser genéticas, psicológicas ou mesmo biológicas. São frequentes o perfeccionismo, as faltas de equilíbrio afetivo, os medos, as histórias de abusos, déficits emotivos e cognitivos, depressão, ansiedade e distúrbios de personalidade. Os fatores que levam a tais distúrbios podem ser: obesidade de um dos membros da família, separação dos pais, enfermidade física, etc.

São dois os mais importantes distúrbios alimentares: anorexia e bulimia nervosas. No primeiro caso temos a percepção alterada no tocante à imagem corporal e o temor patológico pela obesidade. É quase exclusivo em mulheres e tem início na adolescência. A anorexia pode desembocar em uma bulimia. Esta, que também afeta principalmente as mulheres, consiste em alimentar-se compulsivamente e com grandes quantidades ao ponto de a pessoa se sentir incapaz de deixar de comer. Seguem os esforços compensatórios para evitar o aumento de peso: vômito auto induzido, uso excessivo de laxantes e diuréticos, etc. O tratamento inclui psicoterapia e medicamentos. A família tem papel fundamental, no que tange a ajudar a pessoa a melhorar a percepção de si mesma.

g) O transtorno da personalidade paranoide: frios e distantes nas relações sociais, suspeitam dos outros e carregam consigo muitos rancores.

h) O transtorno de personalidade esquizoide: também frios e distantes. Apresentam pouca experiência emotiva e são solitários.

i) O transtorno de personalidade esquizotípica: têm pensamentos e forma de atuar extravagantes.

j) O transtorno da personalidade antissocial: não seguem as regras morais nem sociais. São dissimulados, manipuladores e tendem a agir em busca de um ganho secundário.

k) O *Borderline* (onde 75% são mulheres): é a situação de pessoas muito impulsivas e ansiosas. Com frequência se automutilam com a intenção de diminuir a dor psíquica com a dor física, histriônico (emotividade exagerada, reagem mal se não são o centro das atenções). São pessoas sedutoras, provocativas e põem ter associados traços narcisistas, como ideias irrealistas de grandeza, sentimentos de superioridade e autossuficiência, facilmente contraem dívidas.

l) O transtorno de personalidade esquiva: é característica dos que evitam qualquer situação de risco e contatos interpessoais com medo de rejeição, humilhação, etc. Vêm-se sempre como inferiores aos demais, sofrem por isolamento.

m) O transtorno de personalidade dependente: característico daqueles que são incapazes de decidir por si mesmos, inseguros, em total submissão. Lembrando que no transtorno de personalidade, a pessoa tem dificuldade de perceber os aspectos de seu comportamento ou funcionamento que causam sofrimento aos demais.

n) O escrúpulo: a etimologia da palavra reflete o tipo de desconforto que ocorre: do latim *scrupulus* ou pequena pedra afiada, que pode entrar em um sapato e causar muito desconforto se não for removida. Os escrúpulos podem ser bastante variados: ideias de condenação, desejo frequente de confissão sem ter muitos pecados ou que sejam graves, exagero na recitação de orações, automutilação para afastar as tentações, etc. É importante a delicadeza do diretor para com a fineza de consciência que algumas pessoas têm. Pode ser que tenham uma consciência malformada. É importante explicar o mecanismo psicológico com que se formam tais escrúpulos. A consciência bem formada leva a viver serenamente, aproveitando as ocasiões que podem prejudicar a pessoa.

o) Doenças e desvios da sexualidade: pessoas que iniciam a vida sexual precocemente. Sem um prévio arquétipo psicológico, tendem a centrar esta dimensão em uma faceta física e animal, tornando-se incapazes de perceber todo um conjunto harmonioso e amoroso. A pessoa é vista apenas como um objeto de prazer. A vivência de uma sexualidade descompromissada e desenfreada pode gerar alterações psíquicas e disfunções: transtorno de gênero; firme convicção de pertencer ao sexo oposto; as parafilias, nas quais o objeto de apetite sexual é inadequado (p. ex., a pedofilia). A masturbação, muito comum no período da adolescência, sem ser uma enfermidade, pode indicar um mal-estar psíquico quando é usada como meio para combater as emoções negativas, como a ansiedade. Outro exemplo é a homossexualidade – que não é considerada uma enfermidade –, sem causa cientificamente conhecida.

p) As drogas e o alcoolismo: são problemas de enorme relevância social, sobretudo pela forma desmensurada com que crescem principalmente no público jovem. Os indivíduos tomam esse rumo em busca de prazer por meio de gratificações psicofísicas como: desinibição; percepções alucinatórias; excitação da sensualidade; esquecimento dos problemas, preocupações e responsabilidades; desordem moral por meio do mau exercício da cidadania. Quando sob o efeito de entorpecentes, a pessoa diminui o sofrimento, mas perde o autocontrole. Na direção espiritual com essas pessoas, procura-se orientar para bons costumes que não necessitam desses instrumentos para alcançar a alegria e a felicidade, busca-se recuperar a confiança na vida de cada dia, na possibilidade de trabalhar, de ter ideais... Há que se manter uma postura receptiva quanto aos motivos de uso, aceitar sem postura de julgamento, mas com firme defesa da mudança para uma postura reta.

Tais indivíduos são sensíveis ao encorajamento frequente, à valorização das conquistas e ao cuidado em não se abalar excessivamente por eventuais recaídas. Enfim, é preciso encontrar motivações fortes para romper com um estilo de vida prejudicial. Em muitos casos o diretor espiritual precisa fazer encaminhamentos médicos ou a clínicas de recuperação. O apoio familiar é decisivo nessas situações.

11 Quanto a desanimados e desiludidos com a vida

Deve buscar a reflexão sobre o sentido da vida. O ser humano tem a capacidade essencial de buscá-lo. A existência em si mesma é uma busca de sentido: um sentido do todo particular que a cada um cabe descobrir. A vida vem a ser assim uma missão, uma tarefa. O importante não é tanto o que nós esperamos da vida, mas o que a vida espera de nós. Sem chegar a conhecer o sentido da vida, muitos experimentam o vazio existencial. É frequente nos transtornos e está por trás de numerosos sintomas psíquicos. Para quem nega o sentido da vida, o sofrimento e a morte são especialmente incompreensíveis e angustiantes. Quem encontra Deus vê mais claro o objetivo da sua vida, preocupa-se do presente com a esperança de alcançar a meta.

Seguir os valores cristãos não é uma vida fácil, regalada e sem obstáculos, renúncias, sacrifícios e tensões. Mas, quando é levada com espírito de fé, é uma vida cheia de alegria, porque uma vida cheia de amor. Sem dúvida, há os que não conseguem viver os valores cristãos com serenidade. Por seu modo de ser e pensar, em parte recebido em herança e em parte adquirido, têm uma tensão exagerada que, em certas ocasiões, paralisa-os ou destrói. Podem ver nos ideais e nos mandamentos somente regras inflexíveis, que se deveria levar apenas com as próprias forças, sob a ameaça dos mais cruéis castigos. Deus se converte para eles em um juiz implacável.

Não há receitas pré-fabricadas para todas as situações. Em algumas ocasiões e evidente a dificuldade psicológica de base, noutras vezes a razão do mal-estar se descobre num problema moral, ou é a incoerência, por exemplo, de uma vida dupla. Sempre há que se ter em conta a pessoa em sua dimensão espiritual, também pode estar alterado por um processo patológico ou uma deformação. Diante da dúvida, um bom médico ou psicólogo saberá orientar o paciente a um sacerdote; e um sacerdote ou diretor espiritual, por sua vez, saberá orientar em alguns casos a um profissional da saúde. Infelizmente, são também muitos os que para tentar resolver conflitos espirituais ou morais procuram ao psiquiatra ou psicólogo, em lugar de fazê-lo a um sacerdote.

12 Atendimento a pessoas com tendência homossexual

“A homossexualidade designa as relações entre homens ou mulheres, que experimentam uma atração sexual exclusiva ou predominante para pessoas do mesmo sexo. Tem-se revestido de formas muito variadas, através dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves a Tradição sempre declarou que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. São contrários à lei natural, fecham o ato sexual ao dom da vida, não procedem duma verdadeira complementaridade afetiva sexual, não podem, em caso algum, ser aprovados²⁹.”

“Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição³⁰.”

“As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã³¹.”

13 Espiritualidade e espiritualidades

Importa chamar a atenção para o fenômeno da diferença de linha de espiritualidade.

Existe apenas uma espiritualidade cristã, a que se baseia na Revelação cristã tal como é transmitida: na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição. “Uma mesma é a santidade que cultivam, nos

²⁹ Catecismo 2357.

³⁰ Catecismo 2358.

³¹ Catecismo 2359.

múltiplos gêneros de vida e ocupações, todos os que são guiados pelo Espírito de Deus”³². “Todos os fiéis, de qualquer estado e condição, estão chamados à plenitude da vida crista e à perfeição da caridade”³³.

Nessa única espiritualidade estão inscritos alguns princípios, normas e valores que nunca podem ser desconsiderados: fazem parte de um todo que não se deve restringir, aumentar, deformar, cortar ou reinterpretar à modo do interesse de cada um. São aspectos constitutivos da Revelação e, portanto, da espiritualidade e da estrutura fundamental da Igreja. P. ex. a doutrina da fé, a esperança da vida eterna, a caridade, as obras de misericórdia, a Cruz, a penitência, a oração, a justiça divina, o sentido da morte, a conversão, as virtudes, os sacramentos, etc.

Porém, é possível – e de fato sucedeu na história da espiritualidade – acentuar algum desses aspectos (sem eliminar os outros). Ou seja, são dimensões espirituais constitutivas da própria Igreja que se tornam como que índoles específicas, modalidades ou acentuações de um aspecto sem negar o todo. P. ex. a pobreza é uma virtude, um conselho, um voto e uma espiritualidade especificada. Todos devem viver a virtude, Jesus aconselha o desapego e despojamento como caminho de perfeição, alguns fazem o voto de pobreza ao ingressarem em institutos de vida consagrada, e, dentre esses, alguns escolhem os exemplos de São Francisco de Assis e Santa Clara nas diversas denominações franciscanas.

Há apenas uma espiritualidade cristã-católica e várias espiritualidades peculiares. A espiritualidade cristã-católica é uma só se considerarmos sua substância, a santidade, e os meios fundamentais para nela crescer³⁴. Assim como há diversos modos de viver a única espiritualidade cristã, também há diversos caminhos e cada batizado pode optar por aquele ao qual se sinta chamado por Deus, que mais lhe convém, segundo suas necessidades e inclinações. Portanto, uma pluralidade de itinerários. As modalidades da santidade são múltiplas e, portanto, as espiritualidades são diversas. Uma espiritualidade comum e várias espiritualidades peculiares que são acentos de algo na espiritualidade comum. Uma só fonte, uma só meta, mas diversos carismas, situações, ministérios, condições e itinerários.

É oportuno distinguir as espiritualidades: de época (medieval, barroca, etc), de estados de vida (ativa, contemplativa, matrimonial, familiar, etc), de dedicação principal (cuidado dos pobres, dos doentes, dos jovens, etc), de missões (ad gentes, operários, intelectuais, profissionais de uma área específica, etc), tarefas e ministérios, de escola (beneditina, carmelita, franciscana, etc).

Há um duplo movimento: tendência unitária (pontos comuns), tendência diversificadora (peculiaridades). É compreensível que surjam radicalismos: excesso unificador (ignora carismas, é empobrecimento), excesso diversificador (radicaliza os perfis particulares, apega-se aos próprios métodos, linguagem, modos, torna absoluto o acidental e relativiza o absoluto, formação de grupos sectários). O certo: universal é a espiritualidade da Igreja. As particulares espiritualidades não podem se apresentar como boas para todos.

No caso do dirigido que quer viver uma dessas espiritualidades peculiares: em algum momento deve procurar quem possa ajudá-lo nesse caminho. Procurar um diretor da ordem dos beneditinos desejando viver a espiritualidade carmelitana seria provavelmente um equívoco.

Ou seja, a unidade da fé e da espiritualidade não apenas são compatíveis com uma diversidade de acentos, mas também com a existência de modos diversos de levar a cabo a espiritualidade na Igreja. Unidade não é, portanto, sinônimo de uniformidade. A espiritualidade pode e deve ser una e plural ao mesmo tempo. A unidade e a pluralidade na expressão da fé têm seu fundamento último no próprio mistério de Cristo, o qual, por ser mistério de recapitulação e reconciliação universais, excede as possibilidades de expressão de qualquer época da história e se subtrai por isso a toda sistematização exaustiva³⁵. A riqueza e a profundidade do mistério divino revelado são tantas que não poderão refletir-se num único modo de viver a espiritualidade cristã, nem se estudar com apenas um tipo de especulação. O que não significa relativismo dogmático, nem significa que todas as opiniões religiosas ou modos de vida sejam igualmente válidas. Significa que existem diversos modos legítimos de expressar a única verdade revelada.³⁶

14 Quanto à fraqueza humana

³² LG 41.

³³ Lg 40.

³⁴ Cf. LG 40-41.

³⁵ Cf. COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Quince tesis sobre la unidad de la fe y el pluralismo teológico*, Vaticano: LEV, 1972.

³⁶ Cf. J. MORALES, *Introducción a la Teología*, Pamplona: EUNSA, 1998, p.268s.

O simples fato de se ter um código moral ou um ideal de vida não é suficiente para o viver. Não basta tentar consegui-lo, ainda que se faça com muita convicção.

A fraqueza é uma realidade com a qual é preciso contar. Provavelmente se existisse um tratamento simples para evitá-la, todos o seguiriam. É uma experiência desagradável e até humilhante esse repetitivo não ser capaz. Mas não existe outro tratamento para a fraqueza senão vencer em cada caso.

E como a vida consciente do ser humano é de tal natureza que todos os atos livres deixam rastro, cada desistência aumenta essa fraqueza e cada vitória a diminui. Cada fracasso aumenta a desagregação e a incoerência. A tal ponto que uma história de fracassos repetidos pode chegar a privar praticamente da liberdade – vício é a disposição habitual e firme em fazer o mal (p. ex. mentir, drogas, álcool, não fazer nada por causa da preguiça).

A fraqueza é companheira da vida humana. É o cupim da liberdade interior. Tira as forças para fazer o que se deve e, se deixar que cresça, destrói lentamente.

O que faz com que a nossa liberdade não funcione bem? O que nos torna fracos? O que nos leva a fazer o que não queríamos fazer ou nos impede de fazer o que tínhamos decidido fazer? Ora, em todos os seres humanos são as mesmas causas, com pequenos matizes.

Atração desproporcionada dos bens

Faz-se o que não se quer porque os bens atraem e arrastam mais do que é devido: deixar-se levar por eles e querê-los desordenadamente, isto é, quando, como ou em uma medida em que não se deveria querer. O que é próprio dos bens é atrair. Com frequência atraem mais do que é devido e pressionam a consciência: enganam sobre o que podem oferecer e criam expectativas excessivas, fazem ficar pendentes e açambarcam as capacidades (p. ex. jogos, tv, internet, pornografia).

Em alguns casos, são os instintos que levam a uma paixão desproporcionada, quase irresistível, para os bens primários (p. ex. comida, bebida, sexo, conforto). Em outros, a desordem nasce da inclinação que se sente pelos bens a que se está afeiçoado (p. ex. trabalho, dinheiro, posição, esporte, partido, clube). Atuam com muita força sobre os sentimentos e muitas vezes não se é capaz de julgar com objetividade. Cada concessão à desordem produz um efeito de realimentação. Cresce a inclinação desordenada, reforça-se o costume de ceder e tem-se menos força para lhe pôr limites. Importante: todos os bens, menos os mais altos, podem chegar a ser amados excessivamente, se não estiverem submetidos à medida da razão (p. ex.: paixão desordenada pelo prestígio, pelo trabalho apostólico, pela música, pelo esporte, pelo colecionismo).

Alguém que não controla as suas paixões vive arrastado como uma marionete nas mãos dos seus desejos. Insistindo: o mal está em não saber guardar a medida e a ordem nos amores; o problema é a desordem com que são queridos.

No campo da sexualidade: “A *sexualidade* afeta todos os aspectos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar, e, de um modo mais geral, à aptidão para criar laços de comunhão com outrem”.³⁷ “Compete a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar a sua *identidade* sexual. A *diferença* e a *complementaridade* físicas, morais e espirituais orientam-se para os bens do matrimônio e para o progresso da vida familiar. A harmonia do casal e da sociedade depende, em parte, da maneira como são vividos, entre os sexos, a complementaridade, a necessidade mútua e o apoio recíproco”.³⁸

Preguiça perante os deveres

Não se faz o que se deveria fazer porque todo o esforço desagrada. A isto se chama singelamente preguiça. São os sentimentos que protestam e resistem ao esforço que a inteligência lhes exige. A preguiça diminui a eficácia de todos os trabalhos. A eficácia da vida de um ser humano tem muito a ver com a sua capacidade de vencer a preguiça. As coisas importantes custam e, se são muito importantes, custam muito. Só aquele que é capaz de vencer-se consegue realizar algo que valha a pena. A preguiça causa muitos males, causa uma infinidade de injustiças (p. ex. autoridade não intervém ou não presta o serviço, o professor não ensina nem corrige, pais descuidados com a formação do caráter dos filhos). É a causa de que cada pessoa seja diferente do “melhor” que poderia ter sido.

E causa mais prejuízos nas esferas da atividade humana em que existem menos aliciantes para o benefício pessoal. A ambição e o proveito pessoal são eficazes embora não sejam nobres ou morais. Por isso,

³⁷ Catecismo 2332.

³⁸ Ibid., 2333.

a preguiça se manifesta com maior força nas atividades que devem ser desinteressadas: a ajuda aos outros, os serviços não remunerados. E na burocracia onde se paga por ocupar um posto. Os que dependem de que seus clientes saiam satisfeitos têm maior motivação para vencer a preguiça.

O amor excessivo pelos diversos bens (atração desproporcionada dos bens) e a preguiça (preguiça perante os deveres) são as causas interiores da fraqueza.

Pressão social

A pressão exercida sobre nós pelo ambiente, a pressão social. Condiciona a nossa liberdade, coage-nos e leva-nos a fazer ou não fazer. Todos fazem o mesmo ou todos pensam assim, pratica-se o politicamente correto.

Portanto, para viver bem, é preciso decisão e treino. É preciso decidir-se e acostumar-se a pôr um limite ao desejo de ganhar, ao capricho de comprar, à ânsia de possuir e de exibir-se, ao estímulo da inveja. Convém propor-se um estilo de vida sóbrio, capaz de conter as forças da voracidade das paixões.

15 Quanto à maturidade humana

“A maturidade humana comprova-se, sobretudo, em certa estabilidade de ânimo, na faculdade de tomar decisões ponderadas e no reto modo de julgar sobre os acontecimentos e os homens”.³⁹ Porém, o mundo atual não favorece a maturidade das pessoas, pois encontramos: mudanças importantes quanto a questões fundamentais (p. ex. valores, normalidade); malversação das palavras (p. ex. amor, liberdade); bombardeio constante de notícias e informações, quase sempre centradas em temas negativos ou polêmicos; excesso de informações (daí a ansiedade, superficialidade, anestesia das consciências pela via do costumeiro, trivialidade por ofuscamento, perplexidade, confusão); apresentação constante de vidas conhecidas sem mensagem interior; ausência de líderes positivos; desorientação moral; relativismo.

Não somos como os vegetais, que avançam na maturidade sem retroceder, ao calor do sol. Há pessoas maduras que voltam à imaturidade, boas pessoas que o deixam de ser. Maturidade requer esforço e tempo, é um processo que dura toda a vida. Há que se armar de muita paciência. Não amadurecemos sozinhos, necessitamos de cuidados, de educação, do tempo dos demais. Primeiro dos pais, depois de quem nos rodeia e da sociedade.

Para amadurecer é fundamental o conhecimento próprio. Esse conhecimento deve distinguir-se da autoconsciência, o conhecimento que tem a pessoa de ser ela mesma. Quando se fala de conhecimento próprio refere-se à compreensão ou ideia que a pessoa tem de si mesma: como é, como reage, quais são os defeitos e capacidades etc. Isso pode ser desconcertante ou provocar dor. Quase todos pensam que se conhecem bem, mas a realidade é outra. A conduta fala sobre a personalidade, e tudo o que se faz influi na personalidade.

A maioria das pessoas tem uma imagem de si mesma que lhe permite agir com autonomia e autoestima. Quando faltam essas duas características a vida se torna difícil. As defesas tratarão de resolver o conflito entre a realidade interna e o mundo exterior. Dessa maneira busca manter o equilíbrio e proteger ou restaurar a autoestima. Essas defesas admitem uma graduação, podem ser patológicos não dependendo da situação na qual se empregam e de quais sejam as consequências. Quanto mais realista é a autoestima, menor será o uso de defesas inconscientes.

Alguns desses mecanismos são: isolamento (tenta separar o mundo cognitivo do afetivo para não se sentir mal – uma espécie de anestesia da afetividade); anulação (pensar, recordar, imaginar ou agir de modo oposto a alguma conduta do passado que tenha provocado sentimentos negativos, para evocar emoções positivas que as contrastem ou anulem); compensação (busca equilibrar ou mascarar os sentimentos negativos que aparecem ante limitações físicas ou psíquicas, reais ou imaginárias, fracasso, equívocos, destacando outras capacidades ou qualidades); substituição (desviar a energia ou impulso que provém de intensas emoções positivas ou negativas a outros estímulos não relacionados com o estímulo original – ira descarregada no travesseiro ou na gaveta); fantasia (criar com a imaginação um mundo ideal no qual tudo vai bem – nos casos extremos pode sentir a necessidade de contar muitos fatos fictícios, terminando por crer em suas próprias mentiras: mitomania); fixação (quando se chega a uma etapa que provoca angústia e de algum modo não entra psicologicamente nela, porque produziria pensamentos, desejos, imaginações ou atos não apropriados, a pessoa fica em uma etapa na qual se sentia feliz – infância, adolescência etc., detém-se o processo de maturidade da personalidade); formação reativa (tenta evitar sentimentos e busca a experiência oposta);

³⁹ OT 11.

identificação (pessoa descontente consigo mesma, invadida por sentimentos de inferioridade ou frustração, busca parecer personagens reais ou fantásticos que possuem os valores que ela deseja – em casos extremos vivem, falam, vestem como a pessoa admirada); identificação projetiva (mecanismo mais patológico, em uma relação interpessoal busca introduzir no outro uma parte do próprio eu – esperanças, ideais, sentimentos – para obter algum benefício ou controle); negação (não querer reconhecer ou admitir o que é evidente; refutar um fato real que provoca uma ansiedade insuportável); projeção (sentir-se mal por haver feito mal algo – sentimento de culpa – ou por algum defeito – sentimento de inferioridade – e atribuir a causa de tudo a alguém ou a algo do mundo exterior, para diminuir a sensação negativa; pode verificar-se também no ato de reforçar a ideia de que os outros também têm os mesmos defeitos, para não se sentir inferior, ou negar suas qualidades); racionalização (pensar só no que agrada; busca suprimir os sentimentos negativos ante qualquer ação ou pensamento contrário às próprias convicções, por medo do sentimento de culpa ou ao castigo); regressão (volta com a imaginação ou a memória a situações passadas nas quais se sentia feliz); repressão (tirar da consciência ideias, recordações, imagens, percepções e impulsos que são penosos ou inaceitáveis; as emoções reprimidas continuam no inconsciente, como se estivessem sepultadas vivas, seguem influenciando e se manifestam em sintomas patológicos); sublimação (um desejo que não pode ser satisfeito porque é censurado se dirige à realização de uma atividade boa ou a ideais que provocarão emoções intensas e positivas).

A imaturidade significa uma pessoa não pronta, com uma psicologia incipiente, incompleta, que não está bem terminada, mas que pode mudar, melhorar e fazer-se mais sólida. Apresenta algumas características em geral: defasagem entre idade cronológica e idade mental; desconhecimento de si mesmo; instabilidade emocional; pouco ou nenhum senso de responsabilidade; deficiente ou ausente percepção da realidade; ausência de um projeto de vida; falta de maturidade afetiva; falta de maturidade intelectual; pouca educação da vontade; critérios morais instáveis.

E quem tem maturidade humana: conhece a si mesmo (limitações e qualidades); tem um bom equilíbrio entre coração e cabeça, entre sentimentos e razão (é capaz de manejar simultaneamente a afetividade e a razão, em boa proporção); é capaz de superar e digerir as feridas do passado; tem um projeto de vida coerente e realista; tem uma vontade sólida, firme, rija, compacta, consistente (portanto, com ordem, constância, motivação e disciplina); tem autodomínio (o governo mais importante é o governo de si mesmo); tem modelos de identificação positivos, atraentes, fortes, coerentes; boa capacidade para a convivência; foi elaborando sentido para a vida; tem saúde mental basicamente positiva.

Portanto, boa parte da maturidade humana se adquire pela aquisição de virtudes humanas, tais como ordem, laboriosidade, prudência, fortaleza, lealdade, veracidade, respeito, paciência, humildade etc.

16 Quanto à afetividade e estados de ânimo

A afetividade humana é uma zona intermediária na qual se une a sensibilidade ao intelectual, e na qual se comprova que o homem é verdadeiramente unidade de corpo e alma. Engloba diversos processos no interior do ser humano, que tem aspectos conscientes e inconscientes. Na afetividade habitam os sentimentos, os afetos, as emoções, o humor e as paixões. Compõe um estado ou uma reação de sinal positivo ou negativo, determinando as atitudes ou condutas do sujeito. A afetividade do ser humano também se refere aos desejos ou tendências permanentes da vontade (à verdade, ao bem, à felicidade, ao amor, à justiça, à salvação).

É evidente que no ser humano existem motivações e forças distintas da racionalidade, as quais influem no seu agir. Algumas manifestações dessas forças são uma prova a mais de nossa limitação e afetam inclusive a liberdade. Alguns acentuam os aspectos inconscientes, os instintos e as necessidades inatas como algo que impele o ser humano. Outros dão mais importância ao mundo dos valores e dos ideais, não inatos, mas eleitos, que atraem desde fora. Os extremos que excluem uma dessas duas dimensões não ajudam a uma boa compreensão da existência.

Os aspectos conscientes são as experiências, razões ou motivos presentes e acessíveis ao conhecimento. Como nem sempre explicam o modo de agir, de pensar, sentir ou se comportar, são intuídos outros fatores dos quais não somos conscientes. Existem impulsos não completamente integrados, como a agressividade ou os complexos de inferioridade, tendências motivacionais mais automáticas que favorecem comportamentos antissociais não desejáveis.

Há elementos fisiológicos como os hormônios ou o sono, físicos como a pressão atmosférica ou a luz, temperamentais como a predisposição (herdada ou aprendida) a ter mais flutuações do humor, ao pessimismo ou ao otimismo, e sociais como o ser apreciado ou aceito pelos outros.

A afetividade influi até na percepção do tempo: para uma pessoa alegre, passa rápido, para a triste, faz-se lento e pesado. Também é no plano afetivo que se encontra o “eu gosto” e “eu não gosto” e “me beneficia” ou “não me beneficia”. São muitos os fatores que influem sobre os estados de ânimo e os diversos componentes da afetividade.

a) Memória afetiva: muito importante; é o conjunto das experiências vividas que deixam um rastro de prazer ou desagrado, não necessariamente consciente, e não desaparece. Pode ressurgir em qualquer momento ante situações análogas. Atitudes emocionais são difíceis de modificar; por isso, buscar atitudes intelectuais (formação para atitudes intelectuais e não para atitudes emotivas: conflito entre “eu gosto” e “me beneficia”).

b) Humor: indica uma disposição de ânimo ou atitude interior difusa e persistente, sem objeto nem estímulo preciso e, portanto, algo pouco consciente. A partir do humor se valorizam as qualidades do estado de ânimo: triste, alegre e otimista.

c) Emoções: são os estados afetivos mais agudos, de alta intensidade e pouco duradouros, produzidos por ideias, recordações e sensações. O agente do estímulo pode ser real ou imaginário (p. ex. medo, cólera, angústia).

d) Sentimentos: duram mais no tempo e nascem ou despertam depois de emoções repetidas. Têm uma intensidade moderada e não são acompanhados de manifestações somáticas.

e) Paixões: são similares aos sentimentos quanto à duração, e às emoções quanto à intensidade alta. Afeto muito vivo por uma pessoa ou coisa, que impele constantemente nessa direção. O controle da vontade torna-se mais difícil. Alguns sentimentos podem se transformar em paixões, se aumentam de intensidade (p. ex. ódio – move a separar do que desagrada; desejo – tendência a um bem ausente). Para Santo Tomás, são onze paixões, seis ligadas ao apetite concupiscível (tendência do prazer sensível) e cinco ligadas ao apetite irascível (tendência a superar os obstáculos a um bem).⁴⁰ “O termo ‘paixões’ pertence ao patrimônio cristão. Os sentimentos ou paixões são as emoções ou movimentos da sensibilidade, que inclinam a agir, ou a não agir, em vista do que se sentiu ou imaginou como bom ou como mau”.⁴¹

f) Instintos e tendências: Dentre os fatores mais automáticos encontramos os instintos. No ser humano, os instintos estão presentes de um modo diverso dos animais e se costumam chamar de tendências. O instinto é seguido espontaneamente, é inato, ainda que se reforce ou modifique com a experiência. As tendências são seguidas somente quando se conhecem seus objetos. São tendências: aceitação social (ser conhecido, obter respeito e estima); afiliação (estabelecer relações de amizade e união); agressividade; ajudar os outros; autonomia (dirigir a própria vida) mudança ou novidade (evitar a rotina ou as repetições); dependência afetiva; domínio; sensibilidade ou excitação; reação; amor-próprio... Portanto, podem até ser contrárias entre si e a força que exercem é sentida de modo diferente segundo as pessoas e a educação que receberam. Estão ligadas à autoestima e podem ser conscientes ou inconscientes.

g) Necessidades: tendências inatas à ação, que surgem de um déficit ou potencialidade natural que não se limita ao aspecto de consciência, mas também à inclinação ao crescimento, o desenvolvimento de si.

“Sentir” pode ser aplicado tanto à sensação (p. ex. sentir as chaves no bolso) como ao sentimento (p. ex. sentir pena). Não se deveria confundir a sensação com o sentimento. Uma realidade é a sensação de viver, de um prazer sensível ou satisfação corporal, e outra bem distinta é a satisfação dos sentimentos, que é algo muito mais rico. A sensação só faz tomar consciência do próprio corpo. O sentimento nos abre à apreciação do mundo que nos rodeia. Ademais, os sentimentos geram uma conduta enquanto que a sensação termina em senti-la. Sensação, é algo que se dá no presente. O sentimento distende-se no tempo ao gerar uma conduta.

Os sentimentos vêm com a constatação de que entre a realidade percebida e a pessoa podem existir acordo ou conflito. É a maneira de estar afetado pelos objetos e pelo mundo em geral (p. ex. a tristeza seria a aversão ou rechaço a um mal presente enquanto sentido). São a consciência da harmonia ou desarmonia entre a realidade e tendências da pessoa: se algo produz tristeza é porque realmente se experimenta como um obstáculo aos que são aos fins próprios. Aqui, sentimento é utilizado em um sentido genérico, equivalente a emoção (que em rigor é uma perturbação mais momentânea e organicamente mais intensa que o sentimento), afeto (que dá o nome ao mundo da afetividade) e inclusive paixão.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO, *Sth I-II* q. 23, a. 4, c.

⁴¹ Catecismo, 1763.

Sentimentos são movimentos da sensibilidade que levam a aproximar de coisas que se considera ou imagina-se como um bem, e a se afastar daquelas que representam um mal. Assim, os sentimentos de entusiasmo, esperança (não confundir com a virtude), alegria, prazer, ternura, gratidão, referem-se a coisas boas. Já os sentimentos de tristeza, medo, angústia, solidão, nostalgia, vergonha, ódio, rancor, referem-se a coisas ruins que aconteceram ou poderiam acontecer. Sem uma atenta consideração de capacidade de ter sentimentos, tem-se uma imagem incompleta do ser humano, e, portanto, falsa.

A análise dos sentimentos mostra quatro elementos fundamentais: 1. Objeto desencadeante e suas circunstâncias, 2. Emoção ou perturbação anímica, 3. Alterações orgânicas ou sintomas físicos, 4. Conduta ou manifestação. A relação entre os quatro elementos é necessária, quer dizer, formam uma sequência constante, de efeito a causa, que se dá na estrutura do desencadeamento de todo sentimento. Por exemplo: ver um leão solto no corredor de casa – surgirá o medo – o coração vai acelerar – sair correndo. Às vezes o elemento desencadeante não é localizável. Ocorre com a angústia, um sentimento cujo objeto precisamente não é localizável, mas genérico, e por isso não se sabe como o evitar.

Os quatro elementos são necessários para qualificar o sentimento: é preciso atender ao contexto e à origem ou objeto desencadeante, ao tipo de perturbação anímica que produz, às alterações orgânicas consequentes, e a resposta de conduta que gera. Somente depois de analisar em cada caso todos esses elementos, é possível chegar a identificar, definir e entender corretamente de que sentimento se trata.

Os sentimentos partem sempre do amor. O que se ama, se deseja; o que impede o amor, se detesta. O que deseja toda pessoa é a felicidade, o que no âmbito dos sentimentos se chama gozo. Assim, qualificam-se os sentimentos a partir das duas grandes tendências sensíveis: desejo ou apetite concupiscível (a inclinação a possuir um bem) e impulso ou apetite irascível (a inclinação a vencer ou apartar os obstáculos que impedem de possuir o bem).

Os sentimentos reforçam as tendências. Desejar que a pessoa não viva seus sentimentos é tentar que não seja humano, que não viva também desde um ponto de vista corpóreo. Isto cria disfunções. No entanto, a valorização excessiva dos sentimentos conduz a outorgar-lhes a direção da conduta, tomando-os como critério para a ação e buscando-os como fins em si mesmos. Essa atitude se chama sentimentalismo.

O sentimentalismo não é uma postura adequada, uma atitude prudente, porque o domínio sobre os sentimentos não está assegurado: é uma parte da alma nem sempre dócil à vontade e à razão. Essa é uma característica importante. Mandar em um sentimento não é o mesmo que dizer a um braço que se levante (p. ex. taras, jogos, drogas).

Assim, os sentimentos podem ir a favor ou contra o que se quer. Não se pode controlá-los completamente se não houver empenho em os educar. Essa possível desarmonia pode produzir patologias psíquicas, morais ou de comportamento (p. ex.: medo de errar gera inibição e não atuação; o medo de engordar pode gerar anorexia e mesclar-se com problemas de autoestima). A aparição ou desaparecimento dos sentimentos não é totalmente voluntária (p. ex. apaixonar-se é algo que, sem previsão, acontece, não é possível se dar a ordem de apaixonar-se; fracasso amoroso: gostaria de esquecer, mas não pode e sofre). Há que se administrar a afetividade, do contrário serão os sentimentos a guiar a vida. Há que se saber conviver com os sentimentos sem se deixar dominar por eles.

A virtude que os domina é denominada autodomínio. Os sentimentos são irracionais em sua origem, mas harmonizáveis com a razão. Esse caráter irracional dos sentimentos é o causador de que na vida humana nem tudo seja exato e coerente.

Os sentimentos produzem imediatas avaliações e atribuição de valores, sobretudo das pessoas. Evocam determinados bens, males, recordações. Essa avaliação espontânea predispõe a conduta em um sentido ou em outro. Em conexão com isso, os sentimentos reforçam as convicções e lhes dão força: quando as coisas se sentem, são mais próprias. Quem quer algo é melhor que queira apaixonadamente, se o objeto querido valer a pena (não é o caso de um carro ou de um vestido, o que assinalaria atitudes superficiais). Colocar paixão nas coisas é enchê-las de sentido (entusiasmo). Quem desfruta do que faz, torna-se alguém atrativo (santos, fundadores, convictos, líderes). A razão é que consegue que a vida tenha uma unidade muito plena: o que deseja o coração, deseja o corpo, a cabeça, todo o ser. A indiferença provoca a morte.

A variedade dos sentimentos produz a variedade de caracteres: parte importante da personalidade de cada um depende dos sentimentos que desenvolve. A intensidade e forma de manifestar dos sentimentos fazem com que predominem na conduta umas atitudes ou outras. Por exemplo: a) o apaixonado (põe paixão e intensidade no que faz, ainda que, às vezes, o que faz não mereça tanta atenção); b) o sentimental (deixa-se

levar pelos sentimentos, não os domina e, por isso, muda muito); c) o cerebral e frio (é inacessível à linguagem do coração, e pode parecer desumano); d) o sereno (é aquele cujos sentimentos tardam a despertar e que, por ser mais reflexivo, tende a ser mais coerente e menos volúvel); e) o apático (carece de paixões, sente pouco, porque conhece pouco, não tem tendências nem metas, não ama nada e, por isso, nada lhe move, é amorfo ou indiferente).

Portanto, o decisivo é que haja uma proporção entre sentimentos e realidade, entre o desencadeamento do sentimento e sua manifestação. É necessário evitar as dissonâncias pelo excesso (o sentimental) ou por defeito (o cerebral ou o apático). Também se deve administrar algumas questões importantes, como por exemplo: não saber aceitar os próprios limites; ficar no nível superficial ao conhecer uma pessoa; decepcionar-se por esperar demasiadamente de alguém de quem não se deveria esperar tanto. Sem o autodomínio, o encontro com a realidade será traumático. Realidade sobre si ou sobre os outros. Há que saber relativizar, ironizar, mostrar-se sereno ante os próprios fracassos: a vida segue. Princípios a serem seguidos pelo autodomínio: a) nem todas as realidades merecem o elevado sentimento que temos a respeito delas, seja este de temor, amor, apreço, etc.; b) muitas realidades merecem melhores sentimentos do que os que temos por elas: não simplesmente subordinar os juízos às primeiras impressões; c) em consequência, as atribuições de valores por parte dos sentimentos há que se corrigir e retificar, deixar-se dominar por elas é, simplesmente, subordinar a própria vontade ao sentimento (p. ex.: esportista que domina a frustração e tristeza depois da derrota ou fracasso, mas continua; o sentimento pode achar bom permanecer na cama, a vontade move a levantar-se em vista de um bem maior: trabalhar, estudar ou rezar).

As decisões do indivíduo sentimental estão mais pautadas pela emoção do momento, pela imaginação, do que pelo raciocínio sereno e equânime. Com a vontade enfraquecida e deslocada para um segundo plano, a personalidade deixa de ter um rumo certo e sujeita-se ao capricho, à alternância de grandes entusiasmos e alegrias passageiras com movimentos de tristeza e depressão. Esse predomínio dos sentimentos leva a motivar-se e desmotivar-se em função do gosto ou do prazer. Raciocina: “não sinto mais nada, não gosto”. E não considera a importância ou a transcendência, para a própria pessoa e para os outros, daquilo que se está fazendo, sejam trabalhos, estudos ou compromissos de qualquer gênero. Em consequência, a vida transforma-se em uma onda que flui e reflui, sempre à procura de novidades, na fuga de tudo que exija sacrifício, abnegação, fidelidade à palavra dada.

O sentimentalismo leva as pessoas a pensarem apenas em si mesmas: “eu sinto, eu gosto, isso me desagrada”. Supervalorizam-se as reações pessoais com o decorrente desprezo pelos sentimentos alheios. Brotam em cascata as consequências negativas: individualismo, situações de atritos; regras de conduta baseadas no impulso, no sentimento; mover-se pela lei do gosto ou do máximo prazer, inclusive justificando todos os crimes.

Características do sentimental: volubilidade (ninguém sabe para onde irá no próximo instante); vive de sensações (valoriza demais a aventura, o fantástico, o que as pessoas sentem, a mídia corre atrás do sensacional, excessiva oferta de sensações); fugas da imaginação (foge do real, futuro imaginário, passado fantástico, lamentações do “oxalá”); impulsividade (reações imediatas, irrefletidas e apaixonadas, toma partido rápido, precipitação de opinião, abandona projetos a médio e longo prazo); fragilidade de caráter (bonitos, mas frágeis e inúteis – bibelôs de estante, dramatismo em qualquer coisa, comodismo, não ajuda nem cresce, receio de enfrentar dificuldades, cheios de dengos e querendo mimos – quem não foi educado pela dor permanece sempre criança); superficialidade (no plano intelectual, funciona à base de intuição, frivolidade, improvisação e descompromisso); pessimismo e melancolia (instabilidade e tristeza, agiganta os problemas e dores, preocupa-se); passividade (best-sellers: “como emagrecer comendo”, “o sucesso ao seu alcance”, “como vencer na vida sem fazer esforço”, “ganhe muito dinheiro em poucos meses”); espera soluções milagrosas, irrealismo); adia o importante para dar lugar ao agradável; somente reza ou vai à Missa quando sente gosto.

Nem todos os sentimentos têm o mesmo valor. Pode-se fazer uma distinção dos tipos de sentimentos pela perturbação psíquica que causam e pela conduta ou manifestação externa que produzem. A *emoção* é vulcânica, intensa, mas costuma passar com rapidez, porque é superficial. Os *sentimentos profundos* não desaparecem tão facilmente, ainda que não sejam detectáveis com facilidade. Pode-se sentir algo muito profundamente e durante muito tempo sem se emocionar por isso (p. ex. ódio que vem de longo tempo, a morte de alguém). A conduta não mediada pela reflexão e a vontade, o *sentimentalismo*, provoca insatisfação. Os ânimos são cíclicos e terrivelmente mutáveis: as euforias e os desânimos vão se sucedendo, especialmente

nos mais sentimentais, impedindo muitas coisas importantes (estudar, trabalhar, divertir-se). É subordinar ao fácil, o que depois decepciona. O *infantilismo* é um grande mal (não querer crescer, assumir responsabilidades). O estado de ânimo é importante, mas não é o mais importante. Os sentimentos são bons quando contribuem para uma ação boa, e maus no caso contrário. E lembrar que *sensação* (consciência de ter um corpo) não é sentimento (gera apreciação do mundo).

Há que se aprender a manifestar os sentimentos, porém levando em conta o sentido comum, a prudência, o senso de oportunidade. Uma personalidade equilibrada requer o sentimento na dose adequada, tal como o tempero na alimentação. Alguns meios para dominar o sentimentalismo: investir na inteligência, refletir antes de atuar, pedir conselho, ter ideais e propósitos de luta, robustecer a vontade, avivar o espírito de sacrifício, esquecimento próprio, servir-se dos sentimentos (p. ex. desejo de vida cômoda transformado em um propósito de trabalho sério). Quantos santos não foram modelo de virtude exatamente nos pontos em que revelavam fendas na estrutura do seu modo de ser. Portanto, a vontade deve impor-se, em função de razões mais elevadas, para fazer ou não fazer o que os sentimentos sugerem. “Experimentar uma emoção não é, em si mesmo, algo moralmente bom ou mau. Começar a sentir desejo ou repulsa não é pecaminoso nem censurável”.⁴²

17 Relação entre maturidade humana e sobrenatural

O ser humano deve empenhar as energias da sua natureza; e nesse empenho as dimensões naturais do agir humano desenvolvem-se e acabam por gerar uns hábitos que são as *virtudes humanas*. São disposições habituais e firmes em fazer o bem racional. “As virtudes humanas são atitudes firmes, disposições estáveis, (...) da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa”.⁴³ As virtudes humanas são o fundamento das sobrenaturais; e estas proporcionam sempre um novo vigor para uma pessoa progredir no sentido do bem. Contudo, sem a graça, as virtudes humanas não chegam à sua perfeição.

A maturidade humana supõe a conjunção da maturidade no entendimento, na vontade e nos afetos: no *entendimento* é capacidade de juízo, critério para julgar as coisas desde uma perspectiva superior, verdadeira e estável, sem se deixar arrastar por tópicos e opiniões de moda; na *vontade* manifesta-se na capacidade de tomar decisões ponderadas e mantê-las com perseverança, enfrentando as consequências; nos *afetos* consiste na estabilidade de ânimo, que harmoniza os sentimentos e tendências sensíveis com o papel regente que corresponde à inteligência e à vontade.

Quando o princípio unificador é a vida divina presente na alma, a personalidade de um filho de Deus vai integrando progressivamente o humano e o sobrenatural. A graça aperfeiçoa o entendimento, a vontade e os afetos: aperfeiçoa, pela fé, o *entendimento* até uma compreensão sobrenatural de Deus, que se estende de um modo ou de outro a todas as coisas; eleva a *vontade*, principalmente pela caridade, a querer a Vontade divina; aperfeiçoa os *afetos*, para tornar possível chegar a ter os mesmos sentimentos do Senhor.

Esse programa tem um nome próprio, Cristo, e é o resultado de fazer nossa a vida de Cristo: pensar como Ele, amar como Ele, atuar como Ele. Será possível avançar por este caminho se, ao mesmo tempo, procuramos morrer para o próprio eu. A tarefa de fazer de cada cristão “outro Cristo” é levada a cabo pelo Espírito Santo. Cristo é o modelo e o Espírito Santo o modelador.

A identificação com Cristo é possível porque: recebemos a vida da graça no Batismo; desenvolvemos a vida da graça com os sacramentos, a palavra de Deus e a educação cristã; Deus chama todos à santidade, “escolhendo-nos em Cristo, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados a seus olhos, pelo amor; que nos predestinou para sermos Seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, por Sua livre vontade”;⁴⁴ a santidade é a tarefa mais importante do cristão. A identificação com Cristo: “Seguir Cristo: este é o segredo. Acompanhá-Lo tão de perto, que vivamos com Ele, como os primeiros doze; tão de perto, que com Ele nos identifiquemos”.⁴⁵ Pode-se resumir em um processo contínuo de quatro etapas: procurá-Lo, encontrá-Lo, conhecê-Lo, amá-Lo.

⁴² FRANCISCO, AL 145.

⁴³ Ibid., 1804.

⁴⁴ Ef 1, 4s.

⁴⁵ Josemaria ESCRIVÁ, *Amigos de Deus*, 299.

O caminho da santidade passa sempre pela Cruz: toda a vida de Jesus está orientada para o sacrifício da Cruz; não há santidade sem renúncia (mortificação) e sem combate espiritual (ascese); o caminho da santidade é, acima de tudo, crescimento no amor a Deus, e leva, gradualmente, a viver na paz e no gozo das bem-aventuranças.⁴⁶ Um cristão sabe que deve pôr os meios humanos ao seu alcance para resolver todas as dores, evitar as injustiças, defender os seus direitos, etc. Mas depois, seja qual for o resultado, deve vir a aceitação, o abandono nas mãos de Deus.

Levantam-se também “nuvens de pó”, dificuldades de vários tipos (desencanto, vacilações, experiência da desordem das paixões, etc.) que parecem tornar a meta mais longínqua. A inclinação para o mal e a resistência para o bem são conhecidas na sua exata dimensão quando se procura de verdade a santidade.

18 Quanto às doenças espirituais

A tentação de alguns consiste em fazer de sua virtude um salvo-conduto para o céu, a tentação de outros é fazer da misericórdia divina um salvo-conduto para o pecado. Daí a presunção: pecar contando de antemão com o perdão. A misericórdia é infinita, mas o perdão pode ser trivializado, vilipendiado.

Podemos e devemos reconhecer que somos pecadores reincidentes, contumazes, empedernidos. Mas, ao mesmo tempo, podemos e devemos arrependê-nos novamente, outra vez, uma vez mais. Não deixarei de pedir perdão com o pretexto de que meu arrependimento seria falso. São duas coisas perfeitamente compatíveis: a conversão sincera e o pressentimento de que pecarei de novo. Deve doer o fato de ser um pecador contumaz e deve-se alegrar de ser um pecador continuamente perdoado. Culpado e amado.

É um erro pensar que nossas virtudes ou nosso arrependimento podem nos conseguir a salvação. E outro erro é pensar que nossas quedas e recaídas fazem impossível a salvação. A salvação é obra de Deus. Só em Deus se deve colocar a confiança. A conversão nunca é para ser deprimente, mas alentadora. Tentar de novo, com mais realismo, com mais sobriedade, com mais desconfiança de nós mesmos. O grande problema não é o pecado, mas acostumar-se ao pecado.

A direção espiritual não pode se limitar a ser um pronto-socorro, uma ajuda emergencial para problemas pontuais (crise conjugal, perda de um ser querido, filho drogado, desemprego, ruína econômica). A verdadeira direção é uma orientação habitual, para o dia-a-dia, rumo à santidade. Contudo, é natural que muitas vezes os fiéis recorram como “pronto-socorro” espiritual. Logicamente, atender essas consultas e desabafos com dedicação e carinho, como um bom médico, mas mesmo os “acidentados” devem ser ajudados a enxergar mais longe, a compreender o que Deus lhes pede naquelas circunstâncias, a entender com fé a cruz e a abraçá-la.

Um bom médico nota-se pela capacidade de fazer, quanto antes, um diagnóstico, por ter “olho clínico”. O diretor espiritual, especialmente em relação às pessoas que começam a amadurecer espiritualmente ou a assumir colaboração nas tarefas pastorais, deve ter olho clínico para detectar algumas “doenças” que influem em todo o “organismo”, como uma anemia profunda ou uma infecção generalizada.

Finalmente, um bom médico deve saber agir com pulso quando se torna necessário intervir prontamente com uma cirurgia. Por exemplo, de cortar uma ocasião próxima de pecado grave ou de escândalo. Não o fazer, equivaleria a deixar que um câncer progredisse ou que um membro fosse sendo tomado pela gangrena: deve agir, porém, com uma clareza e uma energia que estejam impregnadas de caridade, de apoio fraterno, e que não humilhem.

Os primeiros inimigos da vida espiritual são os pecados capitais: soberba, luxúria, avareza, gula, preguiça, inveja, ira. E por causa da preguiça vem a desordem (falta da virtude da ordem) e o conseqüente mal aproveitamento do tempo, que é dom de Deus. O preguiçoso reza mal, trabalha mal, estuda mal, ama mal. Assim, dentre as primeiras orientações que o dirigido precisa receber está o propósito de viver bem a virtude da ordem e de ter um plano de vida espiritual de acordo com suas condições. De qualquer forma, a preguiça não é o único inimigo a enfrentar. Há que se ter cuidado com as chamadas doenças espirituais.

A) Sentimentalismo: ter uma religiosidade meramente emocional, que não sabe apoiar-se na cruz, na abnegação, na doação generosa, em uma “vida em ordem”, com horários que garantam a fidelidade aos propósitos de orar, meditar, ler, etc., tanto se a pessoa “sente” vontade e disposição de fazê-lo, como se não “sente”.

⁴⁶ Cf. Catecismo, 2015.

O que importa é viver de fé, de convicções. É a fé que arrasta o amor. Amor sem raízes de fé, é folha seca ao vento. Bento XVI descreve: “Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor em uma cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos”.⁴⁷

B) Pietismo: muito relacionada com a anterior, que consiste em reduzir o progresso espiritual à simples melhora e incremento de atos de piedade e devoção, sem buscar formação doutrinal nem se esforçar por adquirir virtudes. A mentalidade pietista vê no humano algo que pode dificultar a fé, ou, pelo menos, como um mundo que tem poucos pontos de contato com o sobrenatural. É centrar-se em umas práticas rotineiras ou sentimentais de devoção omitindo o cumprimento dos próprios deveres.

Surge, então, a figura do “beato”: está metido(a) em mil coisas da Igreja, mas dá mau exemplo, por falta de critério e de virtudes; e assim desprestigia-se, pois aparece ante todos como pessoa preguiçosa, maldizente, profissionalmente medíocre, cheia de amor-próprio, vaidade, maledicência, inconstância, etc.

C) Voluntarismo: é característica a dos fiéis que, de modo explícito ou implícito, pensam que, afinal, tudo depende de sua força de vontade. Esquecem-se de que Jesus afirmou: “Sem mim, nada podeis fazer”.⁴⁸ Por causa desse engano, tais pessoas lutam e trabalham sem pedir a ajuda a Deus, sem rezar com constância, sem viver cada vez mais intensamente os sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, sem oferecer mortificações pela sua melhora espiritual e pelo apostolado. Não se pode esquecer o “primado da graça”, que tanto salientou João Paulo II na *Novo millennio ineunte*.⁴⁹

D) Ativismo: dedicar-se às atividades temporais e apostólicas prescindindo da oração e da recepção frutuosa dos sacramentos. É uma espécie de voluntarismo: “a minha ação é a minha oração”, esquecendo que o agir supõe o ser. Já ensinava Santo Agostinho; “Antes de permitir que a língua fale, o apóstolo deve elevar a Deus sua alma sedenta, com a finalidade de dar o que tiver bebido e espriar aquilo de que tenha se nutrido”.⁵⁰

E) Espiritualismo refugiado: pensa que o mundo é mau e deve buscar refúgio no templo; leva ao abandono da vida profissional e familiar, deixando de cumprir os seus deveres; concebe o fato de ir ao templo como o principal da vida cristã.

F) Tristeza-apatia: alegre não é a mesma coisa que conformado (esse está decepcionado); são causas da tristeza: a perda de tempo; a inveja e a comparação; a autossuficiência. Há que se distinguir da depressão.

G) Tibieza: estado de mediocridade, acomodação e desleixo espiritual. É verdadeiro câncer espiritual.⁵¹ Pode causar completa indiferença e ódio. Chega-se pelo caminho do desleixo, habituando-se ao que ofende a Deus. O grande mal não está em cometer erros, mas em se acostumar com eles, perdendo a sensibilidade para a realidade do pecado como ofensa a Deus. Santo Tomás define como certa tristeza, pela qual o homem se torna lento para realizar atos espirituais, por conta do esforço que comporta.⁵²

Pela tibieza surge a rotina, o tédio, o aborrecimento. “Nada há efetivamente tão fácil que nossa muita tibieza não nos apresente difícil e pesado; como nada há de ser tão difícil e penoso que não nos faça absolutamente fácil e leve nosso fervor e determinação”.⁵³ Assim, começa-se a inventar na liturgia para que se torne mais “atrativa”, começa-se a simular, agitar-se e fazer teatro. No trato pessoal com Deus, preguiça é má vontade. Abandono da luta efetiva para melhorar.

A tibieza tem seis filhas, como apresenta Santo Tomás:⁵⁴ a) falta de esperança (desalento, desânimo, falta de forças); b) imaginação descontrolada; c) torpor e preguiça mental para o sobrenatural; d) pusilanimidade diante das empresas sobrenaturais; e) rancor e espírito crítico contra quem luta para ser mais santo; f) irritada oposição que se transforma em autêntica maldade. “A *evagatio mentis* (imaginação descontrolada) manifesta-se, por sua vez, na tagarelice, na insaciabilidade de novidade, na apetência

⁴⁷ BENTO XVI, CV 3.

⁴⁸ Jo 15, 5.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, NMI 38.

⁵⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, *De doctr. christ.*, 4.

⁵¹ Cf. Ap 2, 1-6; 3, 1-3; 3, 14-16.

⁵² TOMÁS DE AQUINO, *STh* I, q.63, a. 2.

⁵³ JOÃO CRISÓSTOMO, *Discurso sobre a compunção*, I, 5.

⁵⁴ TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II, q. 35, a. 4, ad. 2.; *De malo*, q. 11, a. 4.

indomável de derramar-se no variado, em uma inquietude interior, na inconstância da decisão e na volubilidade de caráter”.⁵⁵

Tibieza é o estado de uma falta de ardor consciente e querida: uma espécie de negligência duradoura ou de vida de piedade a medias, baseada em certas ideias errôneas — que não se deve ser minucioso, que Deus é grande demais para ser tão exigente em pequenas coisas, que há outras que fazem o mesmo. Daí sucedem: descuido habitual das pequenas coisas; falta de contrição pelos erros pessoais; ausência de metas concretas para maior intimidade com o Senhor; deixar de lutar por progredir interiormente; abandono da mortificação; apegos a pessoas e coisas; oração vaga, dispersa e exame de consciência displicente; desgosto no trato com Deus; o silêncio passa a afligir; calculismo; esperteza maliciosa; tentações grosseiras e violentas; pensar só em si; conversar só sobre si; irritabilidade desproporcionada; busca de compensações; falta de sobriedade; frivolidade; férias pagãs.

São atitudes contra a tibieza: a) atenção às coisas pequenas, aos detalhes de amor; b) dor de amor (exames e confissão).

Ninguém é bom se não aspira a ser melhor: enquanto neste mundo, não existe um patamar onde possamos nos fixar; uma pessoa deve subir ou descer; quem tentar imobilizar-se cairá inevitavelmente. E deixará de ser bom quem não desejar ser melhor.

A tibieza é a negação da entrega total a Deus. É querer dividir a vida em duas vontades: uma para Deus, outra para mim. O tÍbio anda à procura do caminho amplo: o mais cômodo, o mais grato, o que exige menos esforço. E isso em tudo: no trabalho, na família, nas relações com os outros. “O caminho mais rápido para o inferno é aquele que é gradual – um leve declive, um caminho suave, sem curvas abruptas, sem marcações e sem placas”.⁵⁶

H) Farisaísmo: os fariseus presumiam ser justos e desprezavam os demais.⁵⁷ A acusação principal de Jesus aos fariseus é a hipocrisia. Os fariseus estiveram na mira principal de Jesus. Não por desprezo, mas para tentar quebrar a casca. O Senhor chega ao ponto de, em Mt 23, repetir oito vezes: “ai de vós, fariseus hipócritas”. Aos fariseus unicamente interessava a aparência, a exterioridade. Jesus condenava não a sua doutrina, mas a mentalidade (hipocrisia e soberba). O zelo exagerado pela lei e pela pureza legal teve como consequência um isolamento altivo, o desprezo pela massa “ignorante e impura” e um particularismo exacerbado. A mentalidade exclusivamente jurídica trouxe consigo formalismo e hipocrisia.

Para os fariseus valia o princípio: o homem piedoso não se associa aos ímpios. Os transgressores da lei e os pecadores devem ser isolados, devem ser eliminados do povo santo de Deus. Assim há que se proscreever o pecador, restabelecer a ordem e alcançar a santidade. Essa atitude farisaica pode se repetir entre os cristãos: uma dureza de juízo tal que não aceite que um pecador, por maiores que tenham sido os seus pecados, possa converter-se e ser santo. “E não tratemos mal aos que vêm de uma região longínqua, pois nós também estivemos longe, como ensina Isaías: Uma luz brilhou para aqueles que habitavam no país das sombras da morte”.⁵⁸ “É verdade que foi pecador. Mas não faças dele esse juízo inabalável. Vê se tens entranhas de piedade, e não te esqueças de que ainda pode vir a ser um Agostinho, enquanto tu não passas de um medíocre”.⁵⁹

Na contraposição de Jesus aos fariseus está uma reação frente ao formalismo no qual havia incidido grande parte de seu partido religioso. Mais: vem da revelação do amor infinito de Deus Pai. O fruto disso não foi a supressão da Lei, mas sua radicalização, mais exatamente, sua espiritualização.⁶⁰ Ou seja, o acento na atitude interior como fonte e razão do agir. Cumprir a Lei não consiste na sujeição meramente material a umas normas ou preceitos. Mas, antes de tudo em uma disposição ou atitude de ânimo da qual brotam as ações e os comportamentos. Relativamente a Deus que ama com amor de Pai, não há outra resposta que a do próprio amor. E a consequência lógica é a recondução da totalidade da Lei ao preceito do amor.

Apegado a si mesmo, cego pela soberba, o sujeito acha-se no direito de desprezar os demais. Não pensa ter necessidade de mudar nada, de arrepender-se e humilhar-se. As coisas mais importantes são as que ele faz. O importante não é Deus. Inverte os papéis, faz de Deus um devedor e de si mesmo um credor: eu fiz

⁵⁵ TOMÁS DE AQUINO, *STh* II-II, q. 35, a. 3, ad. 3.

⁵⁶ C. S. LEWIS, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 60.

⁵⁷ Cf. Lc 18, 9.

⁵⁸ AMBRÓSIO, *Exp. ad Lucam*, 7, 214.

⁵⁹ Josemaria ESCRIVÁ, *Caminho*, 675.

⁶⁰ Cf. p. ex. Mt 5, 21s.27s.38s.43s.

obras boas e agora Deus deve me pagar. O fariseu é modelo da pessoa religiosa segura de si. Representa quem é fiel em várias coisas, porém julga que Deus está em dívida para com ele. Para ele tudo se reduz a um sistema de retribuição e castigo. Cumpridor, diligente, consciente dos méritos, quer a retribuição. Por isso, não compreende a misericórdia para os pecadores.

Só importa a ostentação, a fachada, a reputação social. Até a oração fica contaminada. A oração como qualquer outra atividade humana pode ser nada sincera, aparentemente revestida de virtudes e méritos diante de Deus. Curiosamente, o fariseu mais perfeito aspira a ser tido por alguém não só incontestável, mas também humilde. Realmente a hipocrisia constitui uma homenagem que o vício rende à virtude.

Há quem seja fiel em várias coisas, porém julga que Deus esteja em dívida para consigo, e não compreende a misericórdia para os pecadores. A misericórdia seria uma debilidade, uma traição à justiça. Para o estilo farisaico, o pecador nunca poderia ser objeto da misericórdia – isso constituiria um privilégio de quem não necessita dela, uma prerrogativa do justo. E esse, ao menos de vez em quando, somos nós. Por exemplo: quando a Eucaristia vira prêmio de bom comportamento; quando cumprir a lei é o mais importante, ou ao menos é o necessário; quando a confissão é um ato meramente jurídico-criminal, ato mecânico de descarregar pecados. Ora, pecado, mais que transgressão, é ofensa.

Costumamos dizer: “somos pecadores”. Como confessamos nossas culpas, presumimos a sinceridade. Como não ocultamos nossa miséria, pensamos que já somos honrados. Desse modo, ao sentir-nos tão honestos pelo simples fato de confessarmos-nos culpados, acabamos caindo no mesmo pecado nefando de auto complacência e orgulho. Cuidemos de não nos acharmos honestos pelo simples fato de confessarmos-nos culpados, e acabar caindo no mesmo orgulho. Declaramos ser pecadores e intimamente nos cremos justos. Ora, mais vale um caminhão de pecados puxado pela humildade do que um caminhão de boas obras puxado pela soberba, ensinava São Francisco de Sales.

“Sou autêntico e os outros são hipócritas”. “Eu tenho a alma aberta, em contraste com a rigidez e a mesquinhez de alguns”. “Meus pecados são mais leves, mais dignos de indulgência que os de outros”. Com essas frases ou com parecidas, declaramos ser pecadores e, no entanto, intimamente nos cremos justos. Os justos que se apreciam de pecadores: mais admiráveis que os justos convencionais.

Ademais, como pode alguém julgar acerca de outro? Tudo está repleto de juízos temerários e preconceitos. Aquele de quem desesperávamos, de repente converte-se e torna-se ótimo. Outro, do qual muito esperávamos, subitamente fraqueja e faz-se péssimo. Nem nosso temor é seguro, nem certo o nosso amor. Aquilo que cada um é hoje, mal sabe ele próprio. No entanto, é alguma coisa hoje. O que será amanhã, nem ele o sabe.

Por fim, a falsa humildade. Alguém se pensa bom só porque se declara mau publicamente, e de preferência no plural. De fato, mesmo tradicionais frases da liturgia podem ser mal compreendidas: “Senhor, tem compaixão de nós, que somos pecadores”: é um risco sério para o cristão habituado a usar o plural nas suas confissões públicas.

Em uma fase seguinte, de aprofundamento no orgulho, crê que sua missão consiste em denunciar os pecados da Igreja: “somos pecadores, somos intolerantes e excludentes”. Não deixa de ser curioso pensar: bastaria condenar energeticamente o farisaísmo judeu e suas formas atualizadas para crer que não somos como eles, ao menos não nós. Infelizmente, somos bem parecidos com aquele que dizia: “Teimoso? É quem discute comigo”.

I) Automatismo: a virtude é uma disposição habitual. No entanto, ocorre que um hábito quando se consolida corre o risco de tornar-se mecânico. Ao final, a virtude fica esvaziada de sua própria substância. Exemplo: tudo se reduz a um sistema de correspondência, retribuição e castigo. Muito consciente de seus méritos, aspira à retribuição justa.

Por exemplo: quando a Eucaristia vira prêmio de bom comportamento, quando cumprir a lei é o mais importante, ou ao menos é o necessário, quando a confissão é um ato meramente jurídico-criminal, ato mecânico de descarregar pecados.

J) Gula espiritual: fazer da oração uma busca de consolações. Na vida espiritual, precisamos evoluir das consolações de Deus ao Deus das consolações. É necessária uma purificação gradual. Quanto mais se ama a Deus, mais consciente se faz, o sujeito, de suas infidelidades, mais vivamente percebe a distância abissal entre a sua própria miséria e a santidade de Deus, entre o seu amor e o amor de Deus. Os santos se professaram sempre grandes pecadores. Seu testemunho não era retórico ou pedagógico. Era sincero, ditado

por um conhecimento mais profundo de Deus e de si mesmos. Desde Santo Agostinho, é doutrina comum que quem não pecou foi porque Deus o preservou de cair e, conseqüentemente, é ainda mais devedor ante Deus.

K) Acédia egoísta: característica de “sacerdotes que se preocupam obsessivamente com o seu tempo pessoal. (...) sentem imperiosamente necessidade de preservar os seus espaços de autonomia (...) O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansam mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer.”⁶¹

L) Pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja: “no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como o mais precioso elixir do demônio. Chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico”.⁶²

M) Pessimismo estéril: “é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre. Ninguém pode empreender uma luta, se de antemão não está plenamente confiado no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos”.⁶³

19 Quanto à compreensão do que é e do que não é a direção espiritual

Existe em sentido amplo e em sentido estrito. Todas verdadeiras “direções espirituais”. Distinguir não é necessariamente separar, mas considerar os diversos âmbitos de um dos principais serviços que Jesus Cristo deixou à Igreja. Como exemplos de “direções espirituais” em sentido amplo: a que um bispo faz coletivamente com seus diocesanos, a que um pároco faz coletivamente com seus paroquianos, a que um sacerdote denominado diretor espiritual faz coletivamente em seminários, colégios, movimentos e associações de fiéis etc. Tudo isso é muito importante, contudo não é a “direção espiritual” propriamente dita: individual, de abertura de coração, de luta para adquirir virtudes e extirpar defeitos, e, principalmente, de crescimento na intimidade com Deus e cumprimento de sua vontade.

Direção espiritual e aconselhamento pastoral não são a mesma realidade. Aconselhamento é o atendimento pessoal a quem busca um conselho, uma orientação, uma sugestão de rumo a tomar em um determinado e, em geral, crítico momento da vida. É absolutamente esporádico, episódico, por motivações variadas. Quando cessam as motivações, cessa a busca do aconselhamento.

Direção espiritual e acompanhamento espiritual não são necessariamente a mesma realidade. Acompanhamento é “ir junto”, um atendimento algo continuado e significa bem mais do que o simples aconselhamento, ainda que o inclua habitualmente. O acompanhamento é mais ou menos esporádico, mas não simplesmente episódico, brota de uma consciência que já percebe a oportunidade de ser ajudada habitualmente pelos conselhos, observações e motivações de alguém mais preparado e experiente.

A direção espiritual não é fazer pessoas dependentes e sem critério próprio. Há dois suportes da direção espiritual, que são a liberdade e a responsabilidade de quem busca essa ajuda. A direção espiritual é incompatível com a ideia de se converter em “marionetes que se movem pelo puxão de uns fios”. O seu exercício não se deve orientar no sentido de fabricar criaturas carentes de juízo próprio, que se limitem a executar materialmente o que outrem lhes disse; pelo contrário, a direção espiritual deve tender a formar pessoas de critério. E o critério implica maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito, educação da vontade.

A direção espiritual não é feita de ordens e coação. As indicações do diretor espiritual não são ordens, mas conselhos, sinalizações que não só respeitam a liberdade, mas potencializam o espírito de responsabilidade e de iniciativa da pessoa. A vida espiritual está cheia de imprevistos tanto como os da vida corrente, porque é sobre ela que tem de se projetar, vivificando-a, e cada um deve enfrentar esses imprevistos com o critério bem formado, sem “paralisar-se” ou necessitar de uma resposta vinda de fora para cada situação.

⁶¹ FRANCISCO, EG 81-82.

⁶² Ibid., 83.

⁶³ Ibid., 85.

A tarefa da direção espiritual tem em vista precisamente fazer pessoas com a sabedoria, a segurança e a desenvoltura de quem educa a inteligência e a vontade para captar e cumprir em tudo o desígnio de Deus. É esta atitude responsável a que forja as virtudes necessárias para o perfeito exercício da liberdade. Não se pode esquecer que, como ensina o Catecismo da Igreja Católica, “a liberdade é no homem uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade”.⁶⁴ Ninguém pode ser substituído no caminho para Deus: é a própria pessoa que tem que caminhar, que levantar se cai, que correr se há atraso. O diretor espiritual é um guia, não “uma cadeira de rodas ou uma muleta”.

Direção espiritual e sacramento da reconciliação não são a mesma coisa. Há que distinguir cuidadosamente o âmbito do sacramento da reconciliação e o âmbito da direção espiritual. Esse sacramento existe para perdoar pecados. De per si, a direção espiritual não perdoa pecados. Ordinariamente a confissão deve ser breve, íntegra e clara, restringindo-se à declaração de pecados. Já a direção espiritual trata de tudo, positivo e negativo, relacionado com a santidade, procurando aprofundar os assuntos. Contudo, o múnus do sacerdote no tribunal da penitência não se deve limitar a ouvir e a absolver pecados. Ao conhecer as necessidades do penitente e os caminhos de Deus sobre ele, sentir-se-á levado a aconselhá-lo. Dada a relação que existe entre a confissão e a direção, compreende-se que haja interesse em que a mesma pessoa acumule as funções de confessor e de diretor. Mas não se pode confundir direção espiritual com “ter um confessor”.

Direção espiritual feita esporadicamente (de vez em quando) não é direção espiritual propriamente dita. Por sua natureza, a direção espiritual reclama frequência e constância. Situações, problemas, dificuldades, tendem a serem esquecidos (o que foi relevante há dois meses pode não ser hoje) ou negligenciados em sua importância. Direção espiritual cuja conversa é mais espaçada que uma vez ao mês, dificilmente ainda é direção espiritual. Sem dúvida, poderá ainda assim ser uma ajuda inestimável de acompanhamento espiritual. Também nesse campo exigir o “ótimo” pode ser inimigo do “bom”: poderá haver um progresso na compreensão da importância da direção espiritual.

A direção espiritual é um meio utilíssimo, mas não é estritamente necessária para a santidade ou à salvação. Seria equivocado entender por utilidade da direção espiritual como necessidade estrita, por exemplo: impossibilidade de salvar-se sem ela. Quando falta o diretor, não havendo má disposição, Deus supre-o em tudo.

A direção espiritual não é unicamente um desaguadouro dos sofrimentos. Sem dúvida também o é. O dirigido deve falar de seus sofrimentos, suas mágoas, decepções e crises, pois o diretor está ali também para ajudar nessas horas. Mas a direção espiritual não deve ser apenas isso, deve ter objetivos maiores e lutas para superar, com espírito de fé, as dificuldades e contrariedades da vida.

A direção espiritual não é unicamente momento de tirar dúvidas doutrinárias, ainda que possa incluir. “Não se trata apenas de uma consulta sobre temas doutrinários, mas, antes, sobre a vida de relacionamento, intimidade e configuração com Cristo”.⁶⁵

A direção espiritual não é apenas uma conversa entre dois amigos. Lamentavelmente, se não houver prudência, na pretensa conversa de direção espiritual, se acaba falando de muitos assuntos e não se fala das questões principais: as do estado de alma do dirigido.

Então o que é a direção espiritual propriamente dita?

“A direção espiritual é, sobretudo, um auxílio para o discernimento no *caminho da santidade ou perfeição*”.⁶⁶ “O objetivo da direção espiritual consiste principalmente em ajudar a discernir os sinais da vontade de Deus. Normalmente, fala-se de discernir a luz e as moções do Espírito Santo. Existem momentos nos quais tais consultas são mais necessárias. É necessário levar em conta o carisma peculiar da vocação pessoal ou da comunidade na qual vive quem pede ou dá o conselho”.⁶⁷ É a ajuda dada por um cristão (diretor) a outro (dirigido), ajuda essa que capacita o dirigido a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a responder a esse Deus pessoalmente comunicante, a aumentar a sua intimidade com Ele e a viver as consequências desse relacionamento.

Fala-se de “direção” porque trata-se de um dirigir no sentido de guiar, acompanhar, orientar pelo caminho da vida cristã, ensinando a corresponder livremente à graça de Deus. Não significa fabricar criaturas que careçam de juízo próprio e que se limitem a executar materialmente o que o diretor lhes disser. Antes,

⁶⁴ Catecismo, 1731.

⁶⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 69.

⁶⁶ Ibid., 77.

⁶⁷ Ibid., 78

pelo contrário, a direção espiritual deve ter como objetivo formar pessoas de critério, o que supõe maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito e educação da vontade. É um acompanhamento fraterno exercitado como serviço à fé e que inclui necessariamente um aspecto de direção.

A direção espiritual baseia-se também em não se sentir autossuficiente e ter a necessidade de consultar-se com alguém, abrindo a porta da consciência livremente, sabendo que os conselhos recebidos não escusam nem substituem a própria consciência. Se pede conselho, se o faz com liberdade, é como consequência de uma decisão própria. Se pede conselho não é para não decidir por si, mas para poder decidir com uma consciência mais formada. Cada um deverá decidir e prestar pessoalmente contas a Deus de suas decisões. A direção espiritual não só não se opõe à liberdade como a supõe, potencializa e reforça.

De qualquer forma, o diretor deve deixar sempre uma grande liberdade de espírito aos seus dirigidos, pois sua função é ajudar o dirigido a querer cumprir a vontade de Deus, não mandar, mas aconselhar que cada um experimente sua liberdade pessoal e consequente responsabilidade.

Sem dúvida, uma parte importante da direção espiritual é a vida de piedade e, concretamente, ensinar a pôr em prática ou vivenciar mais frutuosamente os outros meios de santificação: os sacramentos e a oração. Dentro dos objetos da direção se encontra sempre o próprio plano de vida espiritual e a luta para o colocar em prática amorosamente. Mas a vida cristã abarca todas as ocupações, não apenas as concretas práticas de piedade, porque todas elas devem santificar. Nesse sentido, a direção espiritual estende-se a todas as atividades sobre o aspecto concreto da sua santificação.⁶⁸ Porém, essas atividades podem ser santificadas realizando-as de modos muitos diversos, compatíveis com a fé, segundo as circunstâncias de cada um. Por isso, as legítimas opiniões e atuações em assuntos temporais não são objetos de direção espiritual.

“Cada um, com espontaneidade apostólica, agindo com completa liberdade pessoal e formando autonomamente sua consciência perante as decisões concretas que tenha de tomar, procura a perfeição cristã e esforça-se por dar testemunho cristão no seu próprio ambiente, santificando o trabalho profissional, intelectual ou manual”.⁶⁹

Ou seja, cada um deve ter seus critérios nas questões temporais, independentes e livres, e a direção espiritual não entra nessas questões (políticas, econômicas, culturais, profissionais, etc.), deixadas pela Igreja à liberdade dos fiéis. O que não quer dizer que se limite às práticas de piedade, entendidas como algo isolado da vida profissional familiar e social. A direção espiritual estende-se a esses âmbitos enquanto matéria e lugar de santificação. O cristão deveria formar suas próprias opiniões e agir nos terrenos profissional e social sendo sempre consequente com a fé. Portanto, são objeto de direção espiritual as questões de moral profissional e tudo o que se refere à santificação nessas atividades (p. ex. como exercitar as virtudes, pois é matéria e campo de seu exercício).

É ensinar a escutar as divinas inspirações e a corresponder; é sugerir a prática de virtudes conforme à atual situação; é não somente o conservar na pureza e inocência, mas fazê-lo adiantar na perfeição; é, em suma, contribuir, quanto em si caiba, para a elevação ao grau de santidade a que Deus o destina.

Divergem os autores sobre a categorização da direção espiritual: para uns é arte, para outros é ciência. Sem dúvida é uma sabedoria que depende da experiência humana e da inteligência divina. Não se pode reduzir a uma pura ciência psicológica ou teológica, ainda que essas tenham importância. Então, direção espiritual seria a arte-ciência de acompanhar as pessoas no desenvolvimento da graça e da fidelidade a sua vocação pessoal, sendo dóceis à ação do Espírito Santo em suas almas.

A direção espiritual procura penetrar abaixo da superfície da vida do homem, colocando-se por trás da fachada dos gestos convencionais e das atitudes que ele apresenta ao mundo, de modo a fazer sobressair a sua liberdade interior, a verdade mais íntima que está nele.

O diretor espiritual é alguém que ajuda a outrem a reconhecer e seguir as inspirações da graça em sua vida, a fim de chegar ao termo a que Deus o conduz. Deve ser apenas (o que não é pouco) o porta-voz de Deus junto às almas e guiá-las nos caminhos divinos e não nos dele mesmo.

20 Quanto às disposições fundamentais para a direção espiritual

⁶⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 122.

⁶⁹ Josemaria ESCRIVÁ, *Entrevista com Mons. Josemaria Escrivá*, 19

Um pressuposto básico para que a direção dê fruto é não perder de vista o seu caráter específico: não é um intercâmbio de impressões, nem uma conversação como a que se pode ter com um médico ou orientador sobre problemas familiares e profissionais, mas uma via da ação do Espírito Santo ao qual se acode para crescer em santidade, não só para receber consolo ou ânimo (ainda que geralmente também se alcance isso). Tampouco são conselhos de uma pessoa mais ou menos sábia ou experimentada. É importante manter viva a convicção de fé de que Deus atua por meio da direção espiritual e conseqüentemente, a confiança na pessoa que a dá.

Geralmente, no início da experiência de direção espiritual é difícil falar. Não desanimar. Dar a conhecer o mundo interior não é fácil para ninguém. Mas é preciso que, aos poucos, se vá conquistando a confiança. Sem que alcançássemos esse clima, a direção espiritual não passaria de uma conversa periódica mais ou menos interessante.

Pouco a pouco, na medida da frequência das conversas, por esse plano inclinado, com boa vontade, se irá manifestando a realidade. E à medida das conversas sucessivas, o diretor espiritual ajudará, com a sua oração, com o seu sincero interesse e o seu estímulo, a conhecer o dirigido em profundidade, isto é, à luz de Deus.

Tais são disposições que não devem faltar a quem recebe direção espiritual: sinceridade (de capital importância para a eficácia, o medo e a vergonha são os maiores inimigos da perseverança); docilidade (deixar-se moldar pelos conselhos que se recebe).

20.1 A sinceridade

“A consulta moral, a exposição confidencial dos próprios problemas, a vivência prática dos meios de santificação, devem compor o contexto da busca pela vontade de Deus. Sem o desejo sincero de santidade, que equivale a colocar em prática as bem-aventuranças e o novo mandamento do amor, não subsistiria o objetivo específico da direção espiritual na vida cristã”.⁷⁰

Portanto, é necessário é que o diretor conheça bem a alma do dirigido. E este deve pedir na oração, com toda a humildade e simplicidade, que Deus conceda graças ao diretor para que possa dar luz para conhecer as misérias, conselhos para organizar sua vida espiritual, conforto nas horas de desânimo e sofrimento. Todos somos tão fracos, que temos necessidade de ser conduzidos, amparados, quer por intermediários suscitados por Deus, quer por Ele mesmo, quando eles momentaneamente nos faltam, ou ainda não os encontramos.

Se desejar que a direção espiritual não seja uma perda de tempo, a primeira atitude a tomar é ser absolutamente sincero. Os frutos de uma conversa com o diretor podem frustrar-se ou atrasar-se por não se ter dado desde o princípio uma imagem clara do que realmente está acontecendo ou por se ter detido em aspectos puramente secundários. Um doente grave, quando vai ao médico, não começa por descrever dores menores que nada ou que pouco tem a ver com o tumor que traz dentro de si. Sinceridade plena, sem reservas nem meias-verdades, sem informações genéricas ou vagas. Aprender a reconhecer os defeitos, misérias e erros. E chamar tudo isso pelo nome, sem querer mascarar com falsas escusas ou lugares-comuns.

A manifestação da consciência, que é absolutamente necessária em direção espiritual, é algo separado da confissão sacramental dos pecados. Em concreto, nossos problemas reais não estão, por vezes, intimamente ligados aos atos pecaminosos. Ou, se o estão, a simples confissão dos pecados em nada contribui para tornar essa relação aparente. A manifestação da consciência, em uma direção espiritual normal, supõe atmosfera de calma, sem nada de apressado, uma conversa amiga, sincera, sem formalidades, na base da intimidade pessoal.

Se queremos aproveitar as vantagens da direção espiritual temos de evitar, de um lado, a inércia e passividade – não dizendo absolutamente nada e esperando que o diretor “mágico” leia nossas mentes e aplique o bálsamo espiritual – e, de outro lado, não devemos falsificar nem dramatizar a situação criando problemas “fictícios”.

O que devemos fazer é pôr o diretor em contato com o nosso “eu” verdadeiro, do melhor modo que pudermos, sem ter medo de deixá-lo ver o que é feio, deformado, miserável. Mas qual diretor

⁷⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 80.

minimamente experiente estranhará que a miséria seja miserável, que a fraqueza seja fraca, que a debilidade seja débil.

Ora, isso implica imediatamente uma atitude humilde, renunciando a esforços por manter uma fachada. Há que deixar o que diretor veja o que realmente pensa, aquilo que na verdade sente e de fato deseja, mesmo quando essas coisas não sejam de todo louváveis. Deve-se ser, tanto quanto possível, muito sincero em relação aos motivos que o fazem agir. O simples esforço em confessar como não se é tão zeloso ou pouco egoísta quanto se aparenta ser, é fonte de graças. Portanto, deve-se entregar à direção espiritual com humildade e compunção, pronto a manifestar coisas de que não se pode orgulhar! Isso significa ter de abandonar toda agressividade quando se trata de si mesmo e a defesa da imagem, libertando-se do instinto de autodefesa, que é o maior obstáculo à graça nas relações com o diretor.

A manifestação da consciência, no sentido profundo da palavra, é, muitas vezes, bem difícil. Pode mesmo ser mais difícil até do que a confissão de pecados. Sente-se uma inexprimível vergonha, uma confusão, ao escancarar as mais íntimas profundezas da alma, mesmo quando nada há ali para nos envergonhar.

A sinceridade é o grande remédio para muitas angústias e problemas pessoais, que deixarão de sê-lo quando se abre à pessoa que pode limpar, curar e devolver a paz e a dignidade perdidas ou ameaçadas. Não ter receio de causar uma impressão ruim ou desfavorável. Já ensinava São Francisco de Sales: “podemos estranhar que a miséria seja miserável, que a fraqueza seja fraca e que a debilidade seja débil?”. Um diretor razoavelmente experiente não se surpreende com nada e sabe ver mais longe, sabe intuir toda a capacidade para o bem que existe no coração humano. Sabe que diante de si tem um santo em potencial e que cabe a ele ajudar nesse plano divino. Muitas vezes, basta abrir a alma para já se ter vencido ou estar a caminho de vencer. É o prêmio à humildade de termos sido sinceros!

Para ser sincero: deve-se evitar tanto o detalhe insubstancial e prolixo como a generalização vaga e anônima; não se justificar, atribuindo a culpa aos outros; ir ao “ponto”, sem falar por símbolos, preocupado em se defender; evitar meias palavras, que obrigariam quem escuta a um esforço mental para adivinhar o que se quer dizer; não cair nas divagações do tipo: “Não fui humilde”, ou “fui preguiçoso”, ou “andei irritado” – Por quê? Quando? Como? Falar desse conjunto de circunstâncias.

Na verdade, é frequentemente mais difícil manifestar o bem que há em nós do que o mal. Mas é precisamente aqui que está o sentido da direção espiritual. Capaz de pôr às claras as secretas aspirações que se acalenta no coração, coisa difícil, por ser o amado refúgio para onde se pode escapar fugindo à realidade. Deve-se ser capaz de expô-las inteiramente, mesmo sabendo que as manifestando corremos o risco de considerá-las em uma outra luz – em que perdem o mistério e a magia em que as envolve. O diretor tem de saber o que, na realidade, se quer, pois só então poderá saber o que em realidade se é.

O diretor deve ser alguém que conhece o dirigido e tenha para com ele uma atitude compreensiva, que saiba desculpar, estar a par da situação e das circunstâncias; não tem pressa, espera, humilde e pacientemente, as indicações da ação de Deus na alma. Não está preocupado apenas com esse ou aquele pecado, mas com a vida toda da alma. Não se acha interessado somente por ações, está muito mais interessado nas atitudes básicas de alma, as mais íntimas aspirações, a maneira de enfrentar as dificuldades, a maneira de reagir em face do bem ou do mal. Em uma palavra, o que interessa ao diretor é o nosso próprio “eu”, com tudo que constitui aquilo que lhe é próprio, a miséria digna de comiseração e a espantosa grandeza. Um verdadeiro diretor jamais deixará diminuir em seu íntimo o sentimento de reverência na presença de uma pessoa, de uma alma imortal, amada por Cristo, purificada em Seu Precioso Sangue, nutrida pelo sacramento do Seu amor. Em realidade, é esse sentimento de respeito pelo mistério da personalidade que faz de alguém um verdadeiro guia espiritual, juntamente com o bom senso, o dom da oração, a paciência, a experiência e uma atitude de compreensão.

Incorreta é a atitude de fugir do sacerdote que nos acompanha como diretor para se confessar com outro, por vergonha. Embora nem sempre esteja no contexto de uma confissão, para ser plena, a direção espiritual pede a mesma sinceridade. E aparece um elemento novo: não queremos apenas uma absolvição e talvez um “conselho piedoso e animador”, mas sim um verdadeiro auxílio para entender e pôr em prática a vontade de Deus em nossa vida. É um processo que pode levar muitos meses ou até vários anos.

Há falsidade quando se procura a direção espiritual apenas para causar boa impressão, especialmente quando no âmbito de formação sacerdotal. É uma farsa porque falta a boa intenção de procurar verdadeiramente a vontade de Deus e a santidade, e porque não se é sincero com o diretor espiritual, não se abre o coração de verdade. Por exemplo: alguém que, com a intenção de aparentar retidão, procura um

renomado diretor espiritual, desejando garantir as aparências; o seminarista toma como diretor um padre que espiritualmente deficiente, justamente porque sabe que este padre, não irá lhe cobrar oração, nem virtudes, nem sacramentos e nem a própria direção espiritual, já que tampouco vive essas exigências da vida interior.

Ligada à sinceridade está a simplicidade. É a virtude da “des-complicação”, que rejeita os artificialismos. A simplicidade se opõe à afetação no falar, ao ar de suficiência, à jactância, ao desejo de não fazer má figura, que são barreiras às vezes intransponíveis para se deixar ajudar.

O diretor espiritual não é um adivinho ou nem tem um detetive a seu serviço. Como também não é um acompanhante que observa ao longo das vinte e quatro horas do dia os passos e atitudes em todos os ambientes e situações: ou se coloca o diretor a par das circunstâncias, com isenção, ou dificilmente ele acertará nos conselhos que dará. Ele pensará ter uma pessoa em frente e terá, na realidade, outra que lhe é desconhecida.

A falta de sinceridade na direção espiritual terá um efeito semelhante ao do homem que vai ao alfaiate e enquanto este lhe toma as medidas, põe-se na ponta dos pés para parecer mais alto, incha o peito para parecer mais forte e encolhe o abdômen para parecer mais esbelto. O grande prejudicado no final será ele mesmo. “Quem oculta ao seu Diretor uma tentação, tem um segredo a meias com o demônio. Fez-se amigo do inimigo”.⁷¹

20.2 A docilidade

“A autoridade do diretor não é fundamentada no poder de jurisdição, mas é aquela própria do aconselhamento e da orientação. No entanto, exige uma fidelidade de base que se traduz numa docilidade filial sem paternalismos. A atitude de humildade e confiança do diretor o levará a rezar e a não se desencorajar quando não consiga ver os frutos”.⁷²

É, antes, uma relação de amizade entre um amigo e um conselheiro. Daí a virtude que se requer na direção espiritual ser mais a docilidade do que a obediência. A docilidade é uma questão de prudência, a obediência é uma questão de justiça. Não fazer caso da orientação de um guia espiritual pode ser imprudente; não é, contudo, um pecado contra a justiça.

A docilidade às sugestões do diretor espiritual, é uma demonstração de fé. A direção espiritual produz frutos de paz e eficácia quando há docilidade. Mas não poderá ser dócil quem se empenhe em ser obstinado, quem discuta o menor conselho que recebe ou se mostre refratário a qualquer ideia diferente da que tem ou da que lhe dita a sua experiência. Ou ainda, quem escute com restrições mentais ou ceticismo as soluções que o diretor espiritual lhe propõe. O orgulhoso é incapaz de seguir conselhos. O humilde sente-se pequeno diante de Deus e necessitado de ajuda. Deixar-se modelar.

É de grande importância descobrir na alma quais os santos desejos que representam a possibilidade de um dom espontâneo e pessoal a Deus, que só a própria pessoa pode fazer. Se há algum dom que só o dirigido possa fazer, então, é quase certo que Deus lhe pede esse dom, e um santo, humilde e sincero desejo é, talvez, um dos sinais de que o Senhor o pede!

A verdadeira simplicidade supõe amor e confiança – quem a possui não pensa ser humilhado nem rejeitado, como tampouco espera ser admirado e louvado. Apenas tem a esperança de ser aceito tal qual é. Essa é a atmosfera que um bom diretor procura provocar: uma atmosfera de confiança e amizade, em que o penitente pode dizer tudo que tem na mente, certo de que será tratado com franqueza e sinceridade. Tudo que disser de autêntico, que lhe venha realmente do coração, podem ser indicações muito importantes da vontade de Deus para a alma – e às vezes tem de ser sacrificadas.

Isso nos dá uma indicação do que o diretor espiritual está realmente querendo saber. Não quer ele apenas estar informado sobre os problemas, dificuldades, segredos. Por isso não se deve pensar que o tempo dedicado à direção não foi bem aproveitado se não girou em torno de um problema. O diretor espiritual está interessado em conhecer o mais íntimo do ser, o ser real. Quer conhecer-nos, não pelos olhos dos outros, nem por nossos próprios olhos, mas como somos aos olhos de Deus. Quer saber a verdade mais recôndita sobre nossa vocação, sobre a ação da graça em nossas almas. A “direção” que nos dá nada mais é, em realidade, do que um meio de nos levar a reconhecer e obedecer ao nosso verdadeiro guia – o Espírito Santo, escondido nas profundezas de nossa alma. Jamais devemos esquecer-nos de que, na realidade, não somos guiados nem

⁷¹ Josemaria ESCRIVÁ, *Sulco*, 323.

⁷² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 104.

ensinados pelos outros e que, se necessitamos de “direção” humana, é somente porque não podemos, sem o auxílio humano, tomar contato com aquela “unção” (do Espírito) que tudo nos ensina.

Talvez não haja tarefa mais difícil e delicada para um diretor espiritual do que a orientação de cristãos chamados a uma vida de oração, vida interior. Começa a olhar para si próprio, julgar suas reações; pior ainda, preocupa-se em pensar se deve ou não as tornar conhecidas a seu guia espiritual. Evidentemente, isso é fatal à autêntica oração interior e mesmo, com o tempo, leva à ruína vocações contemplativas verdadeiramente boas. Um contemplativo não é alguém que toma a sua oração a sério, mas que toma Deus a sério, é faminto de verdade, e procura viver em simplicidade generosa, no espírito. Uma humildade ardente e sincera é a melhor proteção à sua vida de oração. Um diretor que saiba estimular a simplicidade e a fé encontrará muitos contemplativos, verdadeiros e simples.

20.3 Constância

A vida interior não se improvisa. É preciso conhecer derrotas e vitórias; começar e recomeçar, sem esperar resultados imediatos, ainda que vez por outra apareçam. Deveria ser suficiente saber que, enquanto perseverarmos no esforço, a vida interior progride.

A constância manifesta-se, antes de mais nada, em assegurar a regularidade das conversas com o diretor espiritual. Muitas vezes, manter essa periodicidade exige sacrifícios de não pouca monta, por conta das dificuldades externas, como compromissos profissionais ou familiares. Deus premia esse esforço com nova luz e novas graças.

Com frequência, as dificuldades que surgem são internas: preguiça, o desânimo de não ter seguido os conselhos recebidos da vez anterior, de não ter sequer aberto o livro de espiritualidade recomendado, de não ter evitado determinada ocasião próxima de queda para a qual foi alertado. É então, talvez, quando parece não se ter nenhuma notícia boa a dar, que mais se precisa dessa conversa fraternal, que tirará da apatia ou da fraqueza e devolverá a esperança de vencer e a capacidade de entusiasmar-se.

Na continuidade da direção espiritual, vai se forjando a alma; com alternância de derrotas e vitórias, começando e recomeçando quantas vezes forem necessárias, aos poucos se edifica a santidade. Para isso, é necessário querer, persistir em querer, teimosamente.

21 Quanto às atitudes do dirigido

O dirigido deverá colaborar decididamente, colocando o melhor de suas energias.

Em primeiro lugar, ser consciente de que necessita dessa ajuda.

Em segundo lugar, sinceridade. Normalmente, para que o diretor conheça a alma, é necessário que o penitente o esclareça, lhe diga com toda a sinceridade o que ele precisa saber: as faltas e suas raízes, as tentações, as lutas, os esforços, as atrações para o bem, os atos de virtude. Dizer tudo que é útil, não significa estar obrigado a dizer tudo. Deve dizer unicamente o que respeita às coisas da alma, e sem pormenorizar. Se o dirigido tem o dever de ser sóbrio, o diretor tem o dever de se prestar, quando nisso vai o bem real de uma alma, a longas confidências.

Em terceiro lugar, docilidade, estar disposto para seguir as indicações recebidas com alegria e prontidão. Docilidade que será tanto melhor quanto mais sobrenatural e confiante, não devendo, porém, mudar-se nunca em passividade.

Em quarto lugar, assiduidade e pontualidade.

Em quinto lugar, perseverança na luta. A luta se forja dia a dia, semana a semana, persistindo com valentia nos propósitos. E para progredir nesse sentido, é necessário ter umas metas concretas, uns objetivos claros, e saber quais os meios adequados para alcançá-los: saber para onde e por onde se vai. Pode-se viver amarrados ao orgulho, à irritabilidade, ao mau gênio, à susceptibilidade, à preguiça, ao comodismo, à sensualidade, escravizados pela cobiça, pela ânsia de dominar, ou pela inveja.

Sem dúvida, o diretor pode se enganar; mas isso não é motivo para não o ter, ou, tendo-o, para não confiar nele. O diretor tem a graça de estado. Pode haver engano em quem aconselha: mas não em quem é dócil ao conselho se não houver motivos para não o seguir.

Quanto a mudar de diretor: não se deve mudar de diretor sem grave motivo; mas também não se deve continuar com o mesmo, sobrevivendo razões legítimas para mudar. Pode ser útil mudar nos três casos seguintes: se a primeira escolha for malfeita; se sobrevém, de uma parte ou de outra, apego muito humano (com mais razão, havendo grave perigo para o penitente, ou para o diretor, ou para os dois); se o guia espiritual deixou de ser um socorro para a alma.

22 Quanto às atitudes do diretor

Dirigir almas é uma arte. É cooperar com o Espírito Santo para ajudar o outro a se comunicar com Jesus Cristo. Quem orienta espiritualmente é só um instrumento. Deve esforçar-se por viver a humildade de saber-se só um instrumento. Os dirigidos não são sua propriedade ou seus dependentes. Inclusive deve respeitar as diversas formas de espiritualidade aprovadas e comprovadas que existem dentro da espiritualidade cristã. Daí deve nascer uma atitude de sumo respeito, serviço e humildade. O diretor espiritual se esforçará por conhecer bem a pessoa e acompanhá-la. Deste modo ajudará a discernir e a realizar a Vontade de Deus para esta pessoa concreta, considerando o seu temperamento, as suas circunstâncias e a sua liberdade.

A maioria dos grandes mestres espirituais, ao que parece, começou pela experiência. Dessa experiência é que tiraram, a seguir, os princípios para a vida pessoal e para a direção espiritual. É o caso de Santo Inácio de Loyola que foi introduzido em uma experiência espiritual, muito antes de ter algum conhecimento teórico da vida interior e, menos ainda, sobre a arte de orientar a outros em sua busca de Deus.

É, portanto, ao nível do impacto da ação divina sobre a inteligência, o coração, que tenta entender essa ação. Sabe muito bem que o corpo é a caixa de ressonância de uma ação espiritual tão profunda que é muito raro chegar a apreendê-la. Para ele, o discernimento dos espíritos é de capital importância. Esse discernimento não está ordenado primeiramente a uma ação, mas ao conhecimento da maneira pela qual Deus age e assim se faz conhecer.

Para ser um diretor espiritual, deve-se procurar compreender a ação de Deus em si mesmo e nos outros. Por mais limitado que seja o círculo daquele a quem ajuda, abre horizontes mais vastos e impede de divagar e acreditar que as próprias experiências espirituais são únicas no mundo.

Se acredita que a sua experiência é “a experiência”, que o seu caminho é “o caminho”, não será jamais um bom diretor espiritual. Há aqueles que não compreendem que outras pessoas sigam outros caminhos. Desejariam que todos seguissem o caminho deles. Por isso é que querem convencê-los a caminhar ao seu lado. O verdadeiro mestre pode caminhar sozinho. Quanto mais conhece a singularidade de seu próprio caminho, mais admite que os outros possam seguir os seus próprios caminhos.

É necessário, portanto, que quem deseja ajudar os outros, viva intensamente sua própria experiência e que nela mergulhe até o fim. Que aceite de ir na frente, ainda que um dia se encontre absolutamente só com Deus. Ora, para ir até o fim dessa experiência, precisamos de tempo, de meses e de anos.

Não basta viver a sua experiência por ela mesma, é preciso ser capaz de compreendê-la. Daí a importância de guardar as anotações por certo tempo. Uma experiência não pode ser totalmente compreendida fora de uma história, que é a história pessoal. Nesse campo não há discernimento instantâneo. É preciso, aos poucos, ir compreendendo o significado e a importância de tais acontecimentos.

Todo diretor espiritual deve reconhecer com humildade que tem seus próprios limites. Nenhum diretor deve acreditar, e ainda menos dizer, que é capaz de guiar, ou acompanhar, todos que vêm a ele. É por sua própria experiência que descobre ser capaz de guiar. Não deve, pois, surpreender-se se as pessoas que vieram bater à sua porta, não mais voltaram.

Alguns diretores espirituais têm um vasto conhecimento de espiritualidade. Sabem um pouco de tudo e podem aconselhar e guiar grande número de pessoas. Possuem bastante experiência e bom senso para serem bons guias, prudentes e suficientemente esclarecidos. Provavelmente leram muito e estudaram muito. Mas pode faltar profundidade à sua experiência. É necessário que o guia possua um conhecimento global da vida espiritual dentro da tradição cristã.

Para ser um bom mestre espiritual é preciso ter a ciência, a experiência e o dom de discernimento. Alguém que conheça perfeitamente a história da espiritualidade e os métodos de oração, pode ser um diretor medíocre se lhe faltar discernimento.

O diretor espiritual está não para si mesmo. Mesmo que o dirigido venha para iniciar-se em um método de oração, o diretor nunca deverá esquecer de que o dirigido seguirá o método conforme seu próprio ritmo, seu próprio passo e de uma maneira pessoal, de acordo com o seu temperamento. O que o diretor espiritual precisa conhecer o mais depressa possível é o itinerário de seu discípulo e o lugar onde chegou no momento presente. Sabendo disso, terá condições de ajudá-lo a discernir que itinerário seguir doravante.

Ora, somente o Espírito de Deus que conhece seus caminhos, pode dar o sentido de Deus de que precisa para reconhecer a sua ação nas outras pessoas. Esse, sendo de Deus, é feito de ciência e de sabedoria.

Esse dom de julgar a sua ação em si mesmo, torna-se o dom do conselho que se destina especialmente à direção espiritual. E não se pode perceber a ação de Deus nas pessoas senão à luz de uma sabedoria que vem de Deus e não de si mesmo.

O diretor espiritual deve estar sempre atento àquilo que chamamos habitualmente de encontro entre a graça e a natureza naqueles que dirige. É por isso que lhe é necessária uma experiência pessoal que o torne capaz de escutar, compreender e ajudar.

O verdadeiro diretor espiritual, por mais elevada que seja a etapa a que chegou, não se esquece do caminho e das etapas anteriores. Sabe onde se encontram as passagens perigosas. Sabe como atravessá-las ou contorná-las. Tudo isso permanece gravado profundamente em sua memória e em seu ser. Talvez nem sempre tenha consciência disso, mas, em dado momento, quando caminha com um dirigido, sua experiência volta-lhe à lembrança. Pode então aconselhar, encorajar e sustentar nos momentos mais difíceis.

Não é uma imperfeição o fato de não ser ainda santo quando se está ainda a caminho. É uma realidade que se deve aceitar. As etapas são diferentes de uma pessoa para outra, diferente também o ritmo da caminhada. Sendo realmente honesto em seu desejo de guiar cada pessoa no ritmo que lhe convém, tomará consciência da imensa complexidade do problema. Acabará por fazer sobressair disso tudo as leis do progresso que permanecem praticamente constantes em todas as experiências espirituais, sem deixar de estar atento ao itinerário pessoal de cada pessoa. Poderá tranquilizar seu discípulo que, caminhando à noite, na penumbra ou com a luz, precisa ser acalmado.

O diretor espiritual deve ser capaz, portanto, de dar, àqueles de quem se encarrega, um conhecimento básico equilibrado que envolva os aspectos essenciais da vida interior – aspectos psicológicos, teológicos, morais e espirituais. Isto quer dizer que o próprio diretor deve estar convencido da necessidade de tal iniciação. Não pode recusar essa primeira função de mestre que ensina aos discípulos o que eles devem saber.

Santa Teresa pede circunspeção, inteligência e prudência como qualidades necessárias a um diretor espiritual. E afirma que, devendo-se escolher entre clarividência e santidade de vida, é preferível a clarividência.⁷³ Riqueza de conhecimentos e de experiências, capacidade de discernimento, profundo conhecimento dos itinerários espirituais: são decisivos para um diretor espiritual.

A santidade de vida é importante, enquanto busca e objetivo de vida (porque neste mundo não há santo que não possa se perverter e pecador que não possa se santificar). Pensar diferente seria uma contradição que não demoraria a ser desmascarada.

Senso da adaptação: a arte de dar a cada alma direção apropriada e progressiva. Os caminhos de Deus sobre as almas são diferentes; mas nenhuma se pode aperfeiçoar senão seguindo aquele por onde Deus quer que ela siga. Os diretores devem aplicar-se particularmente a fazer o dirigido discernir, a fim de não os conduzir nunca senão por estes mesmos caminhos, porque todos os outros, por mais santos que pareçam, são descaminhos para as pessoas que por eles não são chamadas.

“Em geral, pede-se aos diretores que tenham um grande espírito de acolhida e de escuta, com senso de responsabilidade e disponibilidade, com tom de paternidade, de fraternidade e de respeitosa amizade, sempre como serviço humilde de quem oferece um conselho, evitando o autoritarismo, o personalismo e o paternalismo, além do que a dependência afetiva, a pressa e a perda de tempo em questões secundárias, com a devida discrição e prudência, sabendo pedir conselho oportunamente aos outros, com as devidas reservas, etc. Estas realidades são integradas pelo dom do conselho. Não deve faltar uma nota de bom humor que, se autêntico, é sempre respeitoso e contribui para redimensionar muitos problemas artificiosos e a viver mais serenamente.

Para exercitar o dom do conselho requer-se o conhecimento ou ciência (teórica e prática) da vida espiritual, a experiência desta, o sentido de responsabilidade e a prudência. A harmonia entre estas qualidades fundamentais exprime-se como proximidade, escuta, otimismo, esperança, testemunho, coerência, no suscitar desejos de santidade, firmeza, clareza, verdade, compreensão, amplitude ou pluralidade de perspectivas, adaptação, perseverança no processo ou caminho. Geralmente, o diretor ou conselheiro espiritual (escolhido, proposto ou indicado) é apenas um, com o objetivo de assegurar a continuidade. Na vida de alguns santos pode-se observar uma grande liberdade em consultar outros e em mudar de diretor quando se constata que é melhor para a vida espiritual. A eventual mudança de diretor deve ser sempre possível e livre, quando existem motivações válidas para um maior crescimento espiritual.

O diretor deve conhecer bem a pessoa que ajuda, para que procurem juntos os sinais da vontade de Deus no caminho da santidade e nos momentos especiais da graça. A diagnose versará a respeito do modo

⁷³ Cf. TERESA DE ÁVILA, *Vida*, 13.

de ser, das qualidades e dos defeitos, do desenvolvimento da vida espiritual pessoal, etc. A formação dada corresponde ao momento da graça. O diretor não faz o caminho, mas o segue, assistindo a pessoa em sua realidade concreta. Quem guia as almas é o Espírito Santo e o diretor deve secundar a sua ação. Deve manter constantemente um respeito profundo pela consciência dos fiéis, criando um relacionamento adequado para que haja uma abertura espontânea da consciência, e sempre agindo com respeito e delicadeza. O exercício do poder de jurisdição da Igreja deve sempre respeitar a reserva e o silêncio do diretor espiritual”.⁷⁴

Portanto, são aspectos necessários: afã de santidade (empenho sincero de tender pessoalmente a mesma meta que propõem aos outros), o contrário seria hipocrisia; entrega aos demais; humildade de instrumento (implorar do Espírito Santo graças, dons e luzes, não se atribuir os méritos dos progressos de quem recebe a direção, nem se escandalizar por suas misérias); amor à liberdade (dar liberdade, ensinar a administrar essa liberdade, com sentido de responsabilidade); confiança (a desconfiança desforma as consciências, pois se perde a espontaneidade e iniciativa); ciência (conhecer a doutrina teológica, do contrário corre-se o perigo de equivocar-se e desorientar); prudência (dirigir a conduta prática de uma pessoa em seu caminho à santidade, conhecer a situação de cada alma, saber sugerir os meios oportunos, propor metas altas mas com realismo, dar conselhos otimistas com conteúdo sobrenatural, que animem); experiência; obrigação de guardar estrito sigilo de ofício (análoga à obrigação do segredo profissional, com a gravidade especial de que implica o próprio Deus).

Acima de tudo, o diretor espiritual deve ter as seguintes convicções: 1. A consciência de que não é nem o modelo nem o modelador: o modelo é Jesus Cristo; o modelador, o Espírito Santo, por meio da graça; 2. Seu papel é apenas (nada mais e nada menos) o de ser instrumento nas mãos de Deus; as orientações que dá não podem ser “opiniões pessoais”; 3. A direção espiritual, por ser tarefa sobrenatural (santificadora), deve apoiar-se, antes de mais nada, nos meios sobrenaturais (na sua oração, na sua mortificação, em uma sólida vida interior, própria de quem procura seriamente a santidade); 4. Como fruto da vida interior, o instrumento de Deus estará em condições de manter aceso o zelo apostólico, a vibração que contagia e leva os outros a vibrar, a desejar servir (suscitam-se, assim, vocações) e a fazer apostolado. “Embora a graça possa levar a termo a obra da salvação também por ministros indignos, no entanto, prefere Deus ordinariamente manifestar as suas maravilhas por meio daqueles que se fizeram mais dóceis ao impulso e à direção do Espírito Santo, pela sua íntima união com Cristo e santidade de vida”.⁷⁵

CONCLUSÃO

Tudo isso carrega de significado uma discussão antiga: direção espiritual é ciência ou arte? Ora, as duas. Em determinado momento mais uma do que outra. Mas, às vezes mais do que ciência ou arte, parece um quebra-cabeça. Só por Deus e com as luzes do Espírito Santo.

⁷⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, op. cit., 101-103.

⁷⁵ PO 12.